



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 4 - Quarto levantamento | **JANEIRO 2016**



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Lineu Olímpio de Souza

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Roberto Naves e Siqueira

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Giovanna Freitas de Castro (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA **grãos**

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 4 -Quarto levantamento | **JANEIRO 2015**

Monitoramento agrícola – Cultivos de inverno (safra 2015) e de verão (safra 2015/16)

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4- Safra 2015/16 - Quarto levantamento, Brasília, p. 1-154, janeiro 2016.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Leonardo Amazonas (Geole -soja)

André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

João Marcelo Brito Alves (Geint)

Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)

Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)

Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)

Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)

João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)

Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)

Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nollêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafras/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- o8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 15



5. Estimativa de produção ----- 17



6. Crédito rural ----- 20



7. Monitoramento agrícola -----43



8. Análise das culturas ----- 63

8.1. Culturas de verão----- 63

8.2. Culturas de inverno----- 114



9. Balanço de oferta e demanda----- 126



10. Preços ----- 128



11. Câmbio ----- 136



12. Exportação e importação ----- 138





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/2016

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 210,5 milhões de hectares. O crescimento deverá ser de 1,4% em relação à safra anterior.

A área plantada prevista ficará entre 58,5 milhões de hectares, crescimento previsto de 0,9% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada afetada pela redução de área na Bahia, segundo maior estado produtor. Plantio iniciado.

Amendoim: a estimativa é de redução da área em relação a 2014/15, porém com aumento da produção, fomentada pelo aumento de produtividade.

Arroz: há perspectivas de redução de área em quase todos os estados produtores.

Feijão: aumento da produção e produtividade do feijão primeira safra, mesmo com redução de área.

Mamona: estimativa de aumento na produção, área plantada e produtividade.

Milho: perspectiva de redução na área plantada e produção de milho primeira safra em comparação com 2014/15.

Soja: apesar de problemas pontuais, como atraso de plantio, a estimativa é de crescimento na produção e na produtividade, podendo atingir 102,1 milhões de toneladas.

Safra inverno 2015

Aveia: colheita encerrada

Canola: colheita encerrada

Centeio: colheita encerrada

Cevada: colheita encerrada

Trigo: colheita encerrada





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o acompanhamento da safra brasileira de grãos, procura oferecer informações e conhecimentos contextualmente relevantes para todos os agentes que estão envolvidos com os desafios da agricultura, da segurança alimentar e nutricional e do abastecimento.

O relatório foi construído de maneira a registrar e indicar variáveis que podem auxiliar na compreensão dos resultados da safra de grãos e que se inserem como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

A Conab, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, a pesquisa subjetiva de campo, além de outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse relatório, que aborda as informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra, que se encontram nas fases desde o desenvolvimento vegetativo ao início de colheita, no caso do feijão primeira safra, consta os resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia no território nacional, indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e

preços, bem como informes da situação climática, o acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que, a Companhia tem a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos, com o envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados ora divulgados devem ser registrados como esforço e colaboração de profissionais autônomos e técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Registra-se nossos agradecimentos pela indispensável participação de todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,5 MILHÕES DE HECTARES)

Para o quarto levantamento da safra brasileira de grãos, a estimativa é que a área plantada alcance 58,5 milhões de hectares (Tabela 1). No total absoluto, isso representa um aumento de 512,8 mil hectares frente à safra passada, que chegou a 57,9 milhões de hectares.

Neste levantamento foram contempladas as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja. Essas culturas se encontram nas fases de conclusão do plantio em algumas regiões, (soja no Matopiba) ao início de colheita (feijão primeira safra na Região Sul). Ao total da área estimada somam-se às culturas citadas acima, as de segunda safra (amendoim, feijão, girassol, mamona, milho e sorgo), terceira safra (feijão) e as de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale). A cultura da soja, responsável por mais de 56% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento 3,5% (1,1 milhão de hectares) na área cultivada com a oleaginosa. O algodão apresenta redução de 2% (19,5 mil hectares), reflexo da opção pelo plantio de soja na Bahia, segundo maior produtor do país. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução de 7,8% na área (477 mil hectares), a ser cultivada com soja. O feijão primeira safra apresenta redução de 2,7% (28,9 mil hectares).

Esta é a quarta previsão para a safra 2015/16. As culturas de primeira safra tiveram o plantio estendido até

meados de janeiro, em algumas regiões. As culturas de inverno, referentes à safra 2015, finalizaram a colheita. Para as culturas de segunda safra o plantio se

iniciará a partir deste mês e a Conab trará as primeiras estimativas de área plantada no próximo levantamento.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ¹	Jan/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	960,6	956,7	(2,0)	(19,5)
AMENDOIM TOTAL	108,9	106,6	106,5	(2,2)	(2,4)
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	95,6	96,1	(1,6)	(1,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	11,0	10,4	(7,1)	(0,8)
ARROZ	2.295,1	2.207,0	2.143,5	(6,6)	(151,6)
FEIJÃO TOTAL	3.051,0	3.029,1	3.022,1	(0,9)	(28,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.031,3	1.024,3	(2,7)	(28,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.318,5	1.318,5	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	679,3	679,3	-	-
GIRASSOL	111,5	111,5	111,5	-	-
MAMONA	82,1	128,4	128,4	56,4	46,3
MILHO TOTAL	15.692,9	15.279,3	15.215,9	(3,0)	(477,0)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.728,7	5.665,3	(7,8)	(477,0)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.550,6	9.550,6	-	-
SOJA	32.092,9	33.189,0	33.228,4	3,5	1.135,5
SORGO	722,6	736,8	733,0	1,4	10,4
SUBTOTAL	55.133,2	55.748,3	55.646,0	0,9	512,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ¹	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	189,5	189,5	-	-
CANOLA	44,4	44,4	44,4	-	-
CENTEIO	1,7	1,7	1,7	-	-
CEVADA	102,4	102,4	102,4	-	-
TRIGO	2.448,8	2.446,6	2.448,8	-	-
TRITICALE	21,5	21,5	21,5	-	-
SUBTOTAL	2.808,3	2.806,1	2.808,3	-	-
BRASIL	57.941,5	58.554,4	58.454,3	0,9	512,8

Legenda: (1) Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.



Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)

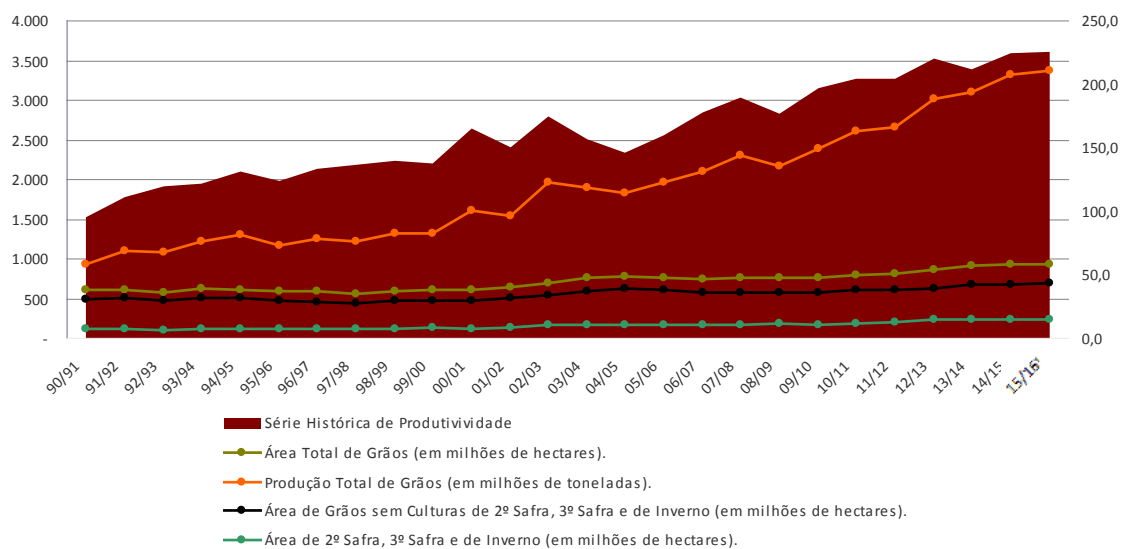


Grafico 2 – Brasil - Produção total por unidade da federação

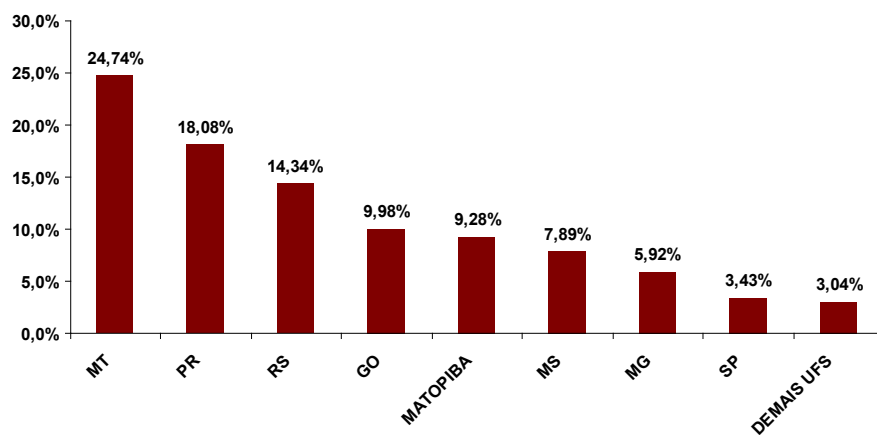
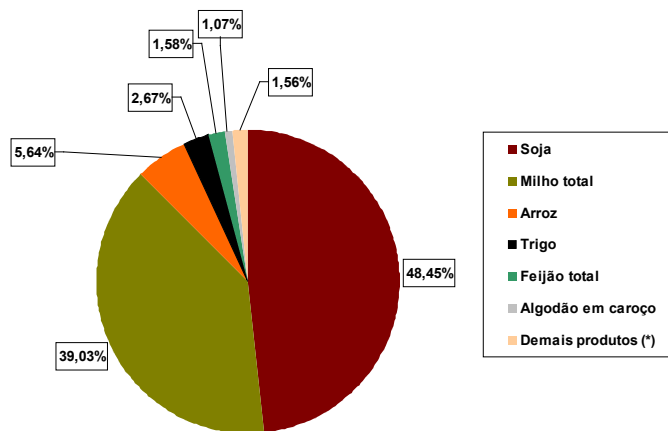


Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utilizou de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontravam em fase de plantio, tendo em vista que ainda são escassas as informações de campo. Como na maior parte das regiões produtoras é levado em consideração as informações de produtividade apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado desses estudos auxilia na redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é que a produtividade seja levemente superior à safra passada.

A estimativa é que a safra de soja alcance produtividades superiores à safra passada em todos os estados produtores. As condições climáticas são favoráveis na maior parte dos estados produtores, com alguns problemas pontuais em função do atraso do plantio e deficit hídrico em dezembro.

Para o milho primeira safra a expectativa é de retomada das produtividades normais e, no âmbito geral, é semelhante à safra anterior.

Para o algodão, cultura altamente tecnificada no país, a estimativa é que a produtividade seja semelhante à safra anterior. A estimativa é menor do que a safra anterior porque as produtividades naquele ano foram recordes.

O feijão primeira safra teve problemas na safra anterior, tendo em vista que a cultura possui ciclo curto e sofreu com veranicos durante o desenvolvimento e chuva na colheita em parte das regiões produtoras. A expectativa é de produtividade dentro da normalidade, por isso, a recuperação de 7,7% na produtividade.

Para as culturas de segunda e terceira safras, tendo em vista que o plantio inicia em janeiro e abril, respectivamente, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b)	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.351	2.356	(2,1)	(50,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.565	1.568	(2,1)	(33,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.320	3.305	3,8	122,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.429	3.416	4,5	148,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.402	5.425	0,1	6,5
FEIJÃO TOTAL	1.020	1.095	1.103	8,2	83,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.132	1.157	7,7	82,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	847	964	964	13,8	117,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.292	1.292	1,7	21,2
GIRASSOL	1.374	1.613	1.613	17,4	239,2
MAMONA	573	728	728	27,1	155,3
MILHO TOTAL	5.396	5.370	5.411	0,3	15,0
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.797	4.901	0,1	3,3
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.713	5.713	(0,1)	(2,9)
SOJA	2.998	3.087	3.073	2,5	74,6
SORGO	2.844	2.664	2.635	(7,4)	(209,4)
SUBTOTAL	3.653	3.670	3.670	0,5	17,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	1.853	1.853	-	-
CANOLA	1.236	1.236	1.236	-	-
CENTEIO	1.706	1.706	1.706	-	-
CEVADA	2.568	2.585	2.568	-	-
TRIGO	2.260	2.302	2.260	-	-
TRITICALE	2.647	2.647	2.647	-	-
SUBTOTAL	2.230	2.267	2.230	-	-
BRASIL ⁽²⁾	3.584	3.603	3.601	0,5	17,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (210,7 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 210,5 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse aumento equivale a 1,4% ou 2,8 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15 (207,7 milhões de toneladas) (Tabela 3).

A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 5,9 milhões de toneladas, estimada em 102,5 milhões de toneladas. Os ganhos de área e produtividade da cultura refletem num aumento de 6,1% na produção total do país.

Para o arroz, milho primeira e o algodão a estimativa é de queda na produção total, impulsionada pela redução na área plantada. A recuperação das produtividades de feijão reflete em aumento da produção, apesar da queda na área plantada do país.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ³	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.258,2	2.254,1	(4,0)	(94,5)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.503,1	1.500,2	(4,0)	(62,6)
AMENDOIM TOTAL	346,8	353,8	351,9	1,5	5,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	327,7	328,2	2,8	8,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	26,1	23,7	(13,8)	(3,8)
ARROZ	12.436,1	11.921,3	11.628,8	(6,5)	(807,3)
FEIJÃO TOTAL	3.112,2	3.316,5	3.334,6	7,1	222,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.167,1	1.185,0	4,7	53,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.117,1	1.271,6	1.271,6	13,8	154,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	877,8	877,8	1,7	14,4
GIRASSOL	153,2	179,8	179,8	17,4	26,6
MAMONA	47,0	93,5	93,5	98,9	46,5
MILHO TOTAL	84.672,4	82.043,6	82.327,4	(2,8)	(2.345,0)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	27.480,6	27.764,8	(7,7)	(2.317,2)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	54.562,8	54.562,8	(0,1)	(27,7)
SOJA	96.228,0	102.459,1	102.110,5	6,1	5.882,5
SORGO	2.055,3	1.962,8	1.931,4	(6,0)	(123,9)
SUBTOTAL	201.399,6	204.588,4	204.212,0	1,4	2.812,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ¹	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	351,2	351,2	-	-
CANOLA	54,9	54,9	54,9	-	-
CENTEIO	2,9	2,9	2,9	-	-
CEVADA	263,0	264,7	263,0	-	-
TRIGO	5.534,9	5.632,1	5.534,9	-	-
TRITICALE	56,9	56,9	56,9	-	-
SUBTOTAL	6.263,8	6.362,7	6.263,8	-	-
BRASIL ²	207.663,4	210.951,1	210.475,8	1,4	2.812,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.544,6	2,2	3.205	3.208	0,1	7.979,2	8.162,0	2,3
RR	44,7	59,8	33,8	3.559	3.376	(5,1)	159,1	201,9	26,9
RO	463,3	472,9	2,1	3.295	3.359	1,9	1.526,8	1.588,4	4,0
AC	55,5	52,9	(4,7)	1.953	1.989	1,8	108,4	105,2	(3,0)
AM	24,4	24,4	-	2.148	2.221	3,4	52,4	54,2	3,4
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	647,0	(0,3)	2.947	2.934	(0,4)	1.912,3	1.898,5	(0,7)
TO	1.248,0	1.282,6	2,8	3.378	3.360	(0,5)	4.215,8	4.309,0	2,2
NORDESTE	8.120,7	8.173,2	0,6	2.049	2.074	1,2	16.643,2	16.954,5	
MA	1.728,7	1.637,1	(5,3)	2.392	2.522	5,4	4.134,2	4.129,3	(01,)
PI	1.410,6	1.427,4	1,2	2.222	2.251	1,3	3.134,3	3.213,6	2,5
CE	907,7	907,7	-	336	447	33,2	304,8	406,1	33,2
RN	59,3	59,3	-	373	454	21,6	22,1	26,9	21,7
PB	122,9	122,9	-	299	389	30,1	36,8	47,8	29,9
PE	460,1	460,1	-	320	399	24,6	147,4	183,5	24,5
AL	79,9	79,9	-	841	755	(10,3)	67,2	60,3	(10,3)
SE	214,8	214,8	-	3.389	3.901	15,1	728,0	838,0	15,1
BA	3.136,7	3.264,0	4,1	2.572	2.466	(4,1)	8.068,4	8.049,0	(0,2)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.265,8	1,7	3.855	3.891	0,9	88.167,1	90.516,7	2,7
MT	13.586,9	13.772,0	1,4	3.803	3.734	(1,8)	51.670,2	51.425,8	(0,5)
MS	4.043,7	4.162,8	2,9	4.150	4.102	(1,2)	16.782,4	17.073,8	1,7
GO	5.100,4	5.174,7	1,5	3.718	4.084	9,8	18.961,2	21.133,0	11,5
DF	142,4	156,3	9,8	5.290	5.656	6,9	753,3	884,1	17,4
SUDESTE	5.116,3	5.096,3	(0,4)	3.763	3.901	3,7	19.254,3	19.881,7	3,3
MG	3.238,1	3.201,8	(1,1)	3.649	3.897	6,8	11.815,7	12.479,0	5,6
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	3,7	(22,9)	1.875	1.865	(0,5)	9,0	6,9	(23,3)
SP	1.840,9	1.861,1	1,1	4.016	3.947	(1,7)	7.393,7	7.344,9	(0,7)
SUL	19.341,3	19.374,4	0,2	3.910	3.869	(1,0)	75.619,6	74.961,0	(0,9)
PR	9.585,7	9.677,5	1,0	3.920	3.929	0,2	37.579,8	38.027,0	1,2
SC	1.300,8	1.286,4	(1,1)	4.936	4.993	1,2	6.421,0	6.423,0	-
RS	8.454,8	8.410,5	(0,5)	3.740	3.628	(3,0)	31.618,8	30.511,0	(3,6)
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.717,8	1,0	2.321	2.343	0,9	24.622,4	25.116,5	2,0
CENTRO-SUL	47.331,0	47.736,5	0,9	3.867	3.883	0,4	183.041,0	185.359,4	1,3
BRASIL	57.941,5	58.454,3	0,9	3.584	3.601	0,5	207.663,4	210.475,9	1,4

Legenda: Legenda: (*) Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em dezembro/2015.





6. CRÉDITO RURAL

A Conab utiliza das informações do crédito rural para orientar sua avaliação a respeito do plantio da safra 1516. No presente texto será objeto de análise os anos de 2013 a 2015 (novembro), para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

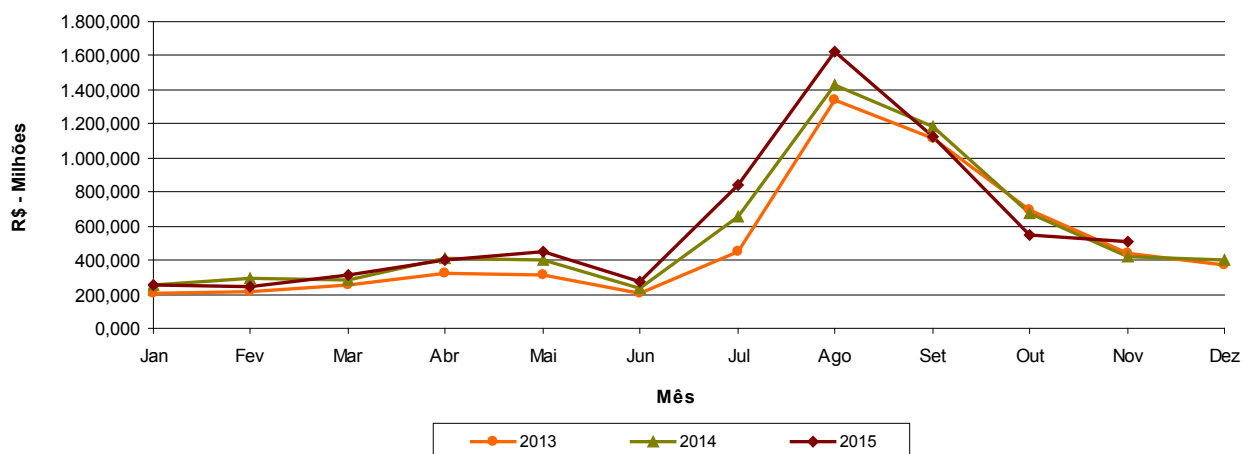
Deve-se ressaltar que a Conab se pauta nas informações do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso para o presente texto foi em 06 de novembro de 2015. Como é de conhecimento amplo, o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

A análise utiliza os financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e financiamento sem vínculo a programa específico.

No Gráfico 4 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015 para o Pronaf.

O comportamento do crédito na linha do Pronaf manteve-se semelhante no período sob análise. No ano de 2015 percebe-se o maior uso do crédito do que nos anos anteriores.

Gráfico 4 – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

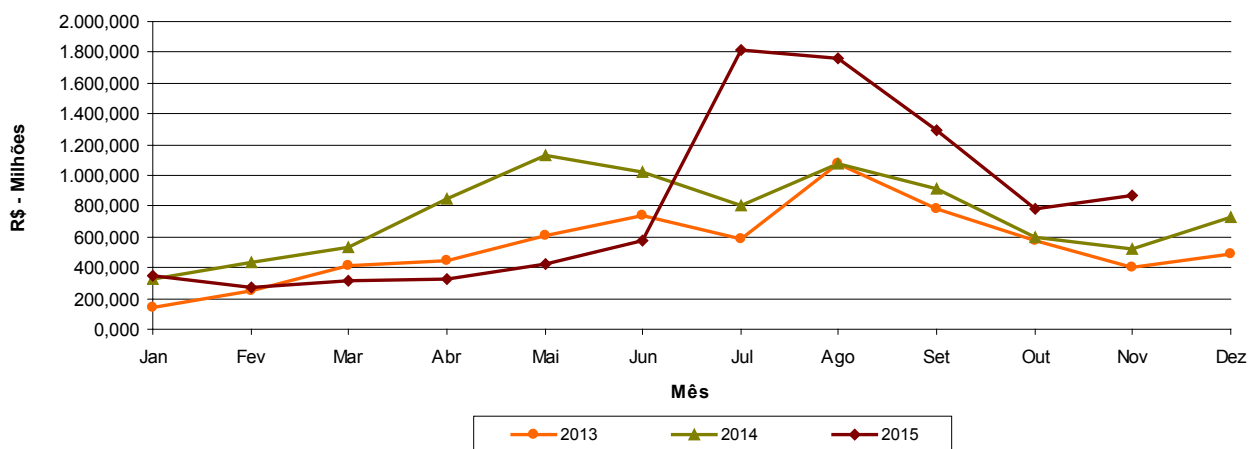
Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

No Gráfico 5 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015 para o Pronamp estão sendo mais utilizados no ano 2015.

monstravam tendência de melhoria, quando comparados com 2013. O comportamento destacado é de que, diferente dos anos anteriores, os recursos foram mais utilizados a partir de julho de 2015.

Observa-se, também, que os créditos em 2014 já de-

Gráfico 5 – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

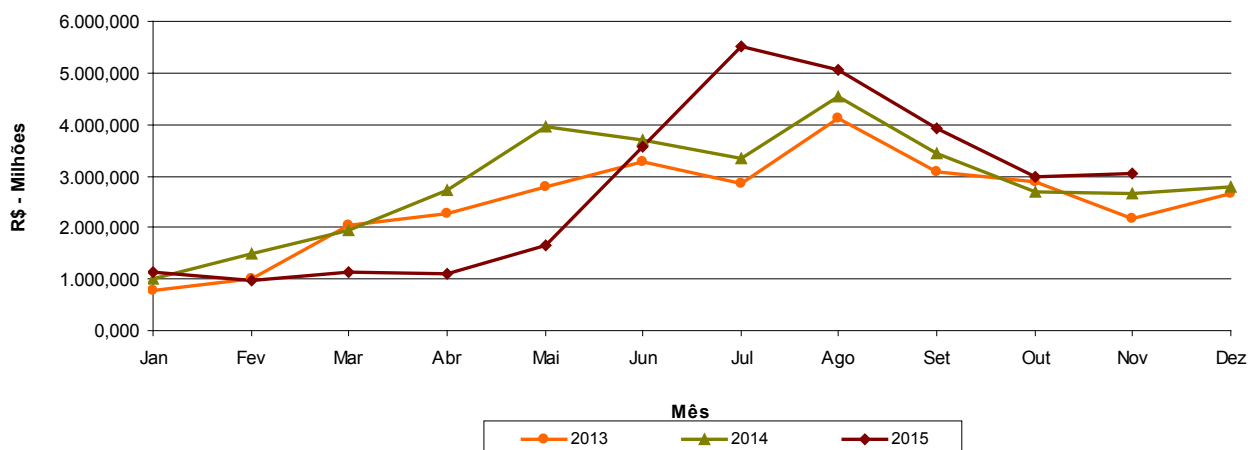
Nota: janeiro/2013 a novembro/2015..

No Gráfico 6 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015. O comportamento é dife-

rente dos anos anteriores, pois o aumento de crédito se destaca nos meses de julho e agosto.



Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

As análises a seguir são particularizadas por produto.

6.1. ARROZ

A Tabela 5 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,097
Sem Vinc. Espec.	6,086	17,154	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	38,588	26,769	27,660	
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	121,583	61,830	42,216	
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	217,593	148,361	114,205	
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	377,764	236,960	184,081	

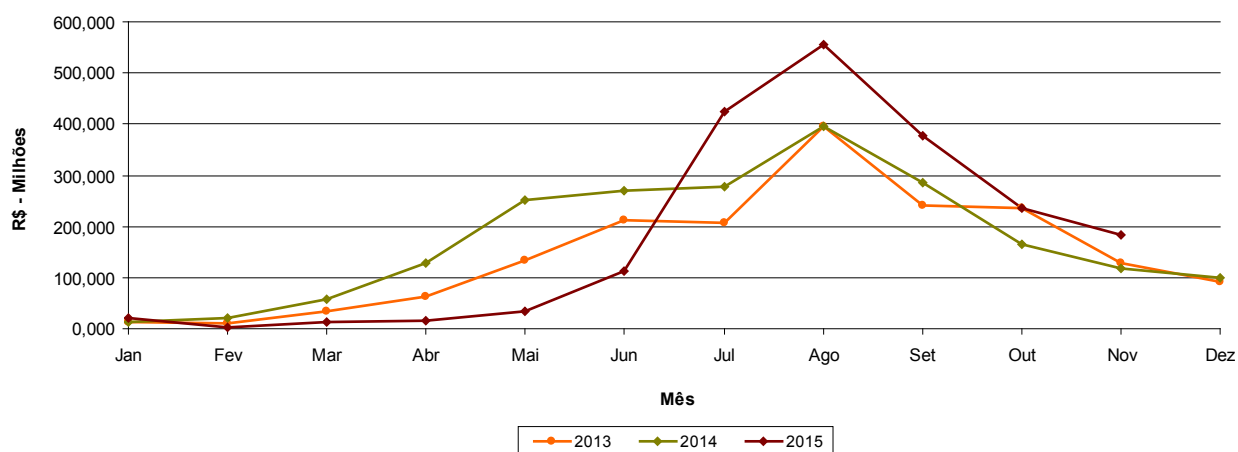
Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 7, 8, 9 e 10 apresentam o total dos valores disponibilizados para o produto e os valores aporta-

dos pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



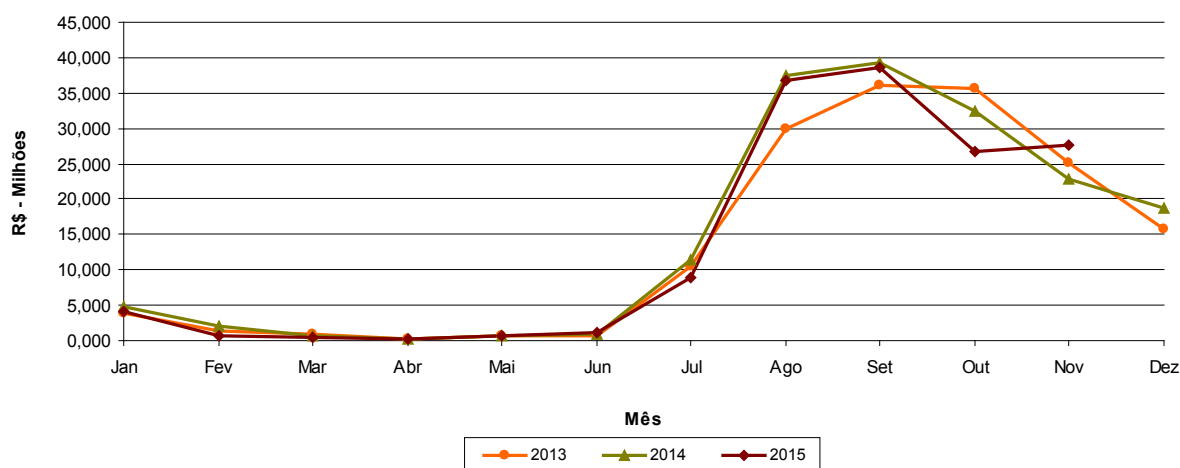
Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

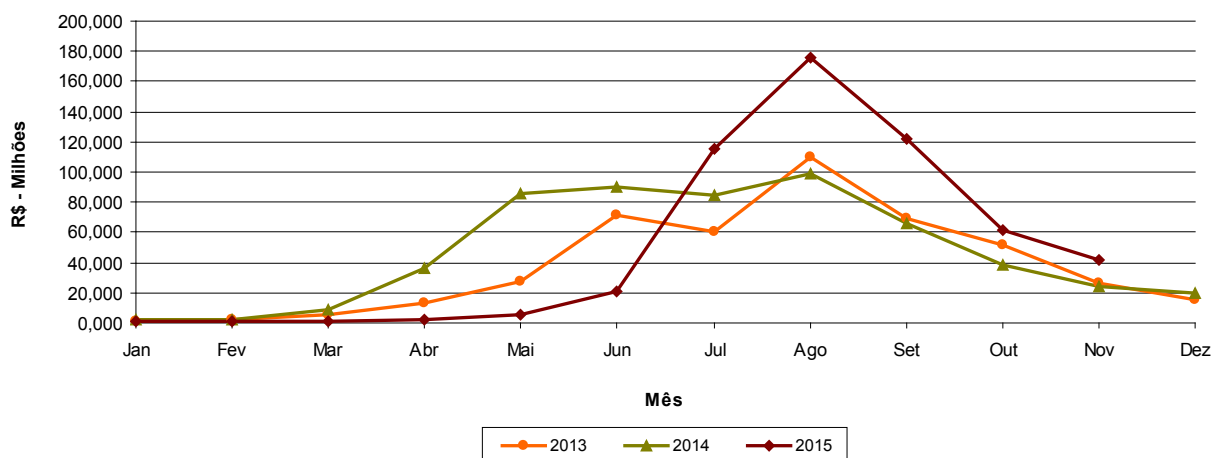
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 9 – Arroz – Pronamp – Crédito

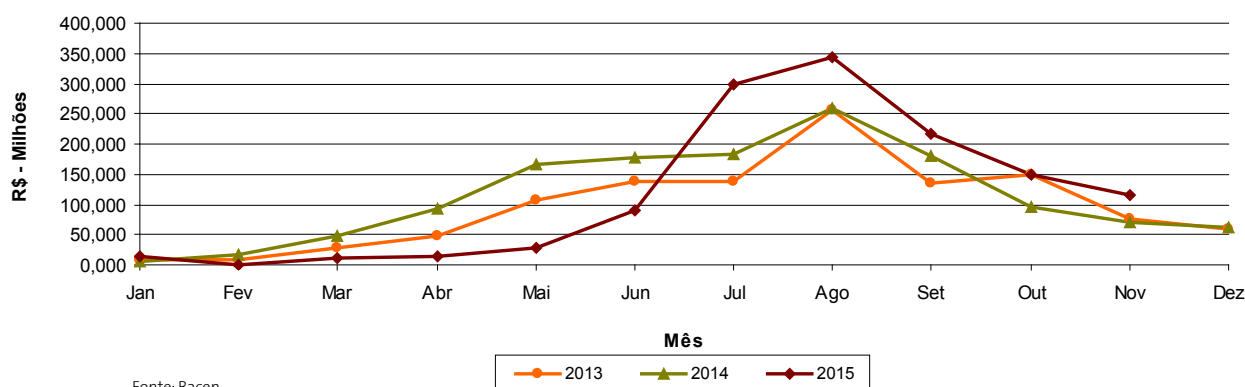


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Gráfico 10 – Arroz – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Percebe-se que o crédito de janeiro a junho de 2015 foi inferior, se comparado com o mesmo período de 2014 e 2013, porém em julho e agosto observa-se aumento. Sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito nos meses de Janeiro a Julho e Agosto observa-se aumento do valor disponibilizado 2015, em relação aos anos anteriores. Na linha do Pronaf o aporte em 2015 permanece relativamente idêntico ao observado em 2014, sendo que

em Novembro o aumento do crédito pode ter relação com o plantio principalmente na região norte. Sob o aspecto geral, o comportamento descendente da curva em setembro pode ser considerada normal em virtude do pico do acesso nos dois meses anteriores e do início de plantio nas principais regiões produtoras.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703
NORTE	1,371	2,040	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,804	3,020	2,384	
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,792	9,997	15,307	
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	358,739	219,194	162,394	
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	377,764	236,960	184,081	

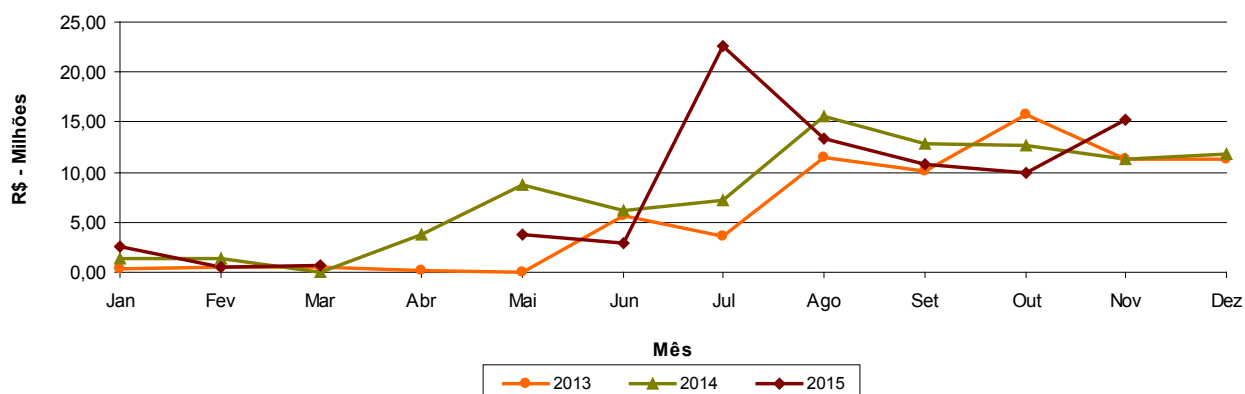
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Os Gráficos 11 a 15 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras para o arroz.

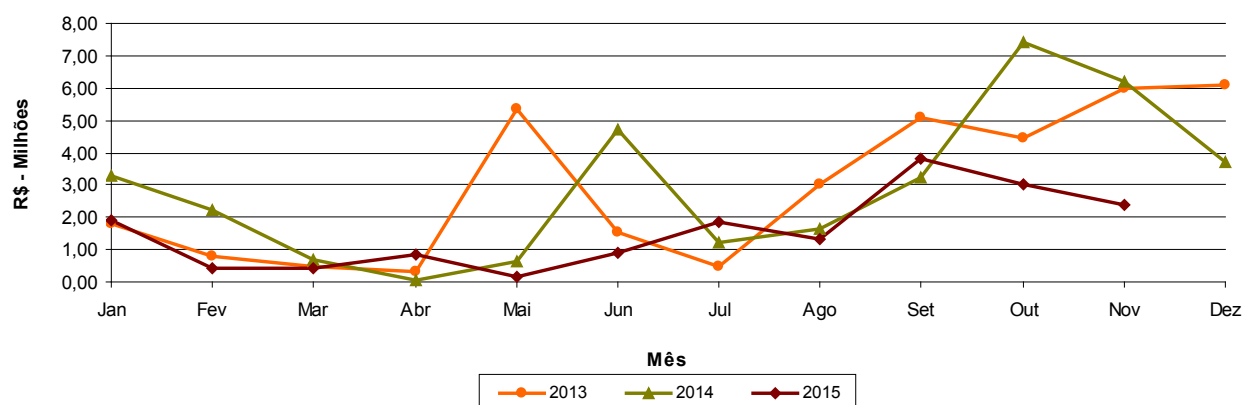
Gráfico 11 – Arroz – Norte - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

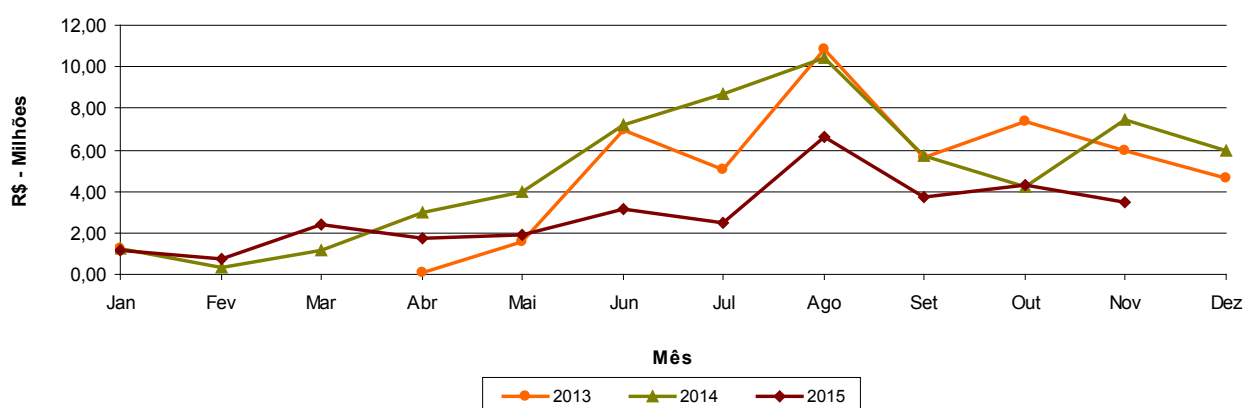
Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito

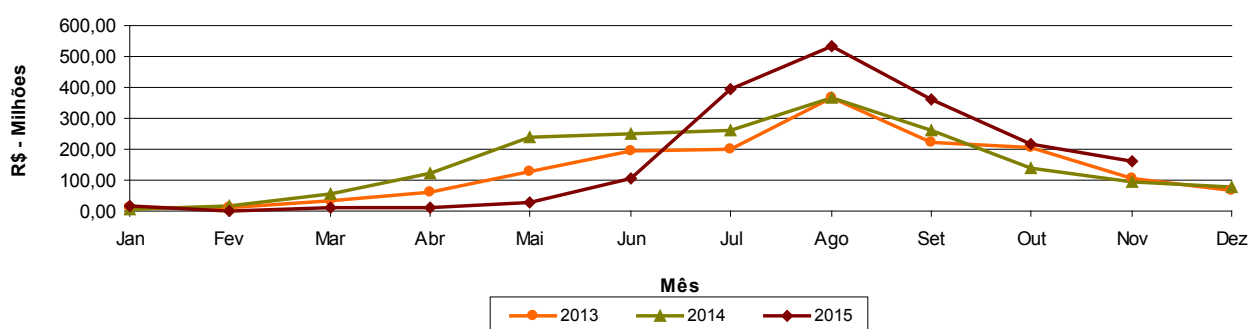


Fonte: Bacen..

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



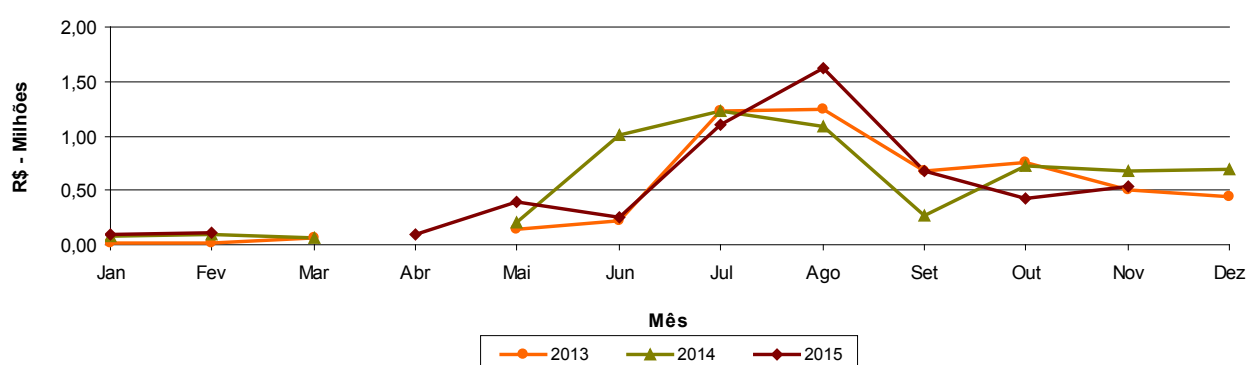
Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

A produção de arroz se concentra na região Sul e o calendário de plantio, no Brasil, tem seu início em setembro e se estende até dezembro. A utilização do crédito, na maioria das regiões a partir de junho está compatível com o processo de produção. O que obser-

va é que nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste a redução na utilização do crédito tem relação com diminuição do uso da cultura para abertura de novas áreas e queda de plantio, seja por motivos econômicos e ou por problemas climáticos.



6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	94,760	110,327	64,880	29,528	27,278	7,913	129,519	476,370	367,179	192,774	93,984	99,481
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,513	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,702	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,290	218,811	645,995	1.088,766
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	253,641	119,092	152,493	
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	81,255	74,848	350,223	
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	245,744	360,966	1.019,178	
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	580,640	554,906	1.521,894	

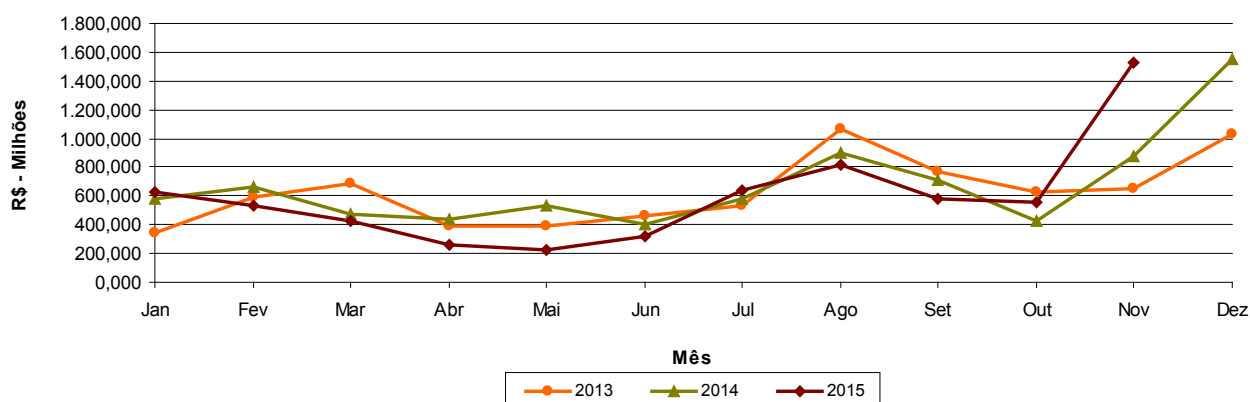
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 16 a 19 apresentam para o produto milho, o total dos valores disponibilizados os valores aporta-

dos pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 16 – Milho – Total de investimentos

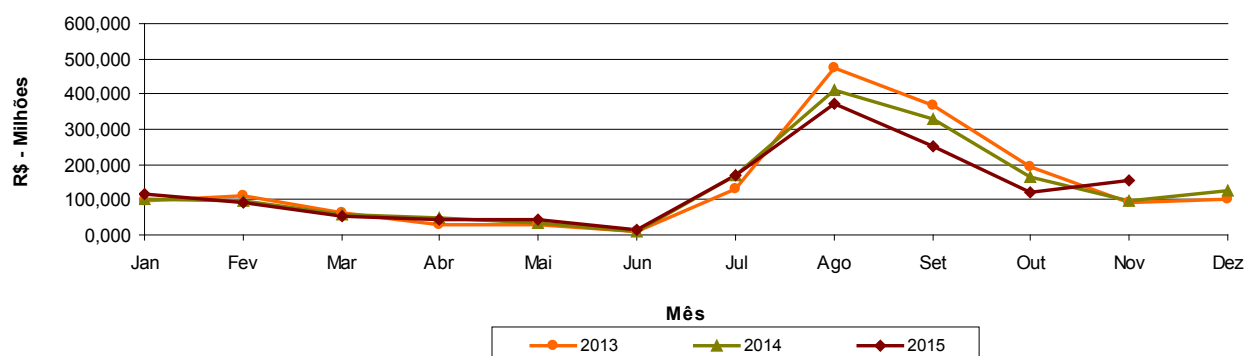


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



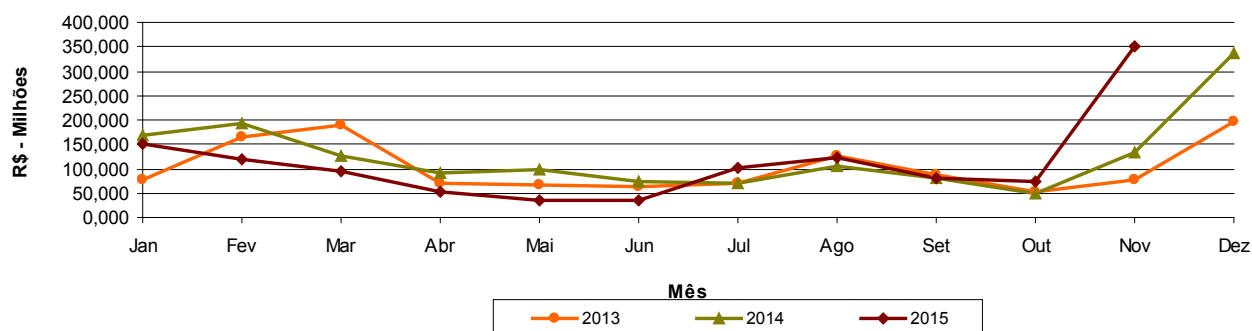
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

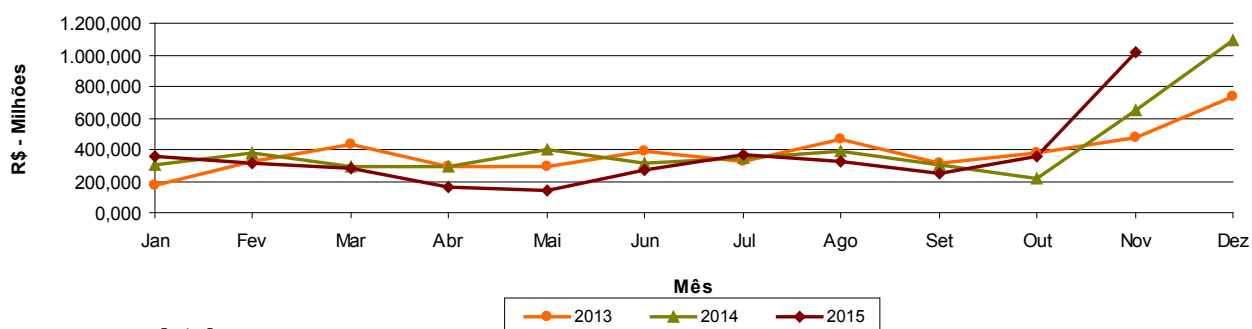
Gráfico 18 – Milho –Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 19 – Milho – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Observa-se que o total de crédito disponibilizado em 2015 foi inferior aos anos de 2014 e 2013. No entanto, o comportamento a partir de outubro e novembro (aumento no uso do crédito) explica-se pela escolha dos produtores em utilizar recursos para o plantio de outras culturas na primeira safra e buscar o crédito da segunda safra no momento mais oportuno, como se

observa no comportamento do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico e uma pequena variação no Pronaf. O uso dos recursos na agricultura familiar estão levemente abaixo de 2014, mas com o custeio tem sua indicação para uso na primeira safra do milho.



A Tabela 8 apresenta os valores de crédito disponibi-

lizados por região brasileira exclusivamente para o produto milho.

Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658
NORTE	6,039	3,286	1,915	2,271	7,102	3,067	8,543	7,380	9,175	8,780	13,622	11,465
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	38,443	219,319	827,099	
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,414	45,734	40,359	
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,186	7,578	16,614	
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	146,939	93,507	129,277	
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	358,658	188,768	508,546	
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	580,640	554,906	1.521,894	

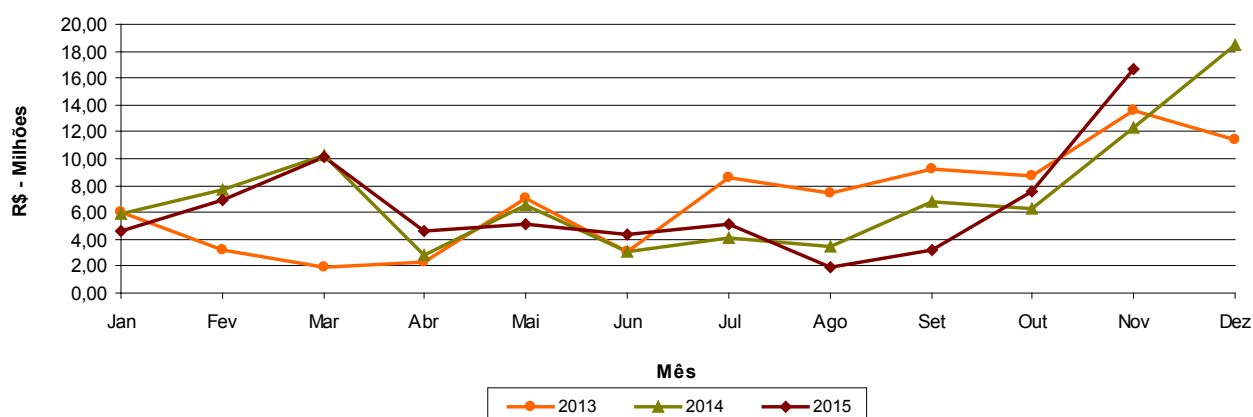
Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 20, 21, 22, 23 e 24 apresentam para o produto milho os valores disponibilizados nas diferentes

regiões brasileiras.

Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito

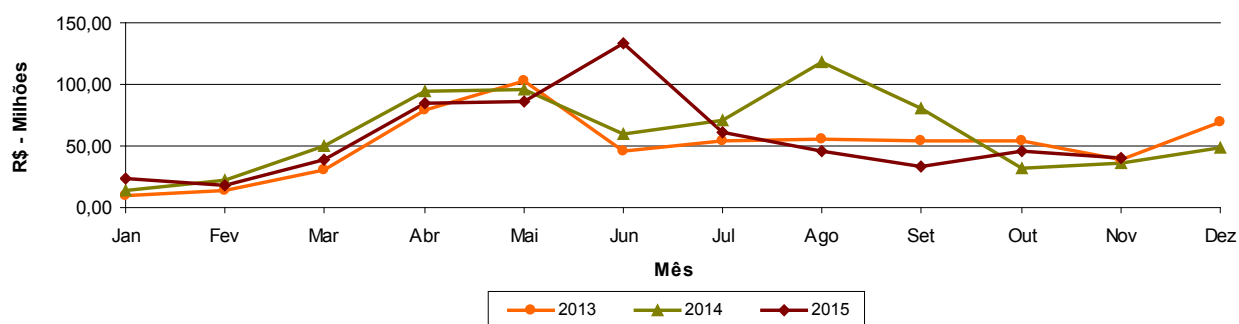


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



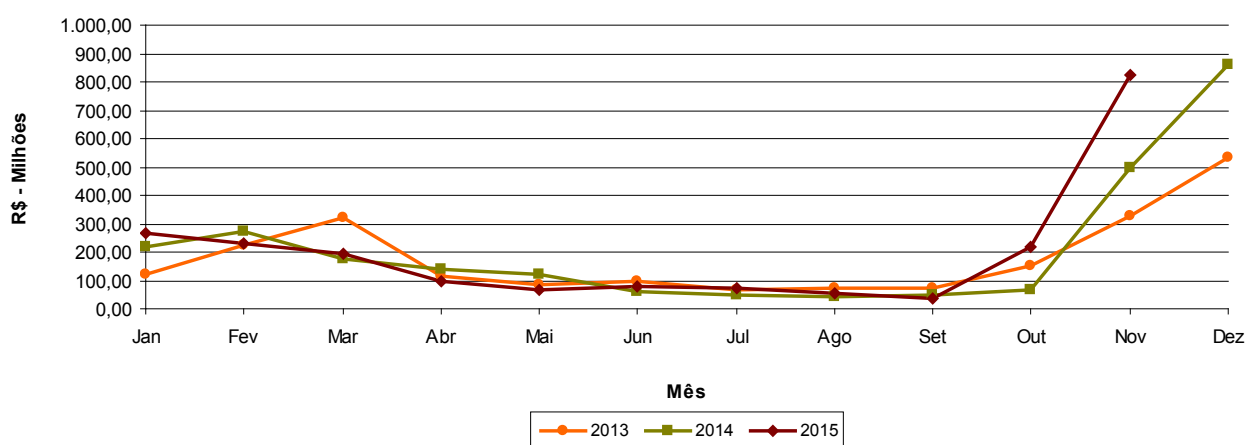
Gráfico 21 – Milho – Nordeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

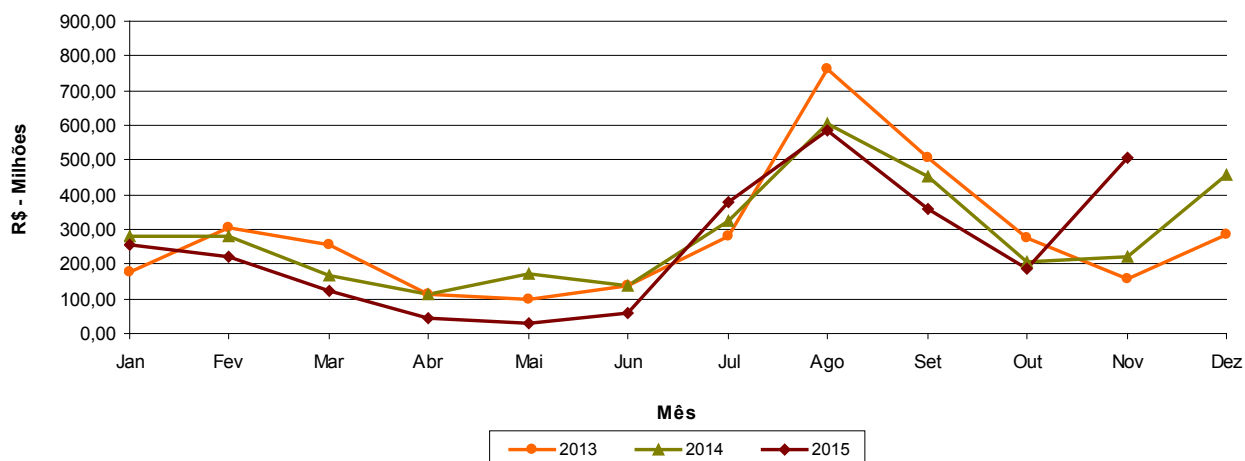
Gráfico 22 – Milho - Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 23 – Milho - Sul – Crédito

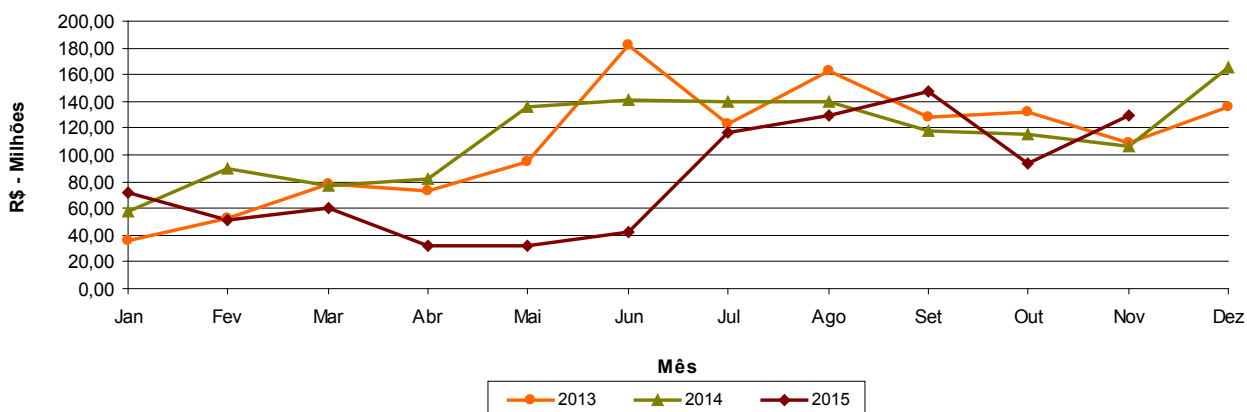


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Gráfico 24 – Milho - Sudeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

O calendário de plantio do milho primeira safra, no Centro-Sul, tem, no geral, o início em agosto e término em dezembro. Outro aspecto da cultura é que a segunda safra de milho tem sido de maior destaque no total da produção. Observa-se que nas regiões Sude-

te, Sul e Centro-Oeste há aumento no uso do crédito a partir de Outubro, o que se explica pela necessidade de iniciar os preparativos para o plantio da segunda safra de milho. Nesse contexto, o uso do crédito é compatível com a situação observada.

6.3. SOJA

A Tabela 9 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento, exclusivamente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,797
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234
Sem Vinc. Espec.	87,403	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,875	1.388,044	2.048,040	1.204,513	938,132	553,577	566,786
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652
Sem Vinc. Espec.	116,860	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	640,952	244,491	131,353	
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	729,768	291,571	154,643	
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.082,497	1.118,184	721,642	
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.453,216	1.654,245	1.007,638	

Fonte: Bacen.

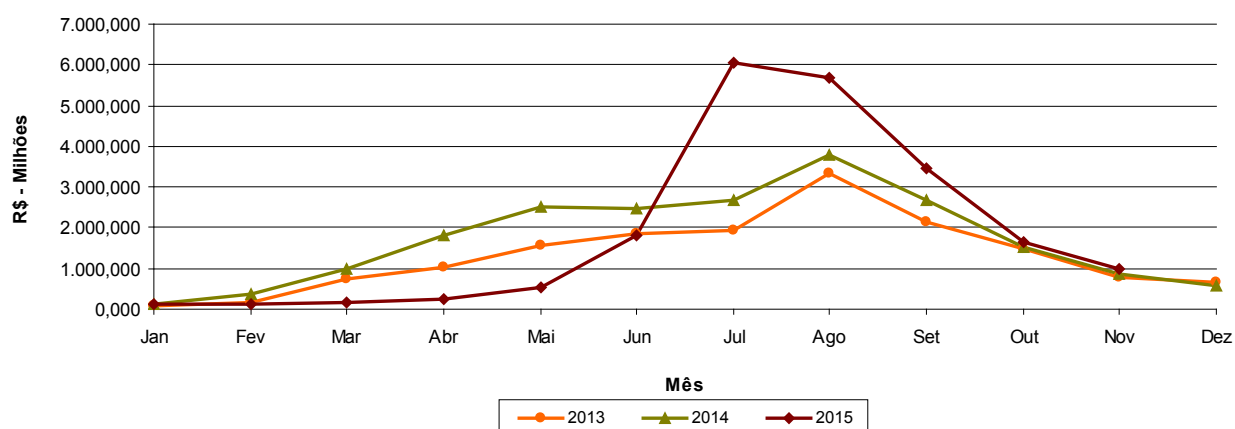
Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 22, 23, 24 e 25 apresentam os valores apor-

tados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



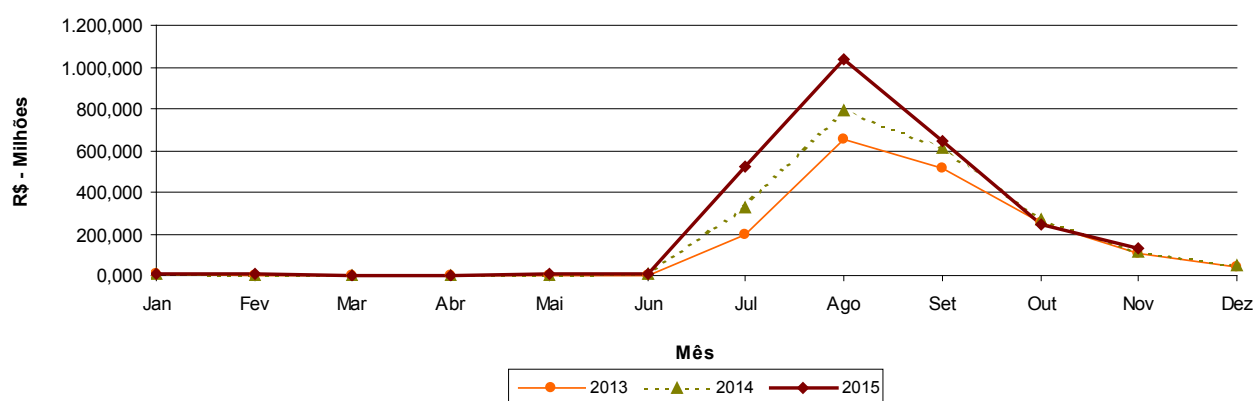
Gráfico 22 – Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

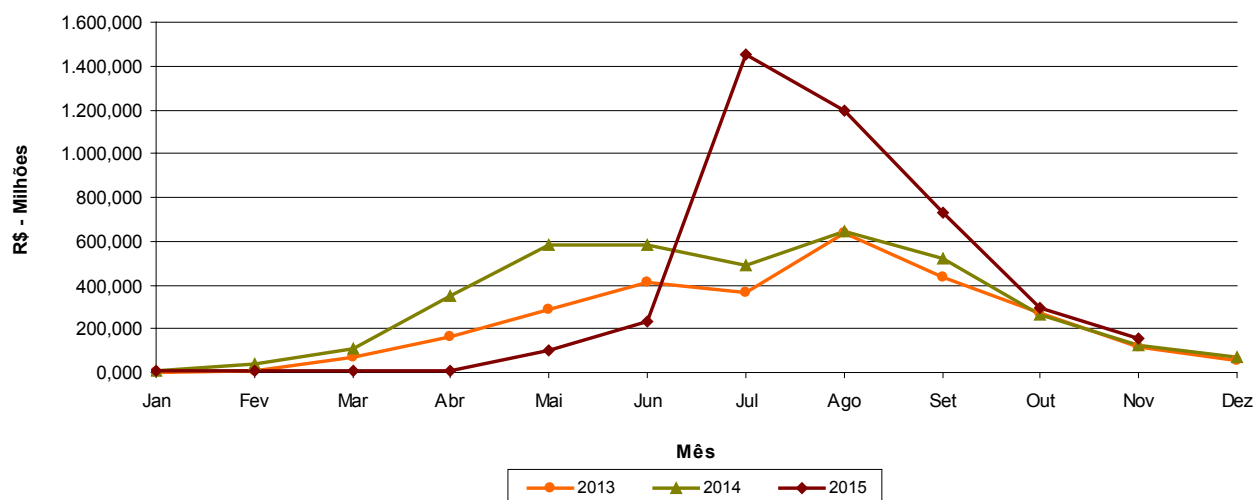
Gráfico 23 – Soja – Pronaf - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 24 – Soja – Pronamp - Crédito

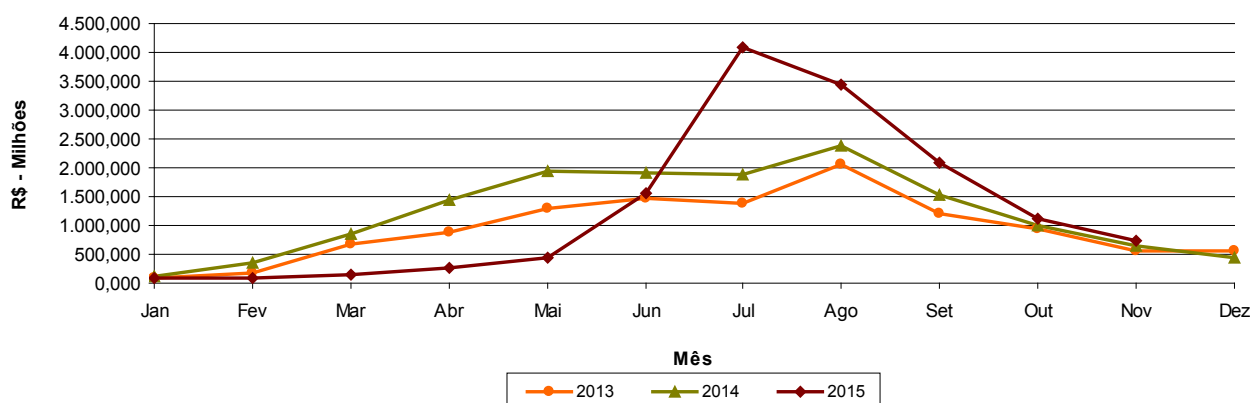


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Gráfico 25 – Soja – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

A disponibilidade de crédito mostra-se superior em 2015 em comparação com os anos sob análise. O que caracteriza o comportamento das diversas fontes é a semelhança no aumento do uso de recursos a partir de junho 15, diferente do observado nos anos anterior-

es, quando havia tendência de distribuição no uso do financiamento.

A Tabela 10 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto soja.

Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757
NORTE	4,310	8,610	13,671	17,962	45,696	77,326	60,380	77,688	52,060	55,856	43,585	27,923
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441
NORTE	12,202	16,982	24,083	37,368	101,423	108,502	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.073,161	536,857	372,718	
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	313,108	217,225	124,515	
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	121,228	98,043	52,510	
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	374,070	191,761	132,938	
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.571,649	610,358	324,957	
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.453,216	1.654,245	1.007,638	

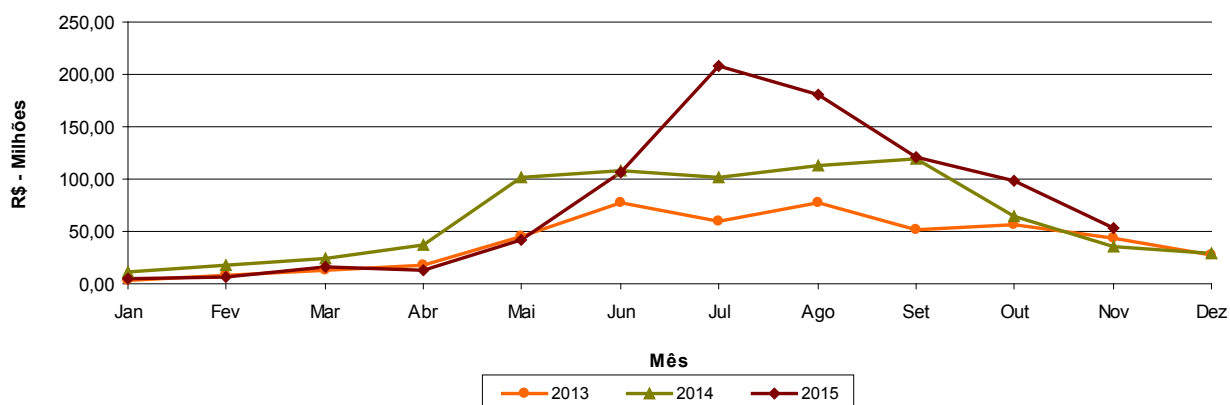
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Os Gráficos 26 a 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.

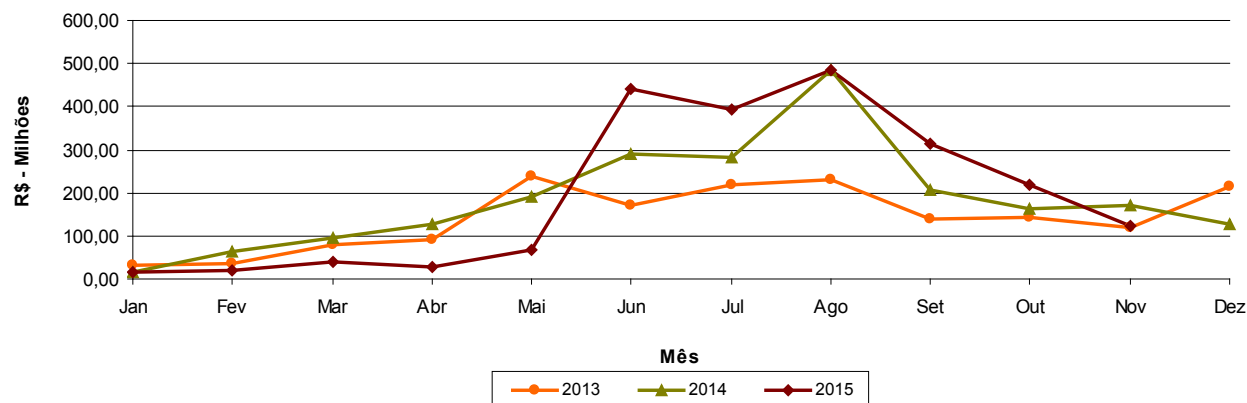
Gráfico 26 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015..

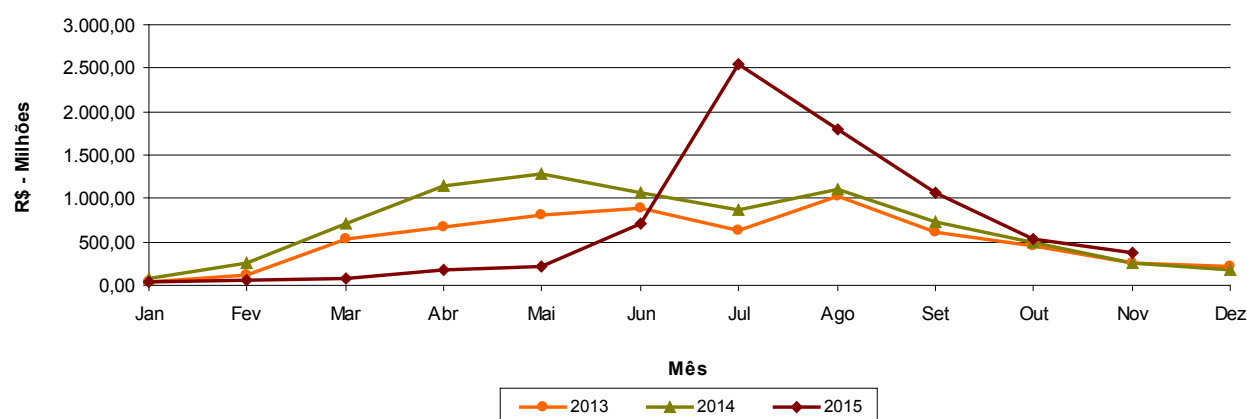
Gráfico 27– Soja – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015..

Gráfico 28 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

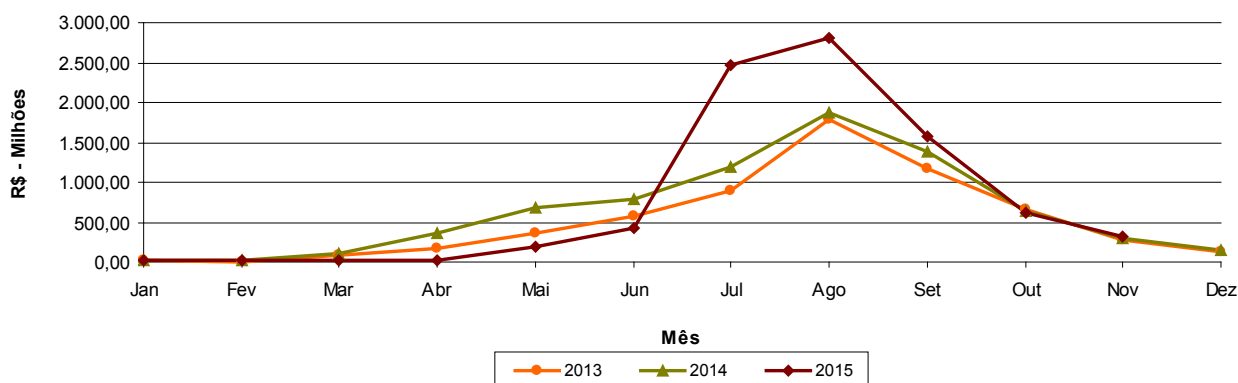


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



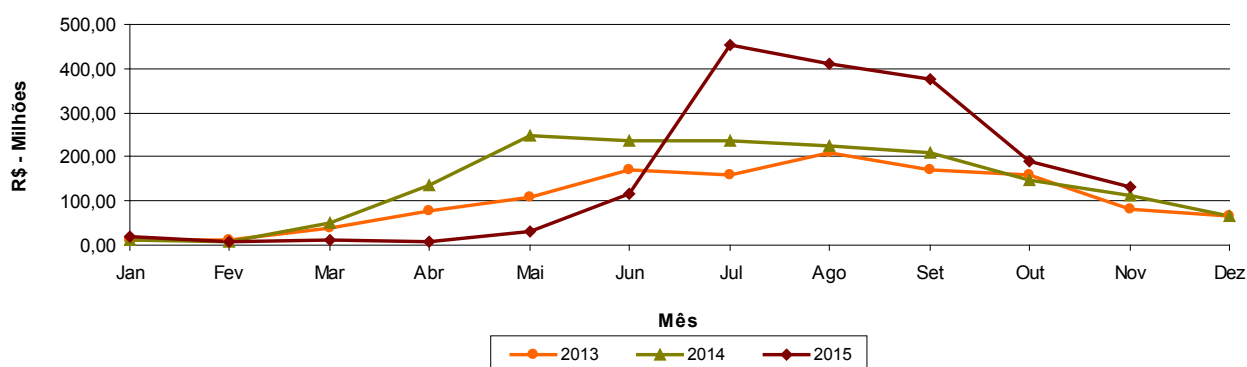
Gráfico 29 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 30 – Soja – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Observa-se que a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. O comportamento da disponibilidade do crédito em 2014, bem superior a 2013, corrobora com tal afirmativa. A situação do financiamento em 2015 demonstra a ten-

dência de escolha pelo produtor. A produção de soja se concentra no Centro-Oeste e no Sul, com aumento significativo em todas as regiões geográficas. O comportamento da utilização do crédito é compatível com o calendário de plantio.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento, exclusivamente para o produto algodão.



Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,163
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									0,009			
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236		
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
Pronaf												
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	213,472	198,344	139,209	
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755	198,447	139,309	

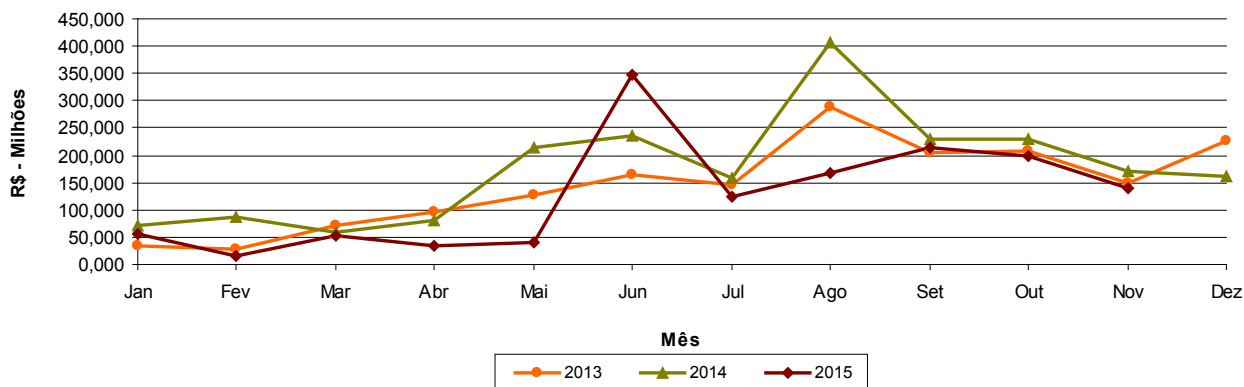
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Como observado na Tabela 11, a parte majoritária dos aportes financeiros para a lavoura de algodão está sob o tipo de financiamento sem vínculo específico

com programa. Apresentam-se, a seguir, apenas os Gráficos 31 e 32.

Gráfico 31 – Algodão – Total de financiamento

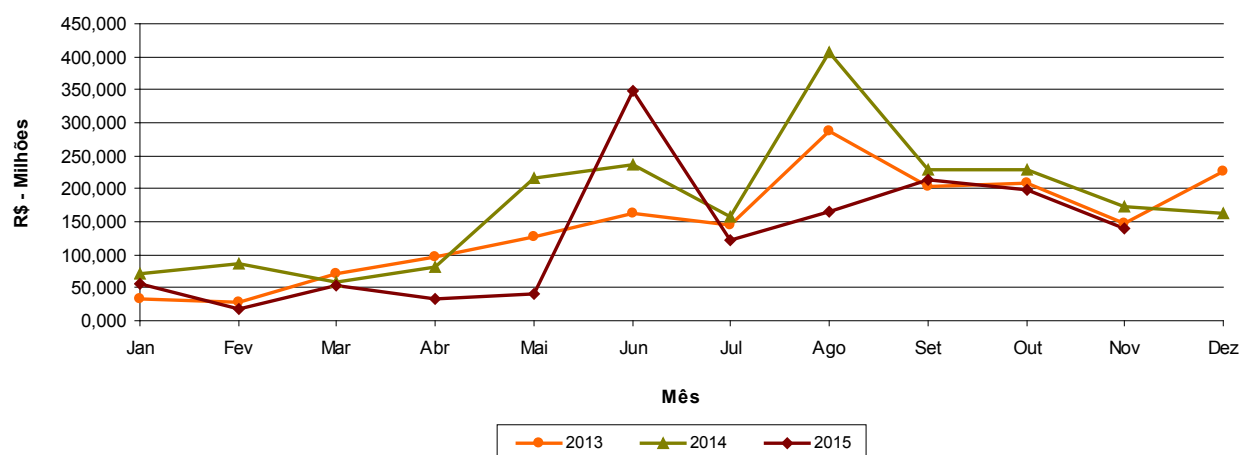


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Gráfico 32 – Algodão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os valores disponibilizados em 2015 são inferiores a 2013 e 2014. Assim como nas análises anteriores se observa comportamento de uso de crédito diferente no ano de 2015, neste caso com pico de utilização em junho.

A Tabela 12 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto algodão.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812
NORTE								0,200	0,472		3,335	
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280
SUL												
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436
SUL				2,803								
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,830	58,571	46,320	
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609	
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	
SUL												
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755	198,447	139,309	

Fonte: Bacen

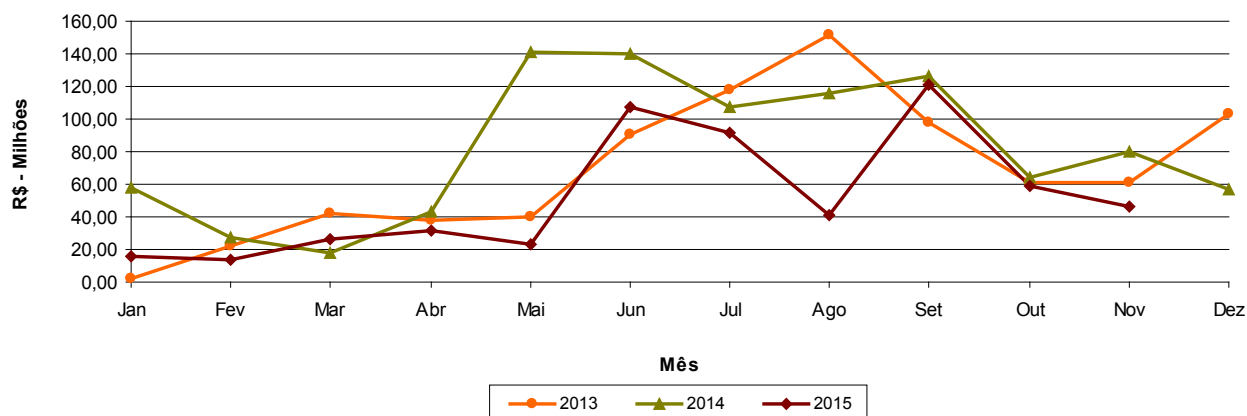
Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



Observa-se que a maior parte do crédito disponibilizado está retido nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. Isto posto, apresenta-se a seguir os Gráficos 33 e 34 as

quais ilustram graficamente os valores mensais aportados nessas regiões.

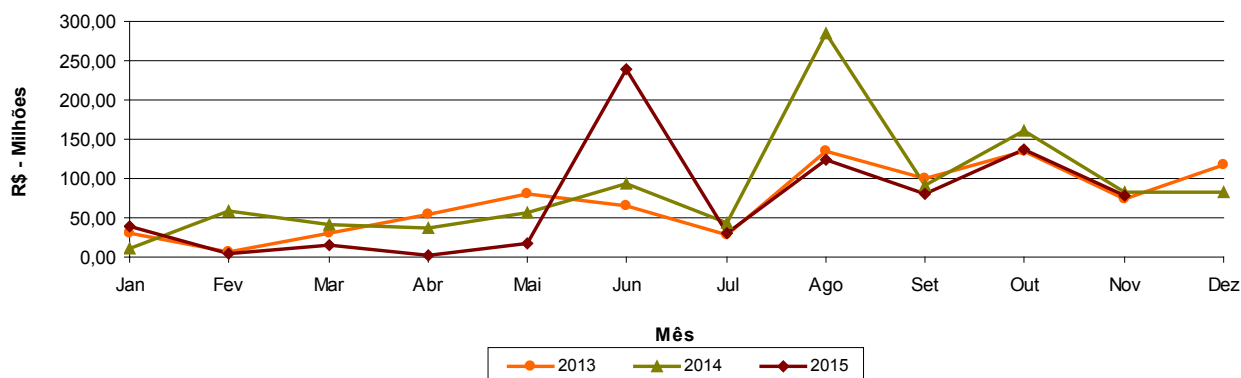
Gráfico 33 – Algodão – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 34 – Algodão – Nordeste - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os estados da Bahia e do Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Na região Centro-Oeste, principalmente no Mato Grosso, já se observa a migração de cultivo do algodão para a segunda safra. Pode-se explicar a utilização dos recursos

em junho como parte do processo de compra antecipada de insumos com vistas a redução de custos. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cultura.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,917	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	15,170	8,441	8,286	
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,799	
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,254	18,117	25,417	
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,315	31,094	40,502	

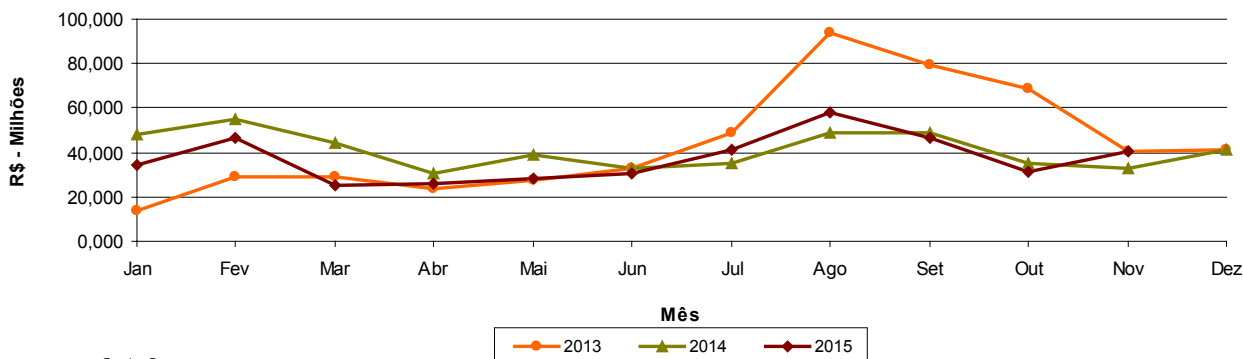
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 35 a 38 apresentam o total dos valores disponibilizados para o feijão e os valores aportados

pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

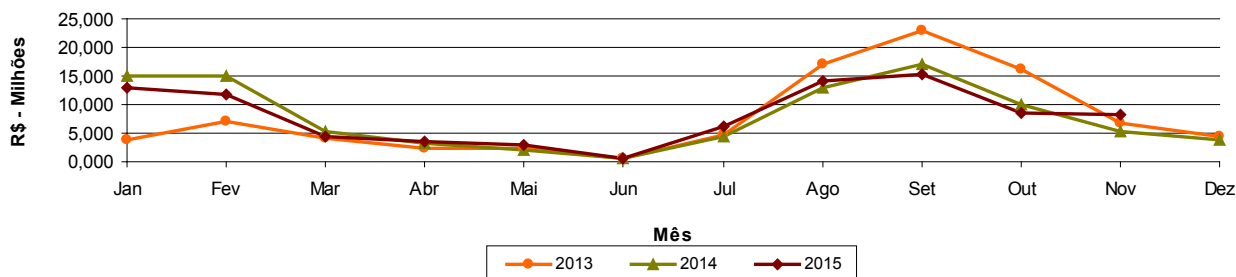
Gráfico 35 – Feijão – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 36 – Feijão – Pronaf – Crédito

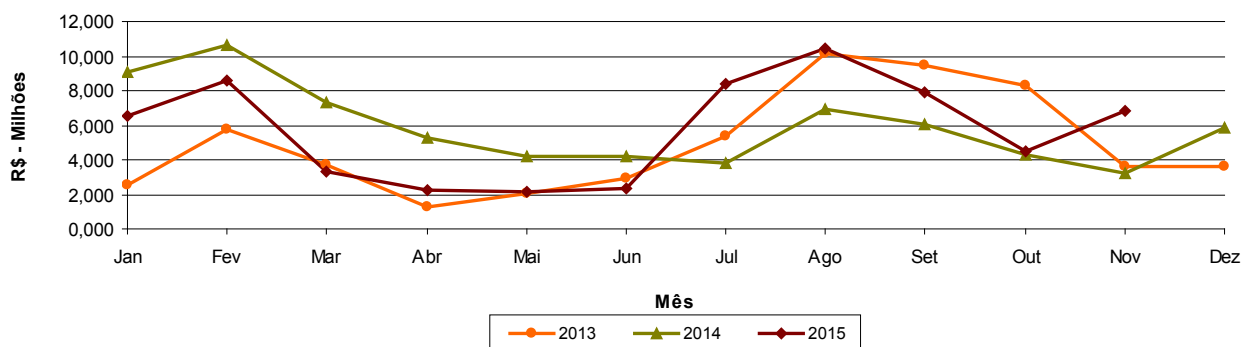


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



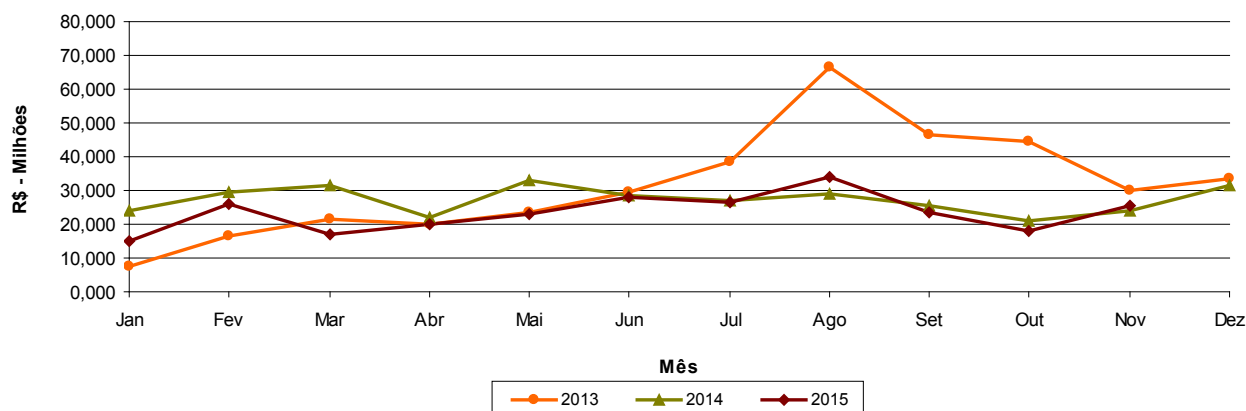
Gráfico 37 – Feijão – Pronamp – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 38 – Feijão – Financiamento sem vínculo a programa específico – crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

A disponibilização de crédito no ano de 2015 é inferior a 2014 e 2013. Os valores relativos a Pronaf tem comportamento semelhante e sua utilização é inferior se comparada com o período sob análise e o aumento em novembro pode ter relação com o plantio da segunda safra. Sob a ótica dos recursos do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico os valores concedidos em 2015 são inferiores em rela-

ção àqueles disponibilizados em 2014. O aumento no uso do crédito a partir de novembro pode indicar movimento para o plantio da segunda safra da cultura.

A Tabela 14 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500		
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200		
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	1,004	4,178	
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	2,028	3,197	
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052	
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,907	10,807	4,964	
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,930	17,105	26,111	
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,315	31,094	40,502	

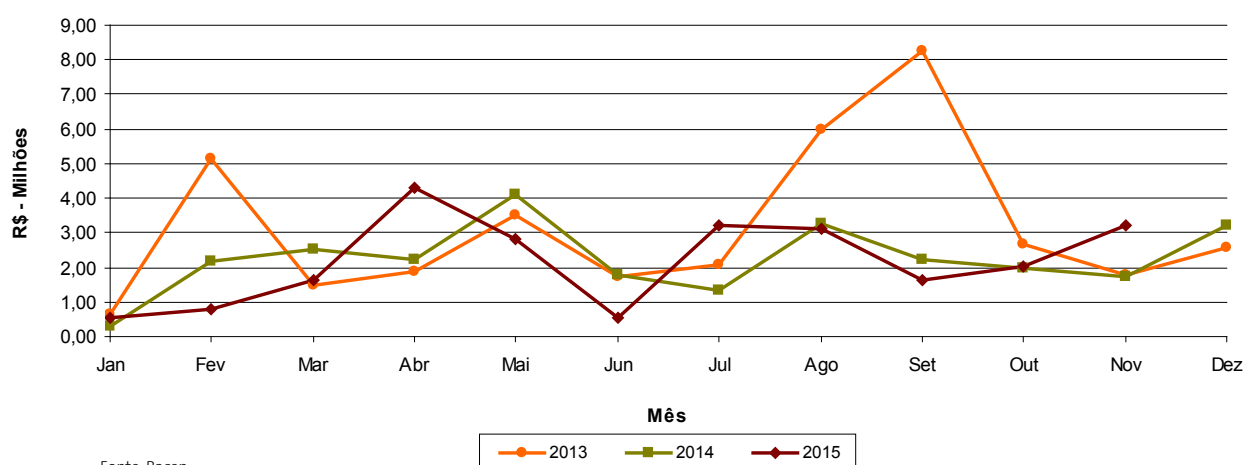
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Os Gráficos 39, 40, 41 e 42 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras (exceto a

região Norte, na qual, o aporte é de magnitude diminuta).

Gráfico 39 – Feijão – Nordeste – Crédito

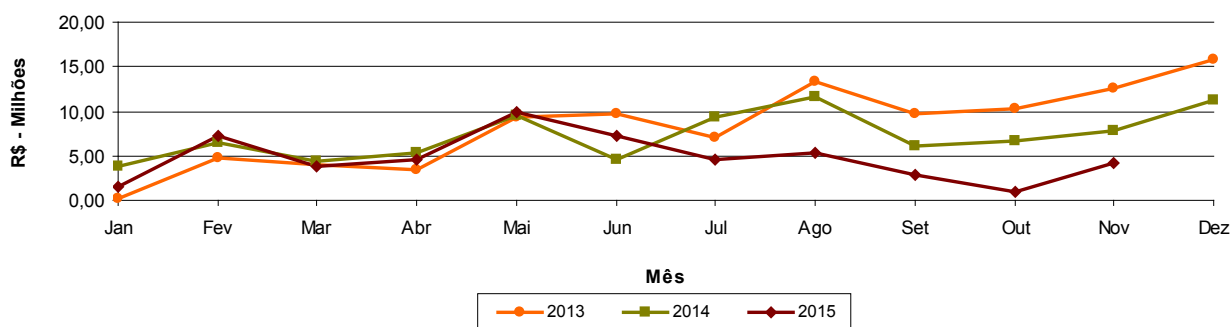


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.



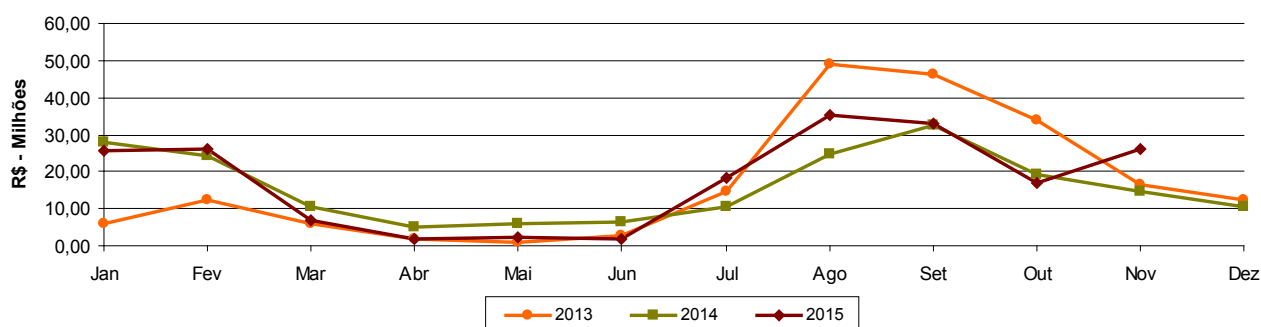
Gráfico 40 – Feijão – Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

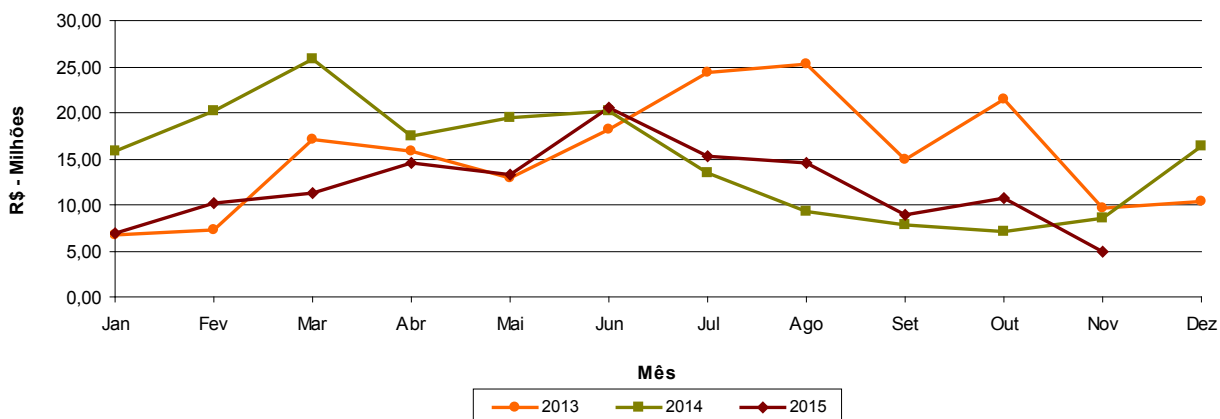
Gráfico 41 – Feijão – Sul – Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 42 – Feijão – Sudeste



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

A cultura do feijão primeira safra tem o seu plantio entre outubro a dezembro, enquanto que o plantio da segunda safra inicia-se em janeiro. O comportamento da utilização do crédito, inclusive no incremento a partir de novembro (exceto na região Sudeste), tem relação com calendário de produção. Deve-se obser-

var que há tendência de menor utilização de crédito, o que é compatível com a redução da área da cultura. Essa situação tem relação com os altos riscos inerentes ao cultivo do feijão somados com a dificuldade de comercialização e aos preços competitivos de outras culturas.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE INVERNO (SAFRA 2015) E DE CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/2016) – DEZEMBRO DE 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

feijão primeira milho primeira e soja (safra 2015/16).

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA EM 2016

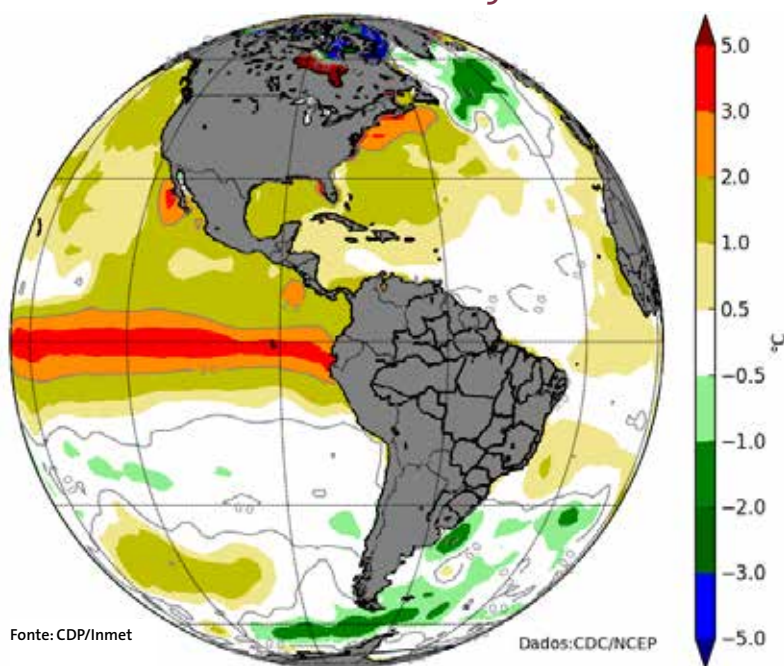
Segundo a classificação da agência americana National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA), o fenômeno El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Equatorial – atingiu a categoria de evento muito forte, o que não ocorria desde o El Niño 1997/98. Do mesmo modo que nos últimos meses, as anomalias positivas de TSM em dezembro cobrindo toda a superfície do Oceano Pacífico Equatorial apresentaram extensa área com desvios positivos acima dos 3°C (Figura 2). Pode-se observar no mapa de anomalias de TSM que os desvios positivos permanecem elevados em toda a faixa equatorial do Pacífico durante a segunda quinzena de dezembro de 2015.

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste durante o verão. No Sul, há uma tendência de aumento

de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum em novembro a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam, em média, um pouco mais elevadas.

No Oceano Atlântico o contraste entre o Atlântico Tropical Norte, com desvios positivos, e o Atlântico Tropical Sul, com desvios negativos, diminuiu em dezembro. Esse padrão de contraste é chamado de gradiente térmico positivo do Atlântico Tropical (ou dipolo positivo), e é especialmente desfavorável às chuvas de janeiro-abril em grande parte do semiárido nordestino e no centro-norte da região do Matopiba. Uma redução mais acentuada desse padrão positivo poderá atenuar os efeitos do fenômeno El Niño nas localidades da Região Nordeste com período chuvoso em de janeiro a abril.

Figura 2 - Anomalia de TSM em dezembro de 2015

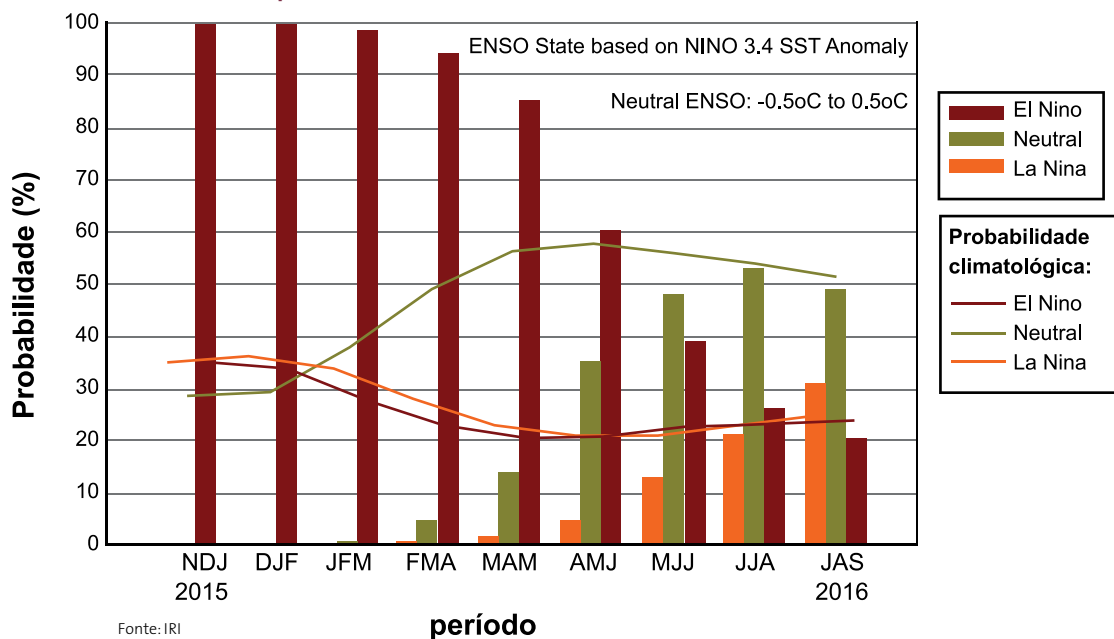


Praticamente todos modelos de previsão de TSM indicam que as anomalias positivas de temperatura no Oceano Pacífico Equatorial devem persistir até o mês abril de 2016, com forte probabilidade de enfraqueci-

mento do El Niño e início de uma fase de neutralidade no Pacífico equatorial, como apresentado pelo International Research Institute for Climate and Society (IRI) no Gráfico 43

1 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.

Gráfico 43 - Previsão probabilística de El Niño



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE DEZEMBRO/2015, JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO DE 2016

O modelo estatístico climático do Inmet (Figura 3) indica uma forte probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre pode ficar acima da média na maior parte da Região Sul, refletindo a forte influência do Fenômeno El Niño na região.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo estatístico apresenta probabilidades significativas de que o acumulado de chuvas fique na faixa normal ou

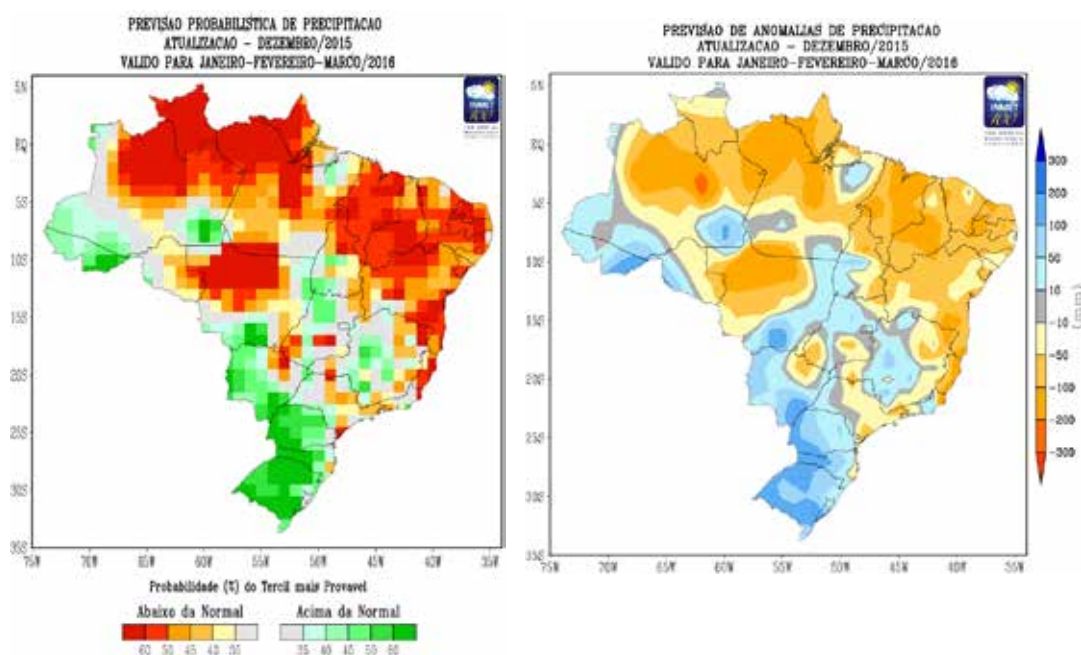
acima no estado do Mato Grosso do Sul e em outras áreas em Minas Geras e Goiás, porém com probabilidades menores. Nas demais localidades a tendência é de chuvas na faixa normal ou abaixo.

Nas regiões Norte e Nordeste predominam as áreas com maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre fique abaixo da faixa normal do trimestre.

1 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.



Figura 3 - Previsão climática (probabilidades e anomalias) para o período JFM/2016



Fonte: Inmet.

7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi dezembro de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- Baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na região Sul do Brasil, em relação aos cultivos de verão dessa Região do país, no geral, a condição de alta umidade do solo foi favorável atendendo às demandas hídricas das plantas. No entanto, chuvas em altos volumes (Figuras 4 e 5) resultaram em problemas pontuais e de baixa restrição como dificuldades na realização de tratos culturais, aumento na incidência de doenças e menor luminosidade.

As restrições para as culturas de verão foram maiores no oeste e sudoeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste e sudoeste do Rio Grande do Sul onde as precipitações ocorreram com maior intensidade



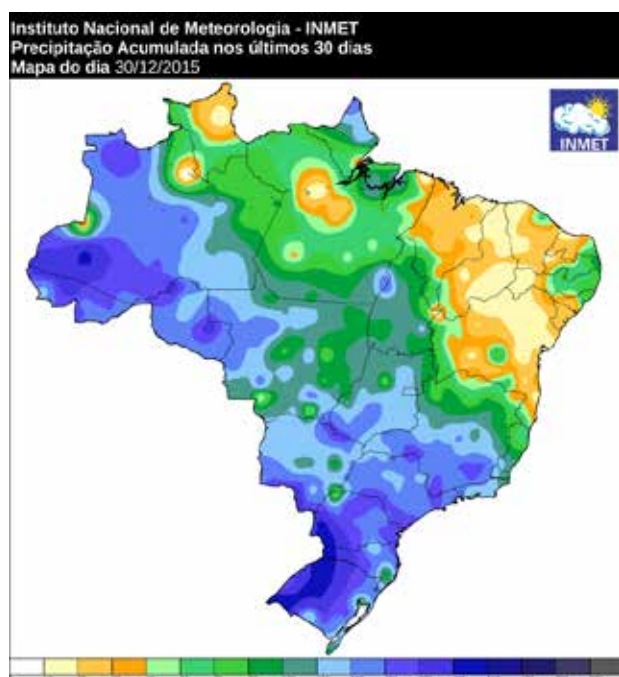
(Figuras 4 e 5). O feijão primeira safra foi a cultura mais afetada devido à maior parte das lavouras em maturação e colheita na Região Sul. A concentração das chuvas, principalmente, no terceiro decêndio de dezembro implicou problemas relacionados a inundações nas lavouras de arroz localizados no sudoeste do estado.

Em relação às Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, os maiores volumes de chuva foram verificados São Paulo com benefícios às lavouras de verão em desen-

volvimento. Já para lavouras localizadas no norte de Mato Grosso, de Minas Gerais e de Goiás, inclusive na região leste desse estado, chuvas reduzidas resultaram em baixa restrição.

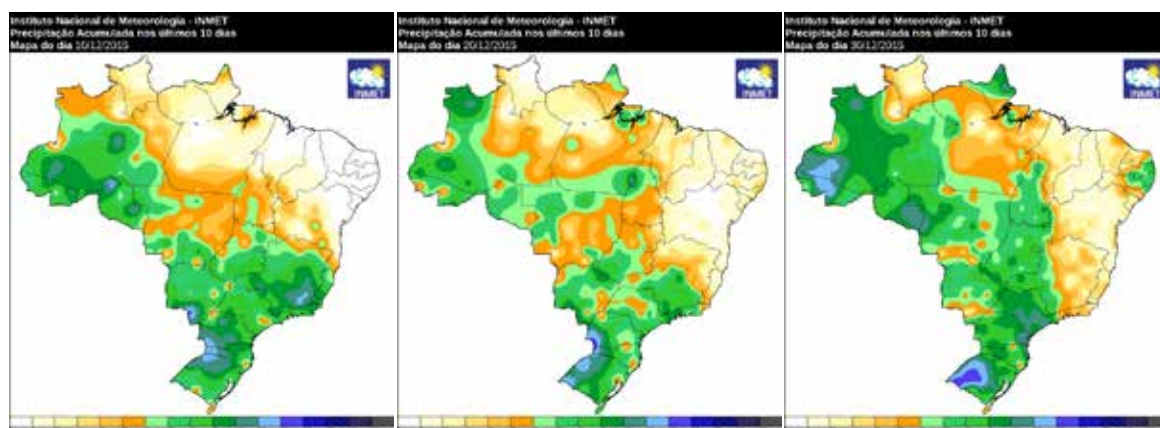
Na região do Matopiba, o volume de chuvas (Figuras 4 e 5) no período analisado reduziu em relação ao observado a partir da segunda metade de novembro sendo aquém do necessário para as culturas de verão em germinação e desenvolvimento.

Figuras 4 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em dezembro/15



Fonte: Inmet.

Figuras 5 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em dezembro/15



Fonte: Inmet.



7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é a safra de verão 2015/16.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite do período de 19 de dezembro a 3 de janeiro. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e

altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos-safra.

No monitoramento, estão sendo analisadas 8 mesorregiões produtoras que cobrem juntas 50,5% da área nacional de soja, milho primeira safra, algodão e feijão. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises recentes destas oito mesorregiões.

Tabela 15 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

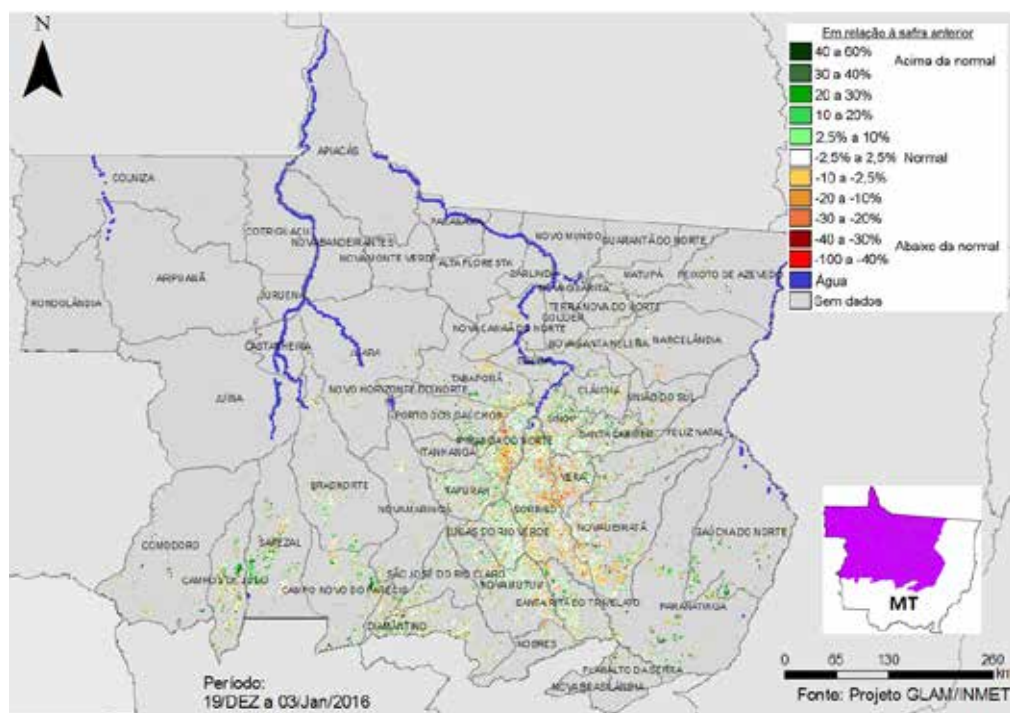
Mesorregião	Área em hectares					% (a+b+c+d) s/ total Brasil
	Soja (a)	Milho ^{1a} (b)	Algodão (c)	Feijão T (d)	(a+b+c+d)	
Norte Mato-grossense - MT	6.088.561	18.319	293.910	134.514	6.535.305	15,3
Noroeste Rio Grandense -RS	3.618.232	458.723	0	33.494	4.110.448	9,6
Sul Goiano - GO	2.601.267	92.024	37.435	42.922	2.773.648	6,5
Extremo Oeste Baiano -BA	1.389.274	289.633	272.023	95.328	2.046.256	4,8
Sudeste Matogrossense - MT	1.437.373	13.749	180.661	44.030	1.675.814	3,9
Nordeste Matogrossense - MT	1.601.895	5.198	31.159	17.901	1.656.153	3,9
Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.554.454	5.165	318	12.874	1.572.811	3,7
Oeste Paranaense - PR	1.131.833	69.063	7	28.469	1.229.372	2,9
Total 7 mesorregiões	19.422.889	951.873	815.514	409.532	21.599.807	50,5
Total Brasil	33.041.000	5.708.400	952.150	3.029.900	42.731.450	100,0

Fonte:: Inmet.



7.5.1. NORTE MATO-GROSSENSE

Figura 6 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado

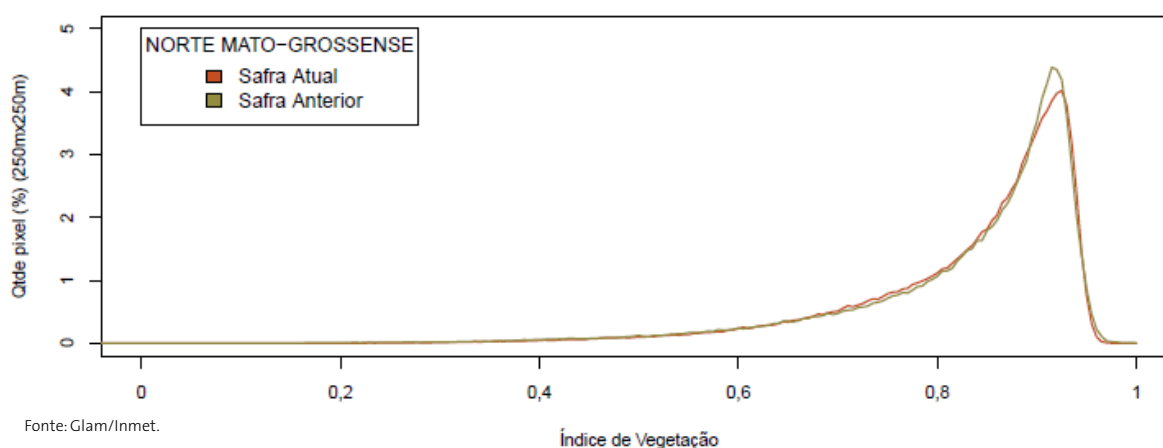


Fonte: Glam/Inmet.

O mapa acima mostra áreas em diferentes padrões de desenvolvimento. Em verde são lavouras que estão respondendo acima do ano passado. Em branco são cultivos com o mesmo padrão da safra anterior. Em amarelo, laranja e marrom, principalmente nos municípios de Sorriso, Ipiranga do Norte, Vera e Nova

Ubiratã, são áreas com padrão inferior ao ano-safra anterior. Estas áreas de anomalia negativa, que também estão pontuadas em toda a região, podem ser de lavouras afetadas pela escassez de chuva e também por atraso de plantio na safra atual.

Gráfico 44 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

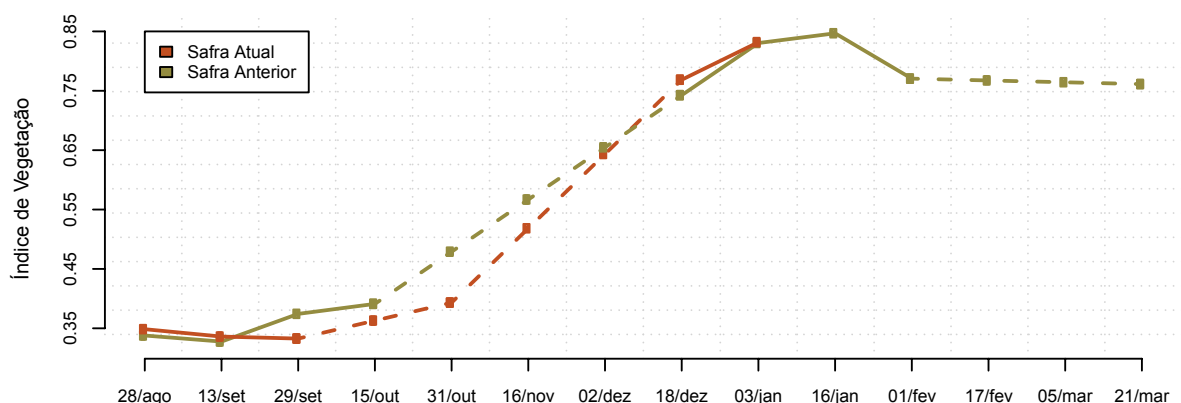


A ponderação com todas as áreas agrícolas visualizadas pelo satélite no período do monitoramento, com seus respectivos valores de IV, indica que a safra atual

responde em média de modo semelhante ao ano passado.



Gráfico 45 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - norte matogrossense



Fonte: Glam/Inmet.

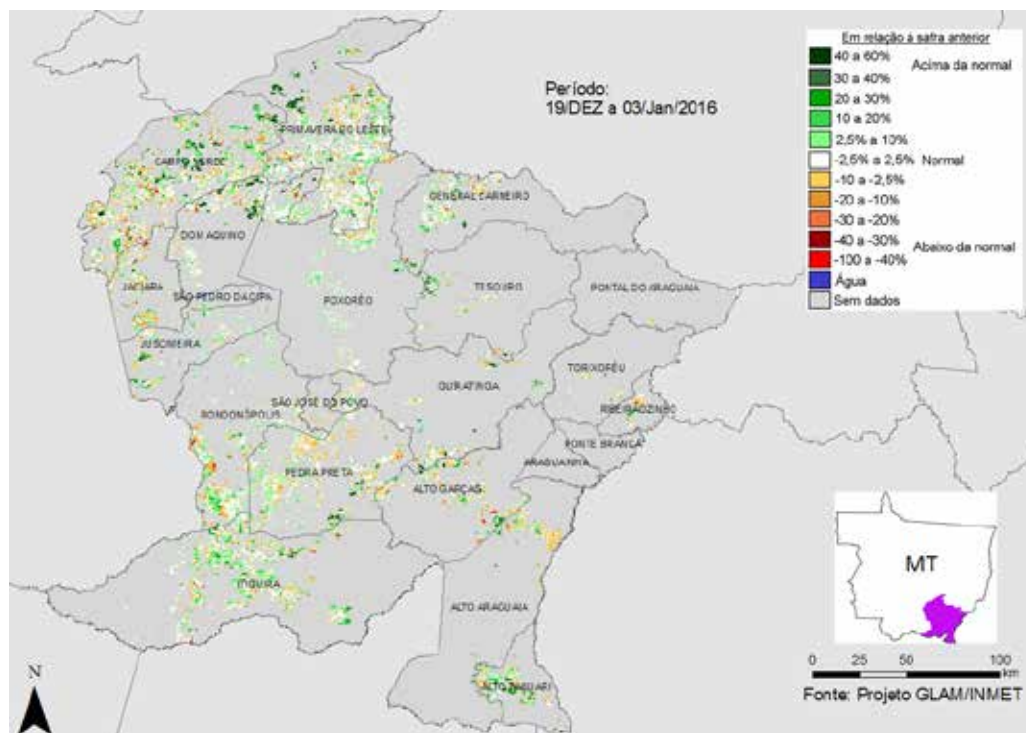
Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% safra anterior	3	3	-11					4	0					
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

A linha vermelha no gráfico acima mostra baixas respostas de IV no período correspondente ao desenvolvimento vegetativo (setembro e outubro de 2015). Isto foi em decorrência principalmente de atraso no plantio da presente safra. O último ponto, em 0 de janeiro,

ro/16, mostra empate dos padrões de desenvolvimento das lavouras da atual safra com os do ano passado. No entanto, houve desaceleração no crescimento do IV na última quinzena, devido à escassez de chuvas em boa parte da região.

7.5.2. SUDESTE MATO-GROSSENSE

Figura 7 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado.



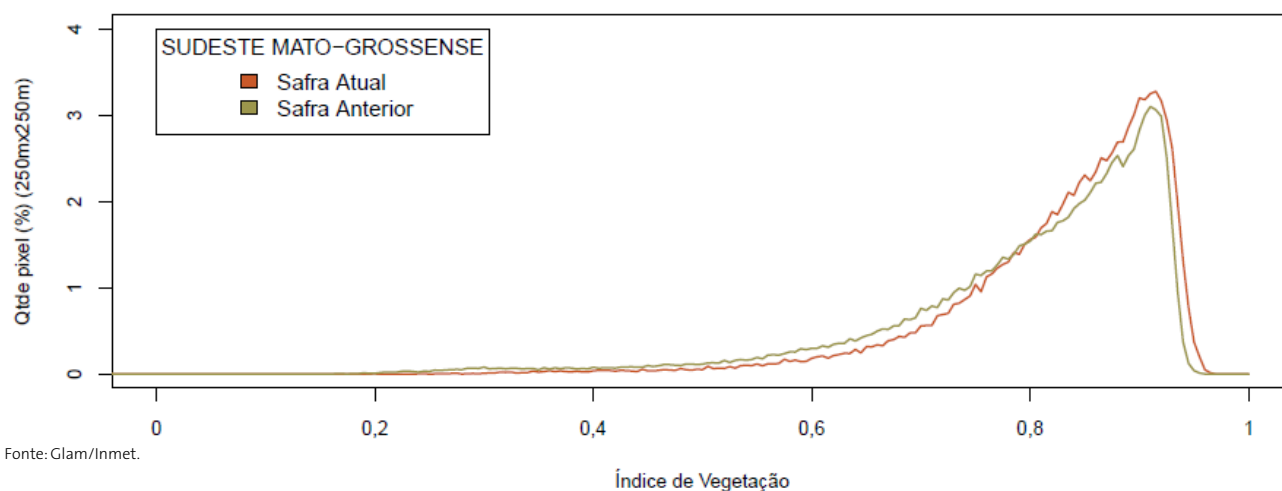
Fonte: Glam/Inmet.



O mapa acima mostra áreas em diferentes padrões de desenvolvimento. Em verde são lavouras que estão respondendo acima do ano passado. Em branco são cultivos com o mesmo padrão da safra anterior. Em amarelo, laranja e marrom são áreas com padrão in-

ferior ao ano-safra anterior. Estas áreas de anomalia negativa, menos expressivas do que na Mesorregião Norte, podem ser de lavouras afetadas pela escassez de chuva e também por atraso de plantio na safra atual.

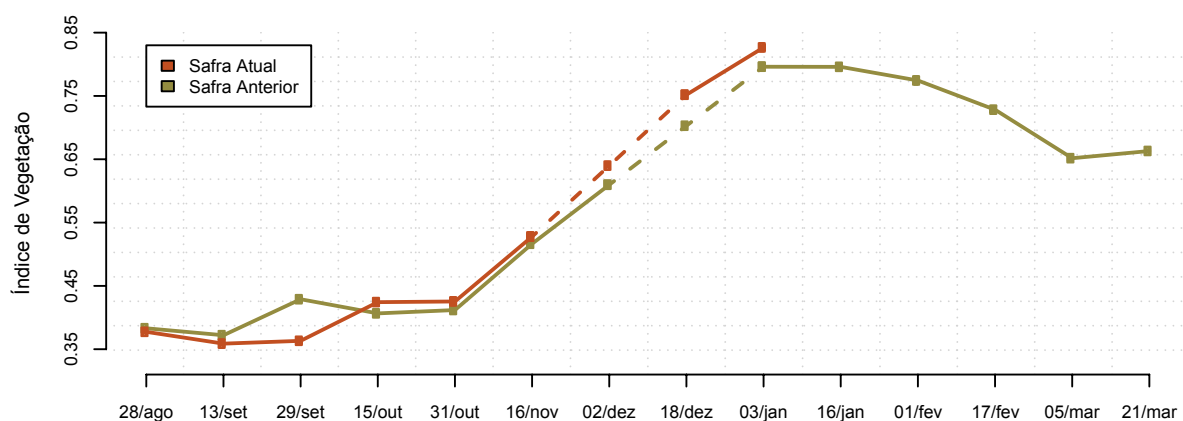
Gráfico 46 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



O gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem um pouco mais de lavouras respondendo nas faixas de altos valores de IV que o ano passado.

Os cálculos com todas as áreas agrícolas da região, ponderados pelos respectivos valores de IV, indicam que a atual safra está 4% acima da safra anterior.

Gráfico 47 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - sudeste matogrossense



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% safra anterior	-1	-4	-15	4	3	2			4					
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

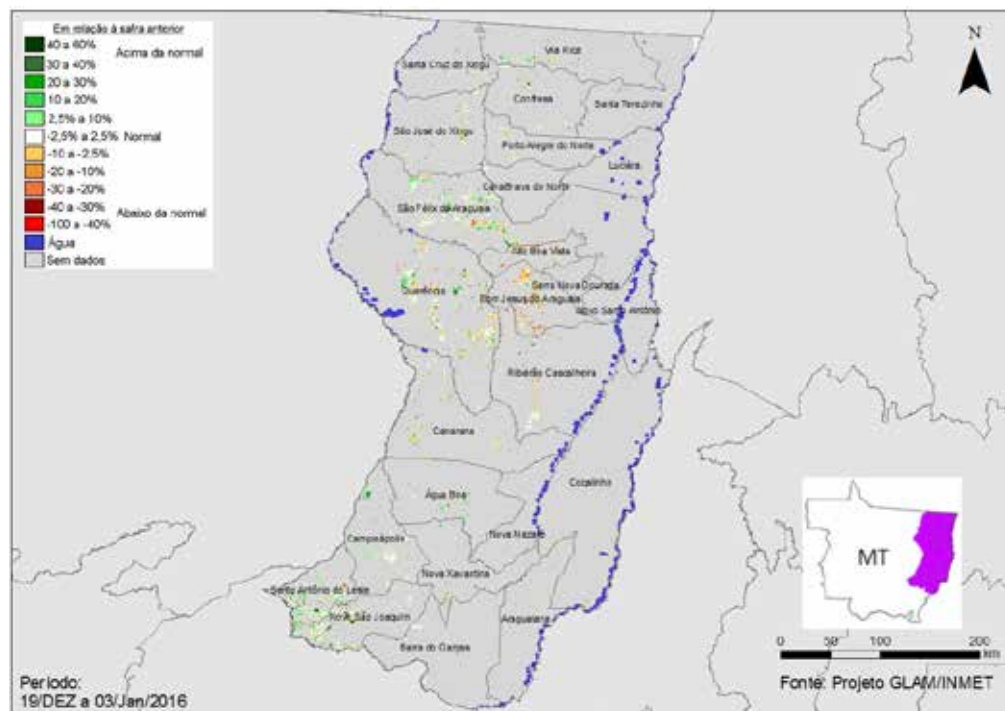
Os últimos trechos da linha vermelha em ascensão acima da linha do ano passado, indica que a safra

atual vem respondendo em média melhor do que no ciclo passado.



7.5.3. NORDESTE MATO-GROSSENSE

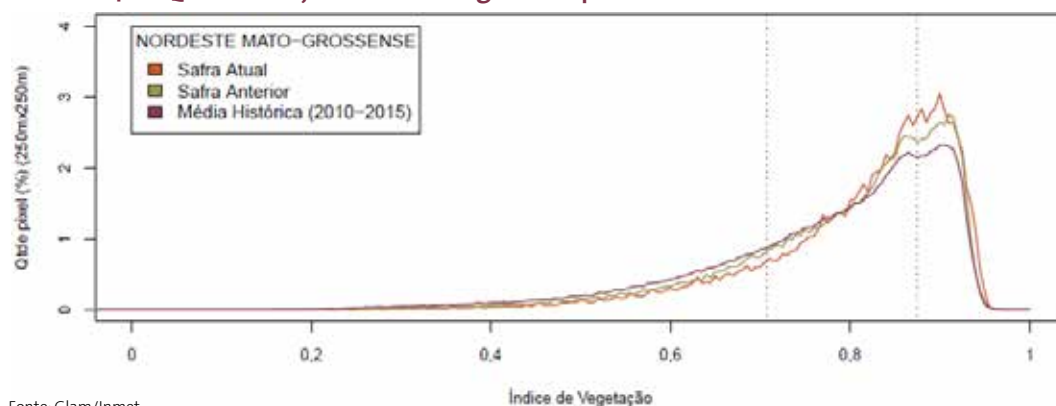
Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O mapa acima mostra áreas em diferentes padrões de desenvolvimento. Em verde são lavouras que estão respondendo acima do ano passado. Em branco são cultivos com o mesmo padrão da safra anterior. Em amarelo, laranja e marrom, principalmente nos municípios de Querência, Bom Jesus do Araguaia e Alto

Boa Vista, são áreas com padrão inferior ao ano-safra anterior. Estas áreas de anomalia negativa, que também estão pontuadas em toda a região, podem ser de lavouras afetadas pela escassez de chuva e também por atraso de plantio na safra atual.

Gráfico 48 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV.



Fonte: Glam/Inmet.

Valores de IV	0 - 0,7071	0,7071 - 0,875	0,875 - 1
Safra Atual	18,05 %	51,87 %	32,08 %
Safra Anterior	20,02 %	51,36 %	28,62 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-8,95 %	1,87 %	7,08 %

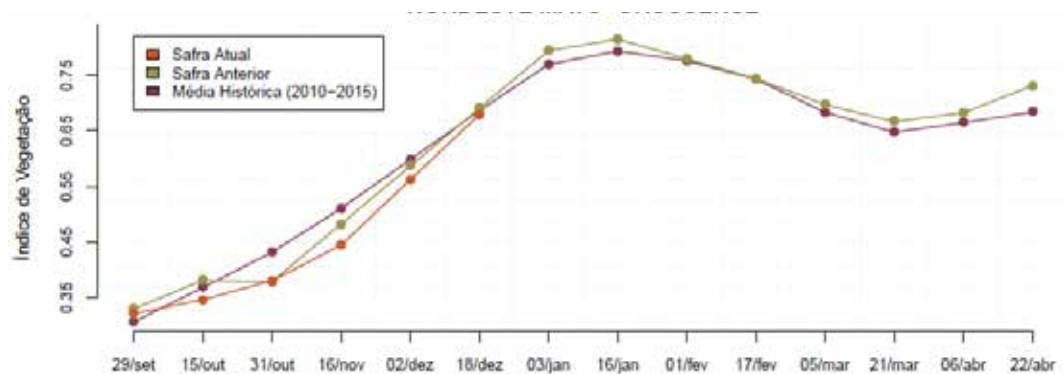


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 32% de suas áreas com boa cobertura foliar (altas respostas de IV), contra 29% do ano passado nesta mesma época. Em relação à média dos seis últimos anos, a atual safra mostra aumento de áreas com altas respostas de IV

(7%) e redução de áreas com baixas respostas (-9%).

A ponderação com todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indica: 4% acima da média dos seis últimos anos e 2% acima da safra anterior.

Gráfico 49 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - nordeste matogrossense



Fonte: Glam/Inmet.

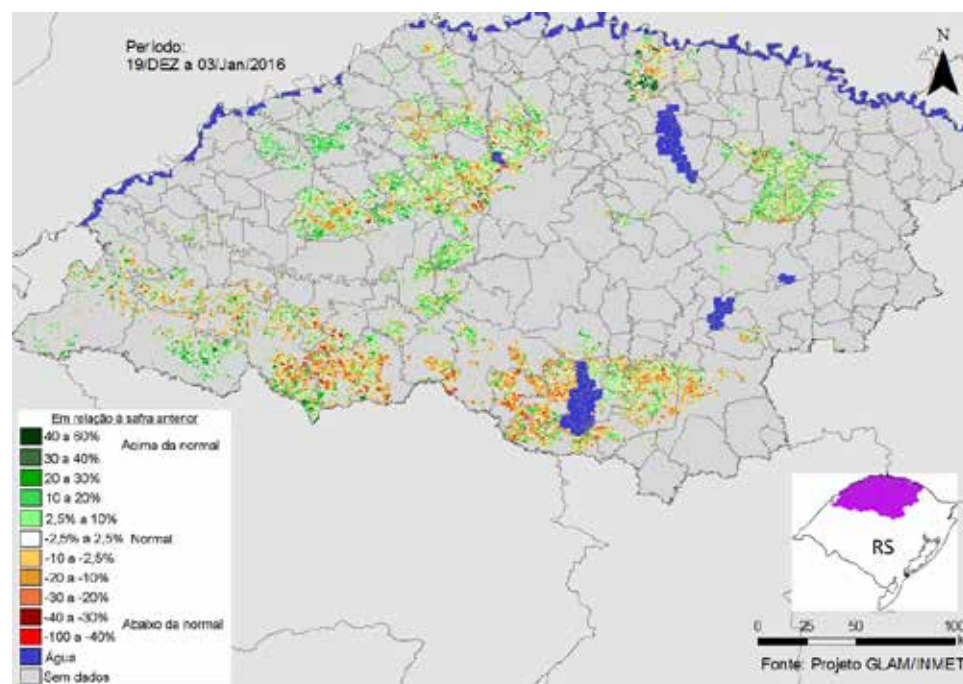
Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	06/abr	22/abr
% média	5	-6	-12	-13	-6	-1								
% safra anterior	-3	-9	0	-8	-4	-2								
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EGIM	M/C	C

O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para traçar a linha da safra atual até 3 de janeiro. No entanto, pelo histogra-

ma, as áreas representadas no mapa apresentam um padrão de desenvolvimento um pouco acima da safra passada e da média dos seis últimos anos.

7.5.4. NOROESTE RIO-GRANDENSE

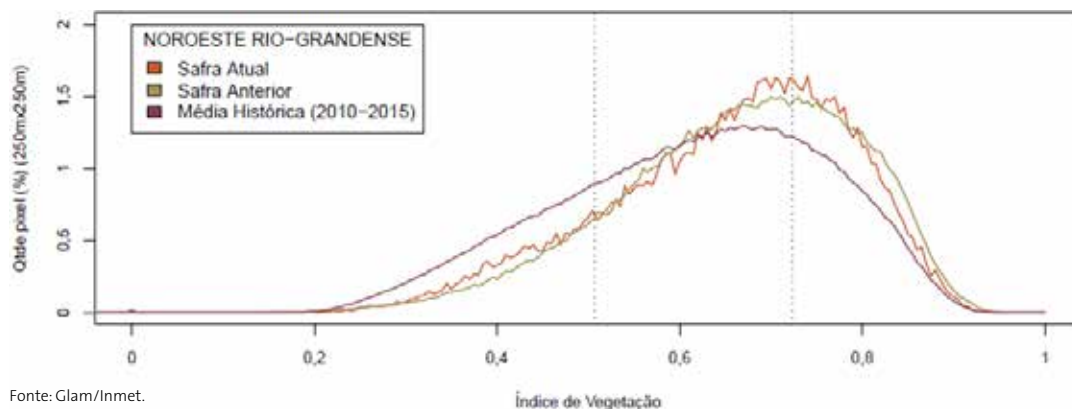
Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



As áreas em verde no mapa são lavouras da atual safra com padrão superior a 2014, provavelmente correspondem àquelas plantadas mais cedo. Em amarelo, laranja e marrom, em maior quantidade, são áreas com padrão inferior ao do ano passado. O excesso de

umidade em decorrência dos altos índices de precipitação que vem ocorrendo na região tem causado atrasos no plantio, implicando em diferenças no calendário em relação ao ano passado, e também efeitos negativos sobre as lavouras.

Gráfico 50 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

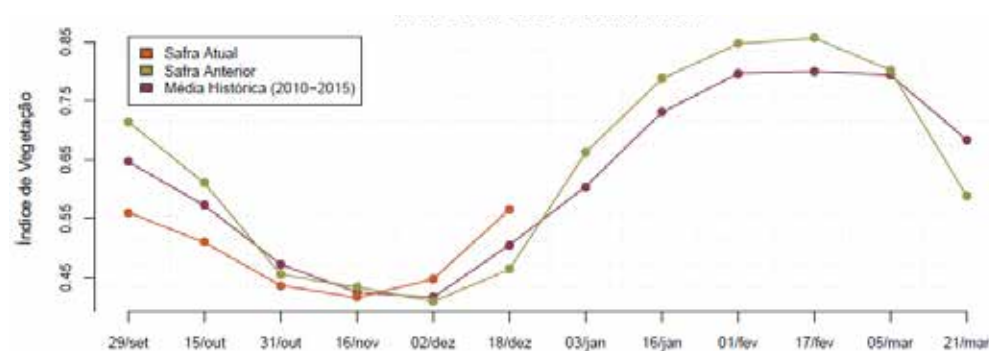


Valores de IV	0 - 0,5072	0,5072 - 0,7229	0,7229 - 1
Safra Atual	15,55 %	50,8 %	33,65 %
Safra Anterior	13,23 %	51,12 %	35,65 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-9,45 %	0,8 %	8,65 %

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que em torno de 34% das áreas de agricultura respondem, na safra atual, com altos valores de IV contra 36% do ano passado no mesmo período. A atual safra tem também 16% das áreas com pouca cobertura fo-

liar (baixos valores de IV), contra 13% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos seis últimos anos e 1% abaixo da safra passada.

Gráfico 51 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - noroeste rio-grandense



Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	-13	-11	-8	-2	7	12						
% safra anterior	-22	-17	-4	-4	9	22						
Fase - safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	E/G	E/G	E/G/M	M	M/C	C	C

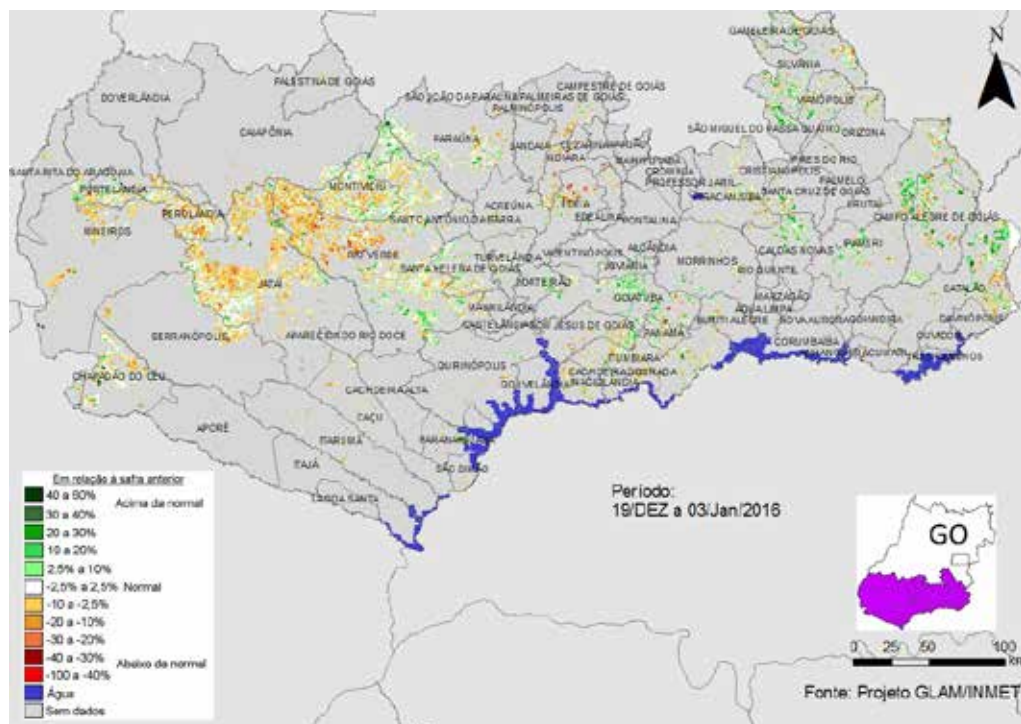


O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para traçar a linha da safra atual até 3 de janeiro/2016. No entanto, pelo histograma, as áreas representadas no mapa apresen-

tam um padrão de desenvolvimento acima da média dos seis últimos anos, mas um pouco abaixo da safra passada.

7.5.5. SUL GOIANO

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



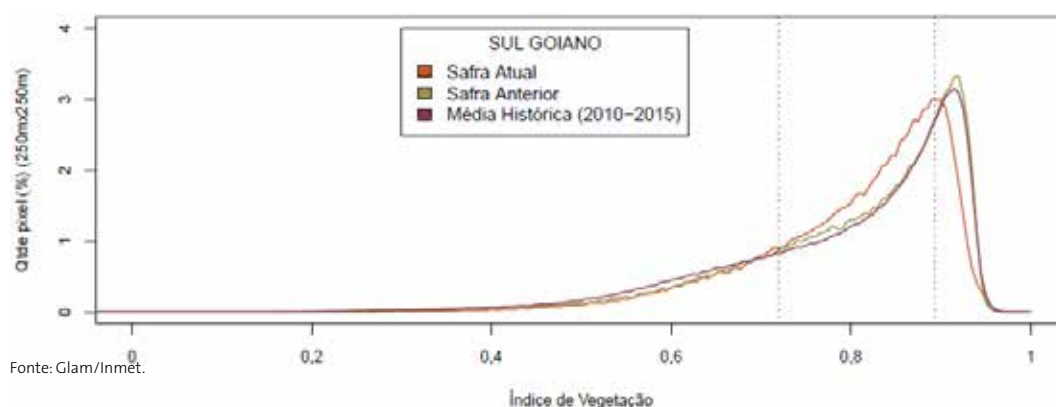
O mapa mostra lavouras com diferentes padrões de desenvolvimento. As áreas em amarelo, laranja e marrom em maior quantidade nos municípios de Rio Verde, Jataí e Perolândia, correspondem aos cultivos da atual safra com padrão inferior ao ano passado. As áreas neste padrão de cores podem ter recebido plan-

tio um pouco mais tarde que na safra passada. As áreas em verde, mais presentes na parte leste da região, são lavouras que, no momento têm padrão acima daquele registrado em 2014. Em branco são áreas com padrões semelhantes nos dois últimos anos-safra.

Fonte: Inmet.



Gráfico 52 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

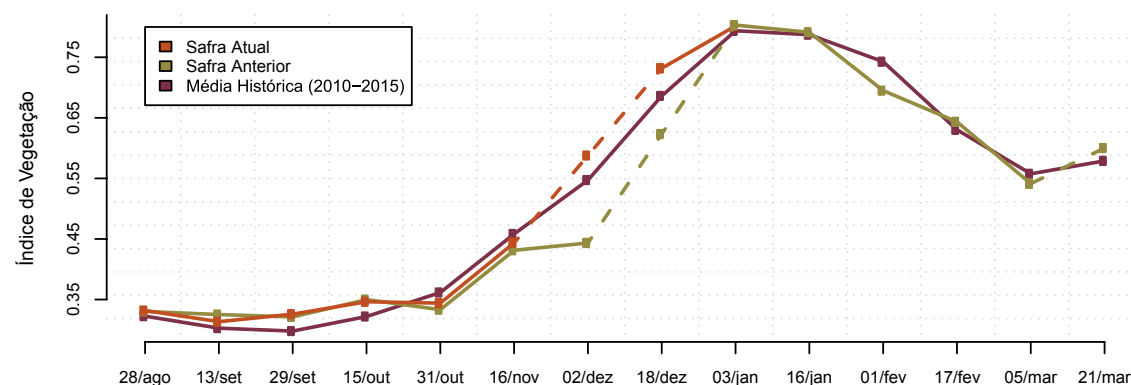


Valores de IV	0 - 0,7189	0,7189 - 0,8939	0,8939 - 1
Safra Atual	20,19 %	62,84 %	17,17 %
Safra Anterior	21,78 %	52,28 %	25,95 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,81 %	12,64 %	-7,83 %

A tabela no gráfico de quantificação de áreas, mostra que a atual safra tem 18% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 26% no mesmo período do ano passado. Tem também 20% dos cultivos com baixas respostas contra 22% na safra passada. Em síntese, o

cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% acima da média dos seis últimos anos e um pouco abaixo da safra passada.

Gráfico 53 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - sul goiano



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	3	4	9	8	-5	-3		7	1					
% safra anterior	0	-4	1	-1	3	3			0					
Fases - safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

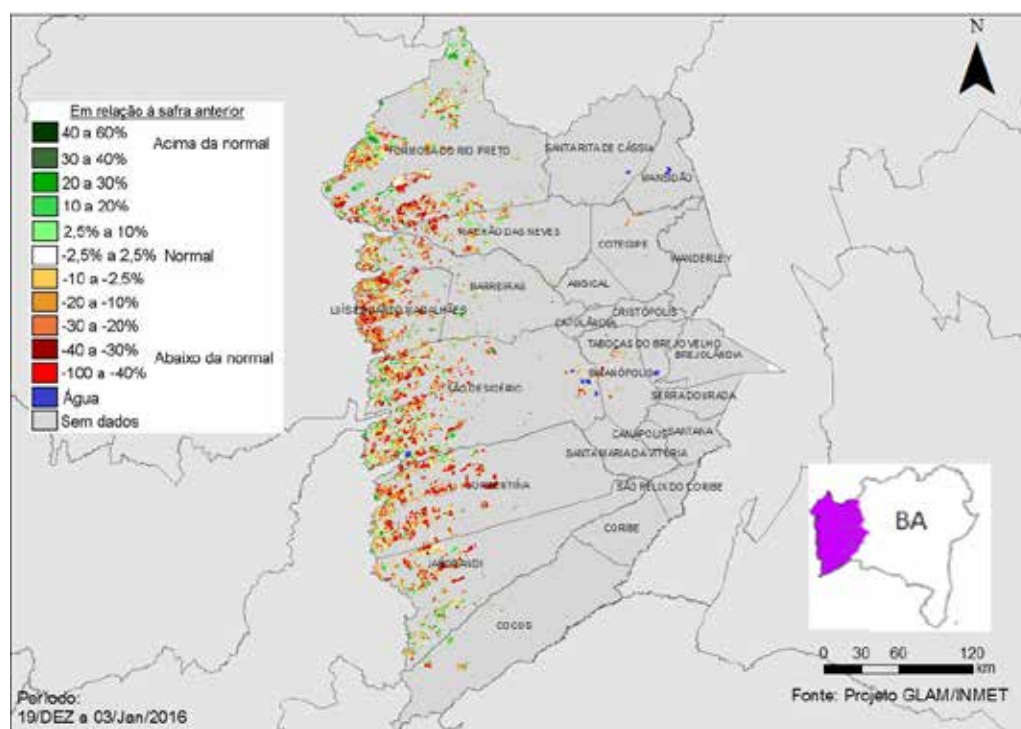
A linha vermelha no gráfico acima indica que em média as lavouras atuais respondem de modo parecido

aos anos-safra anteriores, no período de 19 de dezembro a 3 de janeiro.



7.5.6. EXTREMO OESTE BAIANO

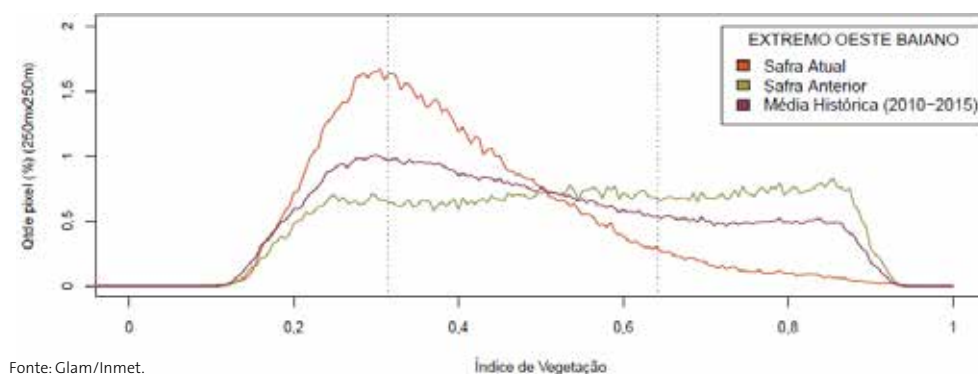
Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



A estação meteorológica do Inmet localizada em Luís Eduardo de Magalhães registrou menos de 60mm de chuva na segunda quinzena de dezembro. Esta é a principal causa da anomalia negativa do IV em relação ao ano passado, em quase toda a região. As lavouras

da atual safra com padrão inferior à safra passada são mostradas em amarelo, marrom e até vermelho no mapa acima, que provavelmente correspondem às áreas recentemente plantadas, replantadas ou ainda não semeadas.

Gráfico 54 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Fonte: Glam/Inmet.

Intervalo de IV	0 - 0,3142	0,3142 - 0,6426	0,6426 - 1
Safra Atual	35,59 %	57,86 %	6,55 %
Safra Anterior	18,34 %	44,88 %	36,97 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	10,59 %	7,86 %	-18,45 %

O acentuado deslocamento para a esquerda da linha vermelha no gráfico acima é indicativo de que grande

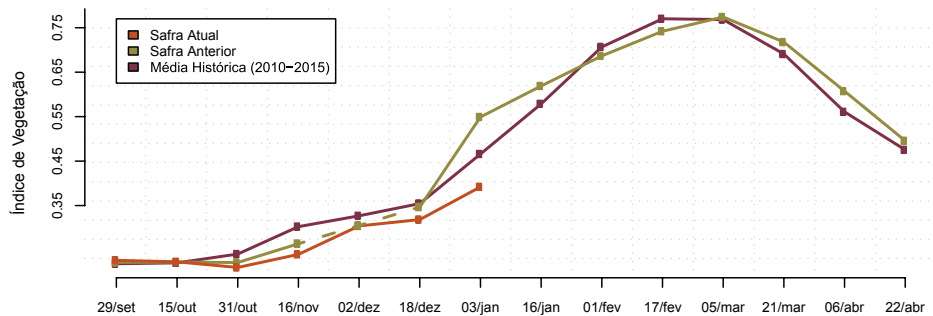
quantidade de lavouras mostra, no momento, baixa atividade fotossintética (baixos valores de IV).



A tabela no gráfico de quantificação de áreas, mostra que a atual safra tem apenas 7% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 37% no mesmo período do ano passado. Tem também 36% dos cultivos com baixas respostas contra 18% na safra passada. Em sín-

tese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 16% abaixo da média dos seis últimos anos e 29% abaixo da safra passada.

Gráfico 55 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Extremo oeste baiano



Fonte: Glam/Inmet.

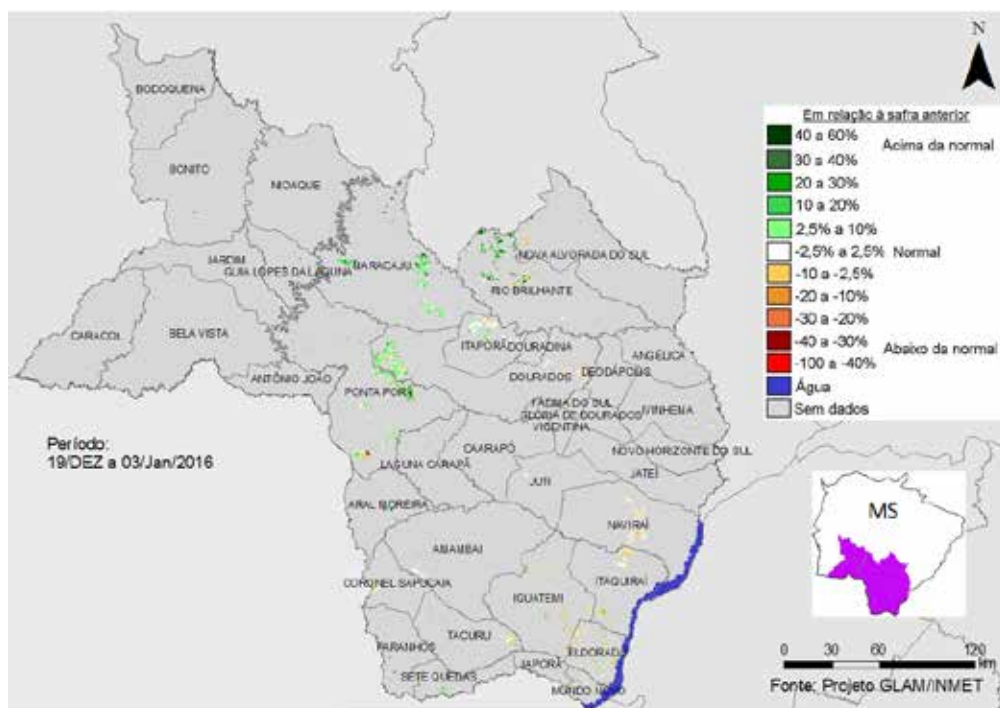
Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	06/abr	22/abr
% média	4	1	-13	-21	-7	-10	-16							
% safra anterior	2	0	-5	-9		-8	-29							
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

O traçado da linha vermelha, abaixo das demais desde meados de outubro, mostra o baixo padrão de desenvolvimento das lavouras da atual safra de verão.

Nesta época as áreas agrícolas já deveriam estar em estágios adiantados, com boa cobertura foliar e altas taxas de fotossíntese, no entanto, constata-se muito baixas respostas de IV.

7.5.7. SUDOESTE DO MATO GROSSO DO SUL

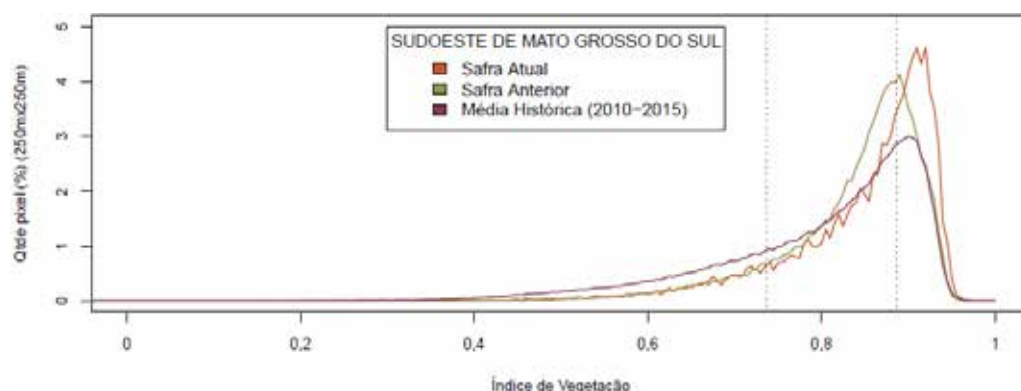
Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas de todos os cultivos da região. As áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão coloridas no mapa. Em verde são lavouras onde o padrão deste ano está acima de 2014. Em amarelo, laranja e mar-

rom são áreas com padrão abaixo do ano passado. Estas diferenças podem ser em decorrência de defasagens dos calendários de plantio nestes dois últimos anos-safra ou até mesmo devido ao excesso de chuva e baixa luminosidade nesta segunda quinzena de dezembro/2015.

Gráfico 56 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



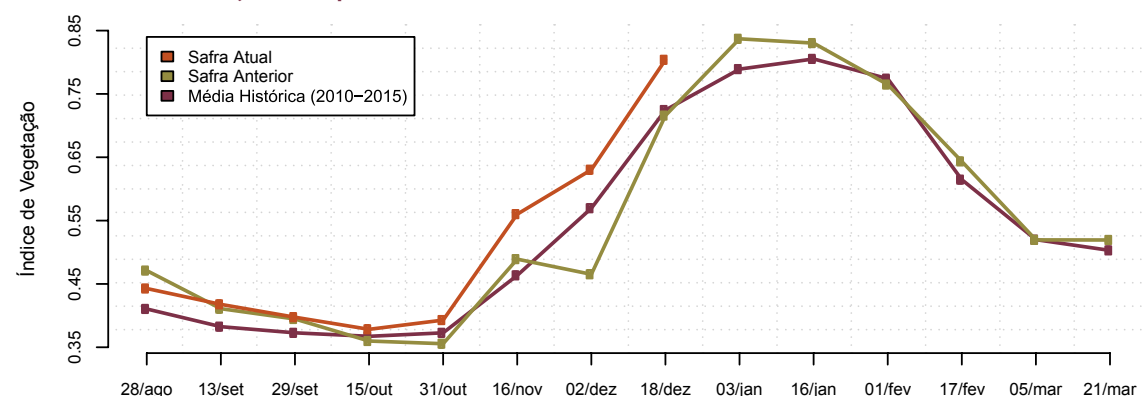
Fonte: Glam/Inmet.

Valores de IV	0 - 0,7367	0,7367 - 0,8864	0,8864 - 1
Safra Atual	12,01 %	46,28 %	41,72 %
Safra Anterior	11,84 %	59,83 %	28,33 %
Média (2010-2015)	25 %	60 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-12,99 %	-3,72 %	16,72 %

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 42% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 28% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem os mesmos 12% do ano passado.

Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% acima da média dos seis últimos anos e 1% acima da safra anterior.

Gráfico 57 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	8	9	7	3	5	21	11	11						
% safra anterior	-6	2	1	5	10	15	35	12						
Fases - safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

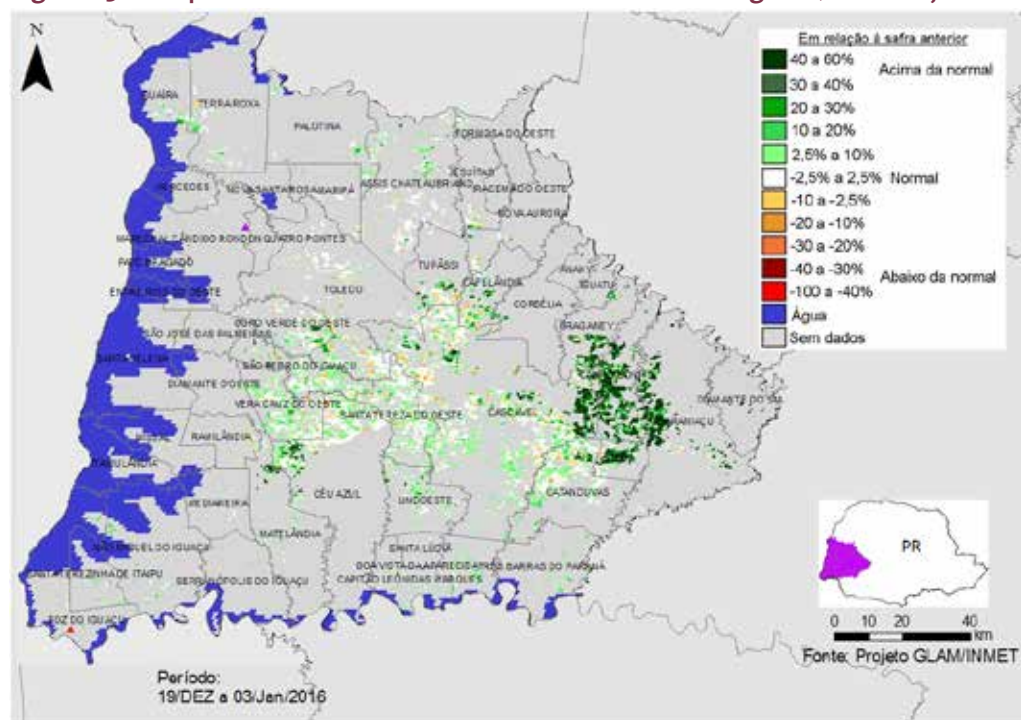


O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para traçar o gráfico no período de 19 de dezembro a 3 de janeiro/2016. Contudo, o traçado da linha vermelha em boa ascensão des-

de meados de outubro e o cálculo ponderado do histograma indicam que em média é bom o padrão de desenvolvimento das lavouras da atual safra de verão.

7.5.8. OESTE PARANAENSE

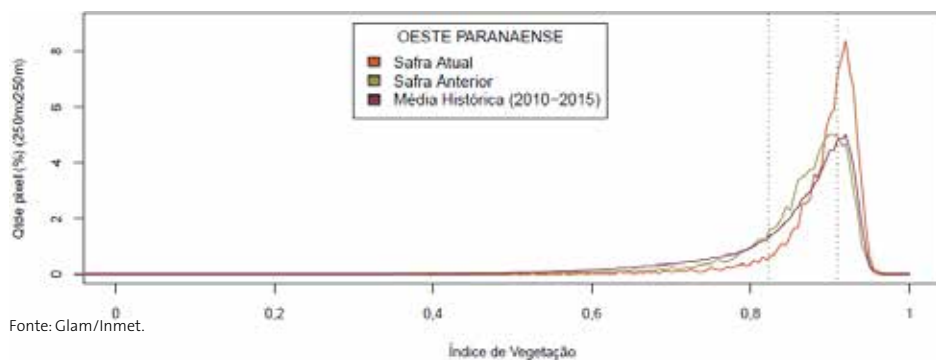
Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



No mapa acima as áreas em verde mostram lavouras da atual safra com padrão de desenvolvimento supe-

rior ao ano passado. Em branco são áreas agrícolas com padrão semelhante nesta e na safra anterior.

Gráfico 58 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV.



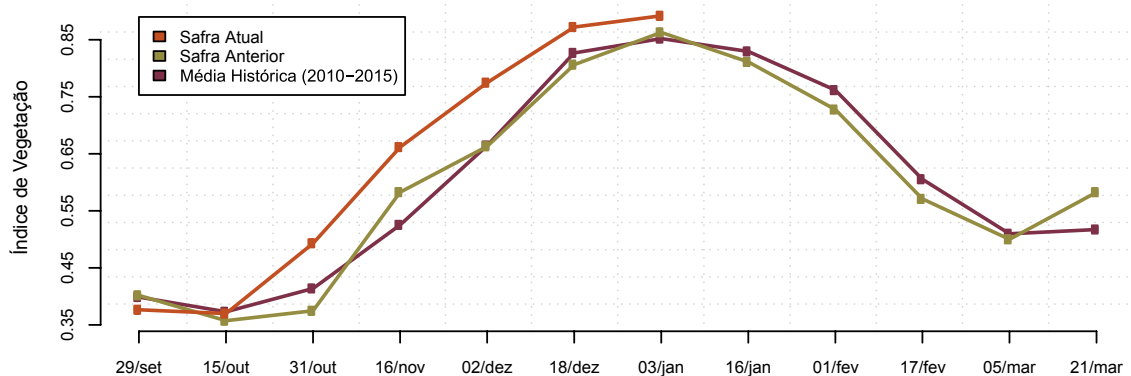
Valores de IV	0 – 0,8227	0,8227 – 0,9003	0,9003 – 1
Safra Atual	7,63 %	50,47 %	41,9 %
Safra Anterior	18,62 %	59,81 %	21,38 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-17,37 %	0,47 %	-16,9 %



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 42% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 21% no mesmo período do ano passado. Já na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 8% contra 19% do ano passado.

Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos seis últimos anos e 3% acima da safra anterior.

Gráfico 59 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - oeste paranaense



Fonte: Glam/Inmet.

Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	-6	-1	19	26	17	5	5					
% safra anterior	-6	3	32	14	17	8	3					
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

No gráfico da evolução temporal, o traçado da linha vermelha em expressiva ascensão desde meados de outubro, mostra que a safra atual responde com padrão acima das safras passadas. Indicativo de que em 2015 o plantio ocorreu mais cedo que em anos anteriores e que é bom o padrão de desenvolvimento das

lavouras, nesta região. O trecho final da linha, com redução da inclinação, registra a transição entre o final da fase de floração e o início do enchimento de grãos. A safra deste ano deve ser colhida mais cedo, abrindo boa janela climática para o milho segunda safra.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O quarto levantamento da lavoura brasileira de algodão aponta para redução na área plantada de 2% na temporada 2015/16. Essa estimativa vem sofrendo oscilações desde os primeiros levantamentos liberados pela Conab, e podem ainda sofrer modificações em decorrência da conjuntura ainda adversa para o produto, onde os estoques internacionais elevados promovem impactos negativos nos preços da pluma, contrapondo-se à forte variação cambial que fez com que a comercialização da safra 2015/16 atingisse patamares elevados quando comparado com o registrado nas safras anteriores.

De acordo com as fontes de informação em Mato Grosso, na semana do levantamento realizado pela Conab, a comercialização da pluma já havia atingido 35% da produção prevista para esta safra, ante 23% realizada no mesmo período da passada. O plantio de algodão na região previsto para o início de dezembro ainda não atingiu o ritmo necessário por falta de chuvas. As poucas áreas implantadas estão sendo acompanhadas com bastante atenção para que a lavoura não cause prejuízos aos produtores, uma vez que o custo de implantação e a sua manutenção têm se tornado a cada safra mais elevado.

Adicionalmente, a lentidão no ritmo de plantio está associada também à necessidade que o produtor tem de ajustar as fases finais do ciclo da cultura ao perío-

do de menor índice de chuvas, evitando assim, perdas em termos de quantidade e qualidade da pluma na hora da colheita. A expectativa é de que a área total de plantio em Mato Grosso aumente 4,3% em comparação à safra 2014/15, variando de 562,7 mil hectares para 586,9 mil hectares, com o crescimento concentrado, principalmente, na região de Sapezal.

Em Goiás o plantio praticamente não ocorreu, com os produtores cautelosos quanto à estabilidade das chuvas. Nas áreas que receberão a próxima safra, intensifica-se o uso de armadilhas para o bicudo (*Anthonomus grandis*). Acredita-se que a maior parte da produção será realizada na segunda safra. A expectativa é que haja uma forte retração na área plantada devido, principalmente, às melhores expectativas com a soja e aos elevados custos de produção envolvendo a cultura de algodão.

Em Mato Grosso do Sul a falta de chuvas nos municípios produtores, particularmente em outubro e novembro, deslocou a janela de plantio em mais de 20 dias, o que implicou no aumento dos riscos para as lavouras de segundo ciclo, em particular o algodão. Mesmo assim, a tendência de forte redução na área plantada que deveria ocorrer no estado, dá indicações de que não será confirmada, estando prevista a redução na área de somente 1,9% em relação ao exercício anterior. Esses dados ainda não estão totalmente consolidados em decorrência das dificuldades relacionadas à obtenção de crédito e à instabilidade climática nas regiões produtoras.

Na região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, teve início a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário, estabelecido como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e proteção contra os prejuízos ocasionados pela praga. As áreas de cultivo ainda não estão totalmente defini-

das em razão do atraso do plantio da safra verão e da insegurança relacionada ao comportamento do mercado. No momento trabalha-se com uma área plantada de 19,0 mil hectares, e um incremento previsto de 1,1% em relação ao observado no exercício anterior.

A região Nordeste, segunda maior produtora do país, será a responsável pela maior redução percentual na área plantada com algodão para a temporada 2015/16 – 13%. Na Bahia maior produtor regional, estima-se que serão cultivados cerca de 247,9 mil hectares, representando redução de 11,8% em relação à temporada passada. De uma forma geral poderá ocorrer redução na área de plantio em todas as microrregiões produtoras. Em Bom Jesus da Lapa e Caetité, a severidade da estiagem acentua o desestímulo em se investir na cultura devido à grande probabilidade de frustração. Esta tendência de redução das áreas de plantio vem sendo observada nos últimos quatro anos, particularmente a partir da safra 2011/12. Esta relação estreita da cotação do algodão com o custo de produção pode ser o principal fator do recuo das áreas de plantio, principalmente para os produtores menos capitalizados e com menor nível tecnológico.

No Maranhão a área plantada com algodão é explorada apenas nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, localizados no extremo sul do Maranhão, sendo os dois últimos o que apresentam maior representatividade. A área está estimada atingir 20,8 mil hectares, representando um decréscimo de 2,8% em relação ao ocorrido no exercício passado. Com o atraso das chuvas o plantio deverá ser finalizado em janeiro.

A consolidação dessas informações permite estimar para a safra de algodão na temporada 2015/16 uma expectativa de plantio atingindo 956,7 mil hectares, representando redução de 2% em relação ao ocorrido no exercício anterior.



Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Algodão

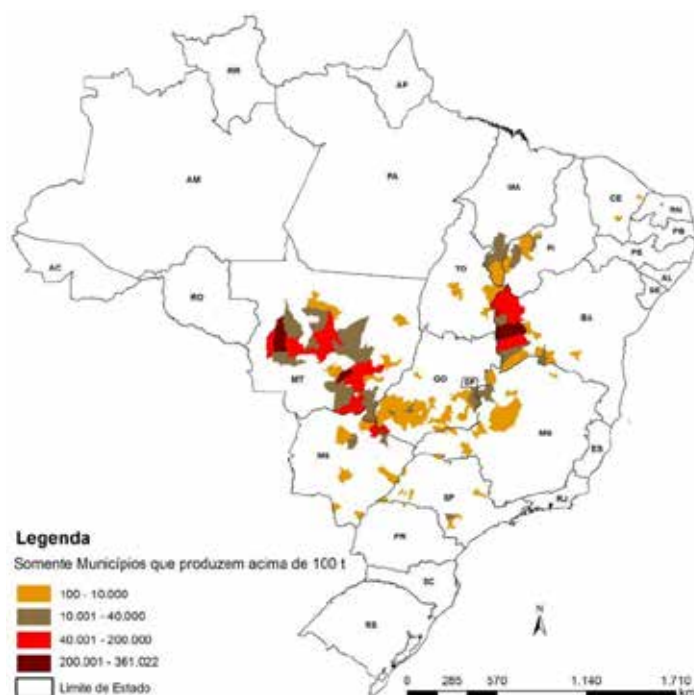


Tabela 16 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	30,4	3,1
TO	7,7	7,9	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	30,4	3,1
NORDESTE	317,8	276,4	(13,0)	3.851	3.832	(0,5)	1.223,7	1.059,2	(13,4)
MA	21,4	20,8	(2,8)	3.984	4.036	1,3	85,3	83,9	(1,6)
PI	14,2	6,6	(53,2)	3.536	3.641	3,0	50,2	24,0	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	306	632	106,5	0,1	0,3	200,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.108	(8,7)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,2	-	1.210	991	(18,1)	0,2	0,2	-
PE	0,1	0,1	-	512	512	-	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	247,9	(11,8)	3.836	3.830	(0,2)	1.086,4	949,5	(12,6)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	4.106	3.975	(3,2)	2.576,8	2.575,9	-
MT	562,7	586,9	4,3	4.095	3.943	(3,7)	2.304,3	2.314,1	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	4.500	4.500	-	140,0	137,3	(1,9)
GO	33,8	30,6	(9,5)	3.919	4.069	3,8	132,5	124,5	(6,0)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	3.574	3.689	3,2	79,4	86,7	9,2
MG	18,8	19,0	1,1	3.600	3.724	3,4	67,7	70,8	4,6
SP	3,4	4,5	32,4	3.432	3.541	3,2	11,7	15,9	35,9
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	284,3	(12,7)	3.850	3.833	(0,5)	1.253,2	1.089,6	(13,1)
CENTRO-SUL	650,7	672,4	3,3	4.085	3.963	(3,0)	2.658,2	2.664,6	0,2
BRASIL	976,2	956,7	(2,0)	4.007	3.924	(2,1)	3.911,4	3.754,2	(4,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.



Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	1.532	1.544	0,8	11,8	12,2	3,4
TO	7,7	7,9	2,6	1.532	1.538	0,4	11,8	12,2	3,4
NORDESTE	317,8	276,4	(13,0)	1.540	1.533	(0,5)	489,4	423,7	(13,4)
MA	21,4	20,8	(2,8)	1.594	1.614	1,3	34,1	33,6	(1,5)
PI	14,2	6,6	(53,2)	1.414	1.456	3,0	20,1	9,6	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	107	221	106,5	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.561	(8,7)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,2	-	424	347	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	179	179	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	172	173	0,6	-	-	-
BA	281,1	247,9	(11,8)	1.546	1.532	(0,9)	434,6	379,8	(12,6)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	1.640	1.588	(3,2)	1.029,2	1.029,0	-
MT	562,7	586,9	4,3	1.638	1.577	(3,7)	921,7	925,7	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	1.778	1.778	-	55,3	54,2	(2,0)
GO	33,8	30,6	(9,5)	1.544	1.603	3,8	52,2	49,1	(5,9)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	1.428	1.472	3,1	31,7	34,6	9,1
MG	18,8	19,0	1,1	1.440	1.490	3,5	27,1	28,3	4,4
SP	3,4	4,5	32,4	1.356	1.399	3,2	4,6	6,3	37,0
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	284,3	(12,7)	1.540	1.533	(0,5)	501,2	435,9	(13,0)
CENTRO-SUL	650,7	672,4	3,3	1.631	1.583	(2,9)	1.061,6	1.064,3	0,3
BRASIL	976,2	956,7	(2,0)	1.601	1.568	(2,1)	1.562,8	1.500,2	(4,0)

Fonte: Conab.

Nota.: Estimativa em janeiro/2015.



Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	2.298	2.307	0,4	17,7	18,2	2,8
TO	7,7	7,9	2,6	2.298	2.307	0,4	17,7	18,2	2,8
NORDESTE	317,8	276,4	(13,0)	2.311	2.300	(0,5)	734,3	635,6	(13,4)
MA	21,4	20,8	(2,8)	2.390	2.422	1,3	51,2	50,4	(1,6)
PI	14,2	6,6	(53,2)	2.122	2.185	3,0	30,1	14,4	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	199	411	106,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.547	(8,7)	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,2	0,2	-	787	644	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	333	333	-	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	319	322	0,9	-	-	-
BA	281,1	247,9	(11,8)	2.319	2.298	(0,9)	651,8	569,7	(12,6)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	2.466	2.387	(3,2)	1.547,6	1.547,0	-
MT	562,7	586,9	4,3	2.457	2.366	(3,7)	1.382,6	1.388,5	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	2.723	2.723	-	84,7	83,0	(2,0)
GO	33,8	30,6	(9,5)	2.375	2.466	3,8	80,3	75,5	(6,0)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	2.147	2.217	3,2	47,7	52,1	9,2
MG	18,8	19,0	1,1	2.160	2.234	3,4	40,6	42,5	4,7
SP	3,4	4,5	32,4	2.076	2.142	3,2	7,1	9,6	35,2
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	284,3	(12,7)	2.310	2.300	(0,4)	752,0	653,8	(13,1)
CENTRO-SUL	650,7	672,4	3,3	2.453	2.380	(3,0)	1.596,6	1.600,3	0,2
BRASIL	976,2	956,7	(2,0)	2.406	2.356	(2,1)	2.348,6	2.254,1	(4,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Tabela 19 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P-Plantio; C-Colheita; P/C-Plantio e colheita.

Fonte: Conab



8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), importantes mudanças foram implementadas no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16. Dados publicados no início de janeiro de 2016, pela referida entidade, convergem para um volume de produção mundial da ordem de 22.890 mil toneladas, caracterizando-se como a menor safra dos últimos seis anos. Em valores absolutos, a retração é da ordem de 3.340 mil toneladas de pluma. A produção ora estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo avaliado em 24.330 mil toneladas, pela primeira vez desde a safra 2009/10.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para uma redução de 6,53% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.590 mil toneladas contra 22.030 mil toneladas, em 2014/15. Neste sentido, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 84,62% contra 90,96% na safra 2014/15. Contudo, destaca-se que cerca de 58,08% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China contra 58,32% da safra anterior.

Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma em dezembro nos mercados futuro e disponível se ampliaram. O suporte para o impulso deveu-se a um ligeiro incremento da demanda e, principalmente, pela perspectiva de um volume de estoque e de produção

de pluma menor no corrente ano safra 2015/16. Dessa forma, as cotações nestes mercados encerraram o mês indicando média de US 63,11 Cents/lb em Nova Iorque US 70,39 no mercado físico.

Panorama nacional

O quarto levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab em janeiro/2016 não apresentou significativas mudanças em relação ao relatório divulgado no mês anterior. Assim, o presente trabalho estima uma produção de 1.500,2 mil toneladas e indica uma queda de 4,0% em relação ao montante produzido na safra 2014/15 que foi de 1.562,8 mil toneladas.

A justificativa para esse movimento misto na produção reflete a grande valorização do dólar frente o real

em 2015, notadamente em quando a moeda americana, segundo o Banco Central, chegou a valer R\$ 4,1949 no dia 24 de setembro 2015. A moeda estadunidense valorizada permite que o excedente da produção de pluma não consumida pela Indústria nacional seja exportado a preços mais remuneradores, todavia, eleva muito o custo dos insumos importados que, representam, aproximadamente, 55% do custo total. Dessa feita, o saldo dessa operação traz pouco ou quase nenhum incremento na remuneração do cottoncultor.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão reagiram de maneira negativa à queda do dólar e retração da atividade compradora da indústria. Em dezembro, as cotações caíram em quase todos os estados avaliados, em comparação com outubro, exceto na Bahia, onde a média

elevou-se 0,91% para o valor de R\$77,71/@; em Goiás ocorreu um decréscimo de 6,54% com média de R\$70,92/@ e em Mato Grosso fechou o mês com queda 3,18% com preço médio de R\$67,85/@.

Informações sobre o consumo nacional

Em relação ao mês anterior permaneceram inalteradas as estimativas dos números de consumo consubstanciados no quadro de oferta e demanda. Neste sentido, levando em consideração as atuais previsões de crescimento negativo da economia brasileira, a Conab optou por manter a tendência de queda em 2,43%,

passando de 820 mil toneladas em 2015 para 800 mil toneladas em 2016. Nesse cenário, é importante enfatizar que a expectativa de menor importação de produtos de vestuários poderá estimular o aumento do consumo pela indústria do algodão nacional em 2016.

Análise de exportações brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente bem que poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em

princípio, para 2016, a Conab mantém sua estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo; redução explicada pela perspectiva de retração da produção interna e menor consumo da pluma em 2016 pela China, Índia, Paquistão e Turquia que são tradicionais compradores do produto brasileiro. Para acompanhamento das exportações brasileiras.

Quadro de oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.004,2 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.654,3 mil toneladas. Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 fica mais restrita e passa a ser de 349,9 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.

Para 2016 a Conab projeta a seguinte configuração: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.855,1 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser menor em torno de 315,1 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e para abastecer a indústria nacional, bem como, honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.

Tabela 20 - Suprimento de algodão em pluma - Brasil - 2011 a 2016 - Em mil t

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2016 ¹	2016 ²
Oferta	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.004,2	1.855,1
Estoque inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,9
Produção:	Total	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.562,8	1.500,2
	Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6
	Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	3,0	5,0
Demanda	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.540,0
Consumo interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	800,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
Estoque final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,9	315,1
Meses de uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	2,5

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Tabela 21 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	91,4	(1,2)	3.315	3.464	4,5	306,6	316,6	3,3
MG	2,7	2,1	(22,2)	3.338	3.443	3,1	9,0	7,2	(20,0)
SP	89,8	89,3	(0,6)	3.314	3.465	4,6	297,6	309,4	4,0
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.466	1,5	12,7	11,6	(8,7)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.493	3,9	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	(1,6)	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
CENTRO-SUL	97,7	96,1	(1,6)	3.268	3.416	4,5	319,3	328,2	2,8
BRASIL	97,7	96,1	(1,6)	3.268	3.416	4,5	319,3	328,2	2,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015..



Figura 15 - – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

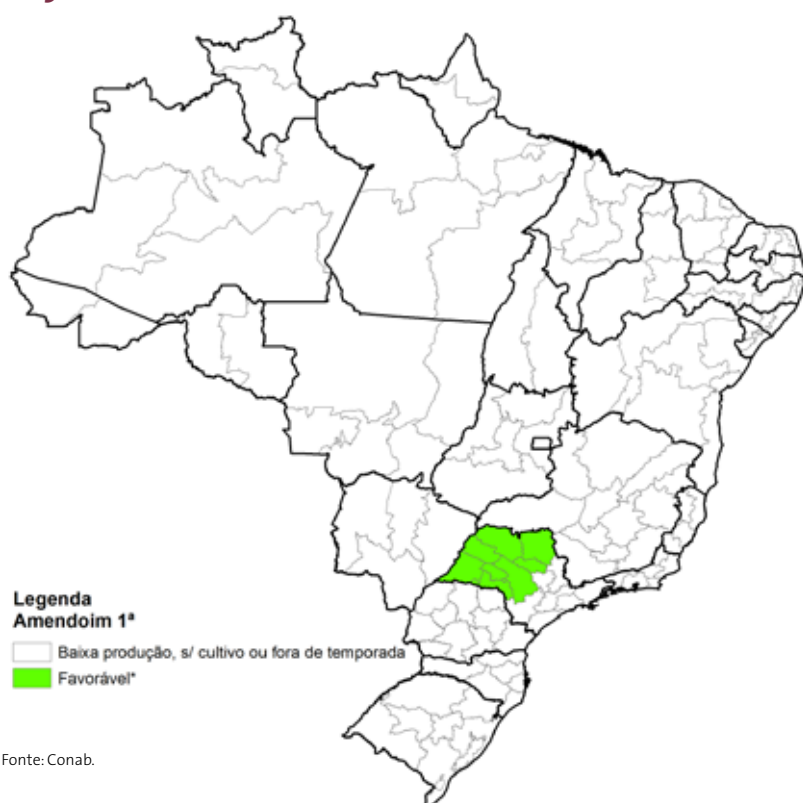


Tabela 23 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

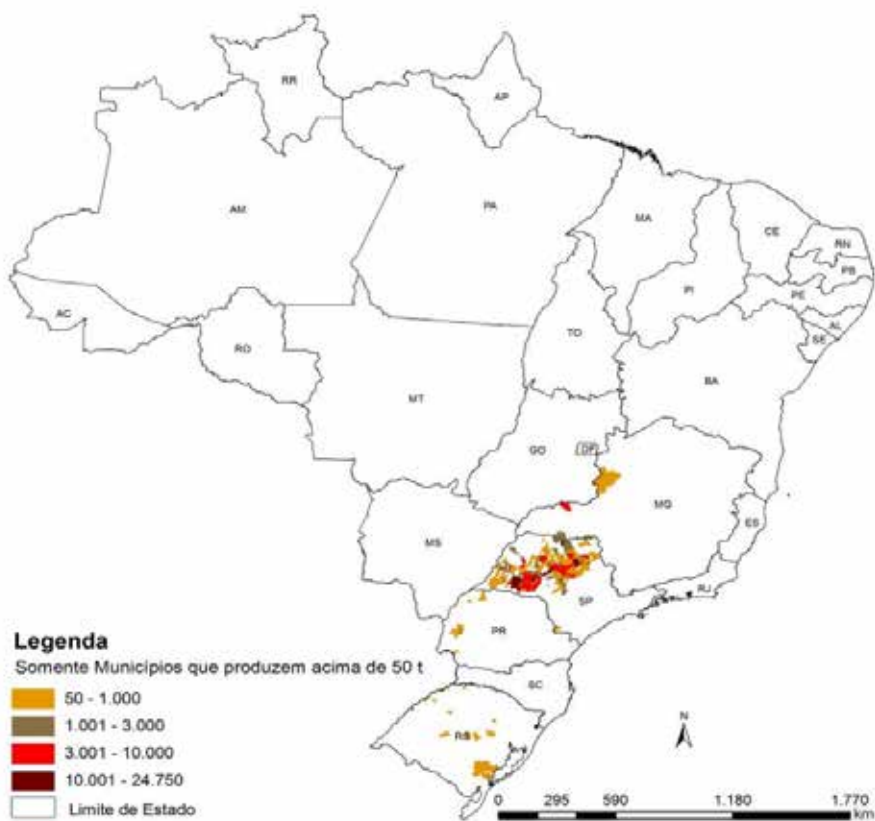
Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	- todo o estado de SP (F)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais.



Figura 16 - Mapa da produção agrícola -Amendoim - 1a safra



12.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 24 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,6	(33,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	6,4	(31,2)
TO	2,4	1,6	(33,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	6,4	(31,2)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO- OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
SP	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
NORTE/NORDESTE	5,7	4,9	(14,0)	2.172	2.299	5,9	13,2	9,9	(25,0)
CENTRO-SUL	5,5	5,5	-	2.587	2.511	(2,9)	14,3	13,8	(3,5)
BRASIL	11,2	10,4	(7,1)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	23,7	(13,8)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Amendoim - 2a safra

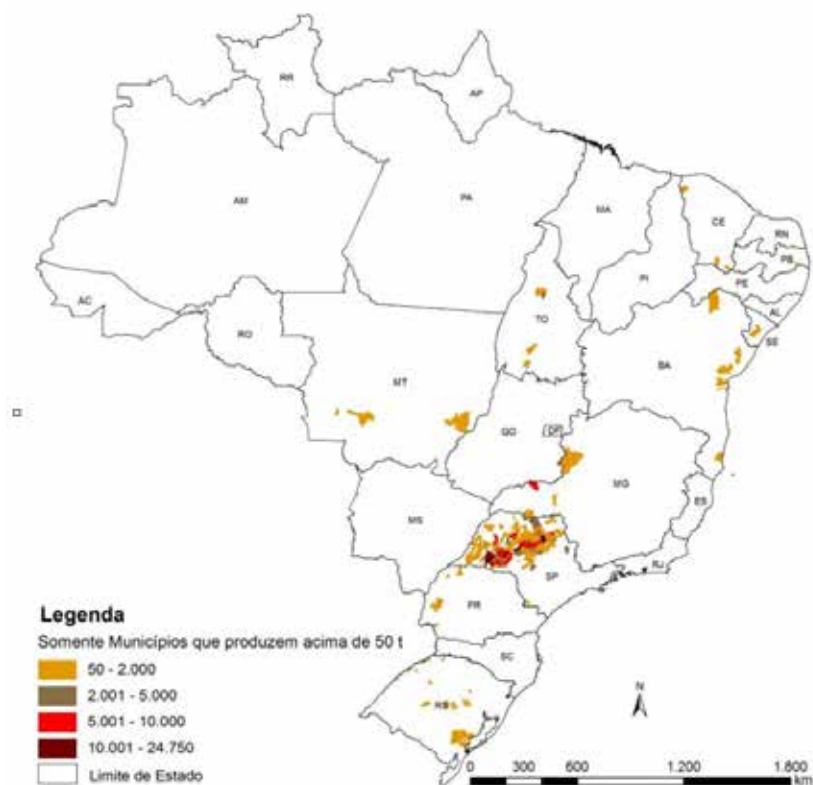


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 18 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,6	(33,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	6,4	(31,2)
TO	2,4	1,6	(33,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	6,4	(31,2)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	96,7	(1,1)	3.277	3.413	4,2	320,5	330,0	3,0
MG	2,7	2,1	(22,2)	3.338	3.443	3,1	9,0	7,2	(20,0)
SP	95,1	94,6	(0,5)	3.275	3.412	4,2	311,5	322,8	3,6
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.466	1,5	12,7	11,6	(8,7)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.493	3,9	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	-	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
NORTE/NORDESTE	5,7	4,9	(14,0)	2.300	2.022	(12,1)	13,2	9,9	(25,0)
CENTRO-SUL	103,2	101,6	(1,6)	3.231	3.367	4,2	333,6	342,0	2,5
BRASIL	108,9	106,5	(2,2)	3.183	3.305	3,8	346,8	351,9	1,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.



8.1.3. ARROZ

As análises acerca da safra 2015/16 de arroz indicam uma redução de área em relação à safra 2014/15 nos estados onde o plantio foi concluído, com exceção dos estados do Piauí e Pará que sinalizam incremento de área. Há atraso na implantação das lavouras, principalmente nos principais estados produtores, diante da situação climática adversa. No Rio Grande do Sul, principal produtor de arroz, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), através da Secretaria de Política Agrícola editou a portaria nº 229, publicada no dia 9 de novembro de 2015 nas páginas 5 e 6 do Diário Oficial da União, ampliou o calendário oficial do plantio de arroz, estipulando um prazo maior para a implantação das lavouras. Desta forma os produtores ficam resguardados e, mesmo plantando fora do período ideal, podem ser atendidos pelo Proagro em caso de sinistro. Os números da cultura do arroz indicam redução de 3,3% da área plantada, 4,5% na produtividade e 7,7% na produção.

No estado do Rio Grande do Sul, a semeadura da lavoura de arroz da safra 2015/16 ainda não foi concluída. As chuvas intensas e frequentes não permitem a semeadura, além das cheias dos rios que alagam as lavouras ribeirinhas. Só o rio Uruguai já apresentou seis enchentes durante os períodos de preparo e semeadura, represando também seus afluentes como Icamquã, Butuí e Ibicuí, onde se localiza boa parte das lavouras da Fronteira Oeste além do rio Jacuí e seus afluentes, localizados no centro do estado. Dentro do período preferencial recomendado pelas pesquisas do Instituto Riograndense do Arroz (Irga) de 5 de outubro a 30 de outubro foram semeados somente 38% da área total do estado e durante o período recomendado, 5 de outubro a 15 de novembro, apenas 55% da área foi semeada. Já para dezembro ficou 22% do total da área do estado para ser semeada. Devido à proporção da cheia do rio Uruguai perdas deverão ocorrer naquelas lavouras que forem cobertas com mais de 3 metros de água. Os desenvolvimentos das primeiras áreas semeadas estão prejudicadas. A falta de luminosidade é apontada como a causa principal, somando-se à diminuição da disponibilidade de nutrientes, pois o fertilizante aplicado foi arrastado pelo excesso de água que transitou pelas lavouras. A consequência é o atraso no ciclo da cultura, aumento do custo de produção e do risco para obtenção da produtividade necessária para o sucesso da atividade. Em vários casos o estande da lavoura ficou menor do que o ideal e o perfilhamento (afilhamento) está abaixo do esperado para o estágio atual da cultura, o que traz indícios de produtividade menor e justifica a produtividade inferior à safra passada.

Em Santa Catarina o clima foi, em geral, favorável para

o plantio da nova safra. Com temperaturas acima da média para a estação, os produtores anteciparam a semeadura do arroz. Nestes dois últimos meses ocorreram chuvas acima da média no estado, com isso os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para irrigação possuem volume adequado para fornecimento às lavouras. A semeadura do arroz encontra-se finalizada no estado, visto que, no momento, constata-se que apenas 0,4% das lavouras estão na fase de germinação, 75,6% na fase de desenvolvimento vegetativo e outras 24% em fase de floração. Observa-se um pequeno atraso no plantio devido ao excesso de chuvas, o que, segundo os informantes, pode influenciar na produtividade das lavouras. Caso as chuvas persistam nos próximos dias e meses no estado, devido a influência do fenômeno climático El Niño, poderá comprometer o manejo da cultura, bem como parte de seu desenvolvimento e produtividade. O clima chuvoso tem prejudicado as aplicações de defensivos, que visam controlar as pragas e doenças, mas, o manejo tem sido feito satisfatoriamente e não causam maiores preocupações aos produtores. A brusone, doença mais comum dos arrozais, apesar de presente em incidências variáveis, está controlada conforme o recomendado. O crédito de custeio foi ofertado de acordo com as necessidades dos produtores, que, na grande maioria, utilizam financiamento do Pronaf. Mesmo com a alta da taxa de juros este ano em relação ao ano anterior, segundo os informantes, não haverá redução na contratação dos financiamentos bancários. A oferta de insumos para o plantio foi dentro da normalidade devido ao planejamento por parte das cooperativas e cerealistas que fornecem estes aos produtores. A quantidade de adubação varia de acordo com as análises de solo, e geralmente gira em torno de 250 kg/ha, sendo as formulações mais utilizadas as 00-20-20; 05-20-20; 13-17-27 e 00-20-30 e, para adubação de cobertura, ureia simples e cloretada em torno de 200 kg/ha, distribuídas em três aplicações periódicas, embora estas serem prejudicadas devido ao excesso de chuvas nos últimos 60 dias. Foi relatado pelos informantes que, em geral, os insumos foram adquiridos antes do aumento do dólar, o que vem amenizar em parte o custo de produção das lavouras. Nas regiões do vale do Itajaí e Litoral Norte do estado, a semeadura começou no final de junho, enquanto que na região sul o plantio foi a partir de setembro, mas com o “veranico” mais cedo este ano, o plantio também foi antecipado. A área de plantio desta nova safra teve redução mínima de 0,2% em relação à anterior, cedendo espaço para o milho, mandioca e hortifrutigranjeiros, além da área ocupada pela expansão do ramo imobiliário. Incremento na produtividade de 2,1% e na produção de 1,9% em relação à safra 2014/15.



No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O plantio do arroz de sequeiro não está concluído devido ao excesso de chuvas, mas as lavouras estão em bom estado de desenvolvimento. Essa lavoura é praticamente toda com vistas à subsistência e com pouca aplicação de tecnologia. O que está ajudando o desenvolvimento da cultura é o bom regime de chuvas e as lavouras estão em estágio vegetativo. No que se refere ao arroz irrigado o plantio foi finalizado e 100% da área se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo. Na atual safra a área total teve uma redução de 3,3%, incremento na produtividade de 2,1% e redução de 1,3% na produção em relação à safra 2014/15. O excesso de chuva em si não tem influência sobre a cultura. O que ocorre atualmente é que as chuvas estão gerando enchentes que impedem a finalização do plantio e provocam perdas em lavouras já implantadas.

Nas regiões norte e extremo norte do Tocantins a escassez de chuva registrada até o momento não deverá influenciar negativamente no plantio do arroz, considerando que boa parte das lavouras estão em propriedades da agricultura familiar e por sojicultores que utilizam a cultura em áreas de primeiro ano de cultivo a partir de janeiro. Nas regiões centro, sudeste, sul e sudoeste, tanto o arroz cultivado no sequeiro quanto o arroz irrigado, a falta ou irregularidades climáticas estão ocasionando atraso no início do plantio do arroz. Os fatores climáticos adversos podem contribuir com o aumento da área plantada, pois os agricultores optam por culturas mais resistentes à restrição hídrica, como o arroz ao invés da soja, que poderá ser substituída caso os sojicultores não consigam concluir a semeadura da oleaginosa dentro da janela indicada para o plantio. Espera-se uma produtividade de 2,6% superior à safra passada, chegando a 4.868 kg/ha. Porém, como está previsto uma redução de 4,7% na área plantada, a produção total deverá ficar em 591,5 mil toneladas, 2,2% inferior à safra passada.

Em Roraima o plantio do arroz irrigado foi finalizado em dezembro. Os números da cultura sofreram alterações consideráveis. A área total plantada de arroz haverá redução de 37,8%, saindo de 12 mil hectares para 7,5 mil hectares e redução de 32,7% na produção, saindo de 78 mil toneladas, para 52,5 mil toneladas em relação à safra anterior. Os motivos que levaram essa redução são: alta do dólar, o aumento do custo de produção e os incentivos dados pelo governo para o arroz importado, além da situação do nível dos rios, já que os níveis baixos encarecem a captação de água com um gasto maior de combustível. Com relação à produtividade haverá um incremento de 7,7%, passando de 6.500 kg/ha para 7.000 kg/ha em relação à safra 2014/15.

As chuvas em Goiás até o momento contribuíram para o plantio do arroz em dezembro. O início da safra, porém, depende de sementes fornecidas pelo governo estadual e da liberação dos projetos realizados pela Emater/GO e secretaria da agricultura nos municípios. O plantio do arroz de sequeiro em Goiás acontece predominantemente em áreas cultivadas por pequenos produtores, assentados da reforma agrária ou acampados, que geralmente, dependem da doação das sementes para implantação das lavouras.

Os números da cultura do arroz no Acre vêm decrescendo nos últimos anos, tanto na produção como na área plantada. Soma-se ainda a baixa produtividade, o custo de produção, a falta de cultivares adaptadas à região e políticas públicas de incentivo à cultura. No Acre a área a ser plantada de arroz safra 2015/16 é de aproximadamente 6,4 mil hectares, redução de 4,7% em relação à safra passada, produção esperada de 7,9 mil toneladas, e incremento de 7,8% na produtividade (1.232 kg/ha), em relação à safra 2014/15. A cultura encontra-se com 80% em desenvolvimento vegetativo e 20% em germinação. Devido à falta de chuvas em dezembro alguns produtores de arroz ainda não semearam. A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. As doenças que causam prejuízos significativos na produção e qualidade dos grãos mais importantes são: brusone (*Pyricularia grisea*), mancha de grãos (*Phoma sorghina* e *Bipolaris oryzae*) e escaudadura (*Monographella albescens*).

Em Rondônia o início do plantio do arroz estava previsto para acontecer a partir do dia 15 de setembro. Isso, no entanto, não aconteceu porque as chuvas não chegaram de forma regular. Essa lavoura, em épocas anteriores, era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente existem algumas áreas com boa disponibilidade hídrica e outras que eram áreas de pastagens, que se planta arroz para recuperação a partir da aplicação de fertilizantes. Atualmente há pouca ou nenhuma abertura de novas áreas e a tendência é de redução da área. Existem em Rondônia duas a três grandes empresas comercializadoras de arroz que financiam as lavouras existentes. A cultura de arroz é acompanhada pelas empresas que comercializam a maior parte desse produto. Essas empresas fornecem aos produtores, adubos, inseticidas, insumos, óleo combustível, existindo fomento privado para a cadeia produtiva do arroz em Rondônia. Mesmo com o atraso, atualmente o plantio está concluído, encontrando-se as lavouras em torno de 2% em fase de germinação, desenvolvimento vegetativo 80% e floração 18%. Como as chuvas não tiveram uma sequência, algumas lavouras foram replantadas, o que ocasionou um retardamento nas diversas fases do seu desenvolvimento.



No oeste da Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas novas devido, principalmente, à tolerância à acidez do solo. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Estima-se que na Bahia seja cultivado 4.000 hectares, com produtividade de 712 kg/ha. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio.

A lavoura de arroz no Maranhão é plantada normalmente em dezembro e janeiro, a depender do tipo de manejo utilizado, irrigado ou sequeiro, e do regime de chuvas. Em algumas regiões, porém, existem lavouras em estágio vegetativo. É caracterizada, na maioria das áreas cultivadas, como lavoura de subsistência, a exceção das áreas na região de São Matheus do Maranhão, onde há lavouras empresariais. A lavoura de arroz é utilizada para abertura de novas áreas e expansão das áreas para cultivo de soja. Na prática a cultura vem sendo abandonada pelos grandes e médios agricultores devido à baixa lucratividade e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas. No mesmo sentido há poucas “áreas novas” frente ao avanço do agronegócio e a pecuária extensiva. Para o arroz de sequeiro o plantio está previsto para o final de dezembro e início de janeiro, quando já se iniciam as primeiras chuvas em janeiro de 2016. Há relatos de ataque de pragas e doenças do arroz irrigado, principalmente bicheira da raiz (*Oryzophagus oryzae*), onde o principal dano é causado pela larva que se alimenta de raízes jovens e o percevejo-do-grão (*Oebalus poecilus*) que permanecem nas plantas daninhas, principalmente no capim arroz, dentro ou fora da lavoura e atacam a lavoura de arroz, causando grandes prejuízos.

Para a atual safra de arroz no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo em torno de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos da queda estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de máquinas beneficiadoras de arroz. Diante desses problemas, os produtores resolveram fazer a substituição da cultura do arroz para tomate e outras olerícolas. Outro fator que também vem contribuindo para a redução de área é a migração dos produtores para a pecuária leiteira e de corte.

Em São Paulo, em razão da escassez de água para irrigação, os produtores estão migrando para culturas mais rentáveis como soja ou investindo em milho para silagem.

Os números em Minas Gerais indicam que a lavoura de arroz poderá sofrer redução de área de 25%, saindo de 12 mil hectares para 9 mil hectares, se comparada à safra 2014/15. Os fatores que levam à redução são: baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em terras baixas. As lavouras ainda existentes são conduzidas predominantemente por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. O plantio ocorre, normalmente, entre outubro e dezembro. Considerando a recuperação da produtividade, prejudicada pela estiagem da última safra, o volume de produção poderá chegar a 21,5 mil toneladas.

O plantio de arroz primeira safra no Mato Grosso, que era previsto para novembro, iniciou-se somente na região norte e sudeste do estado, com 20% e 15% da área plantada, respectivamente. O restante das áreas está previsto para ser iniciado somente no final de dezembro e janeiro/2016, devido ao atraso do início das chuvas. Inicialmente esperava-se um aumento na área de arroz segunda safra no estado, na safra 2015/16, contudo, com o atraso do plantio da soja primeira safra, a janela para o plantio do arroz segunda safra, provavelmente, ficará comprometida, resultando na expectativa de diminuição da área plantada dessa cultura. Contudo há aumento de área plantada em regiões marginais, sem tradição no plantio do cereal, como Primavera do Leste, Campo Verde, onde ocorre substituição das áreas de pastagem pela lavoura de arroz e futura expansão de área agricultável com soja.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura do arroz vem sofrendo quedas consecutivas na área cultivada, e para esta safra a redução registrada até o momento foi de 22,7% em relação à safra anterior, devendo atingir em torno de 14 mil hectares. Esta redução pode ser ainda maior, visto que parte da área a ser semeada até meados de janeiro de 2016, pode deixar de ser cultivada em consequência do excesso de chuvas na região sul do estado, o que impossibilita o processo de implantação da cultura. Até o presente levantamento a produtividade média esperada sofreu redução em relação à safra anterior e ao levantamento anterior, sendo estimada em aproximadamente 6.200 kg/ha.



Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Arroz

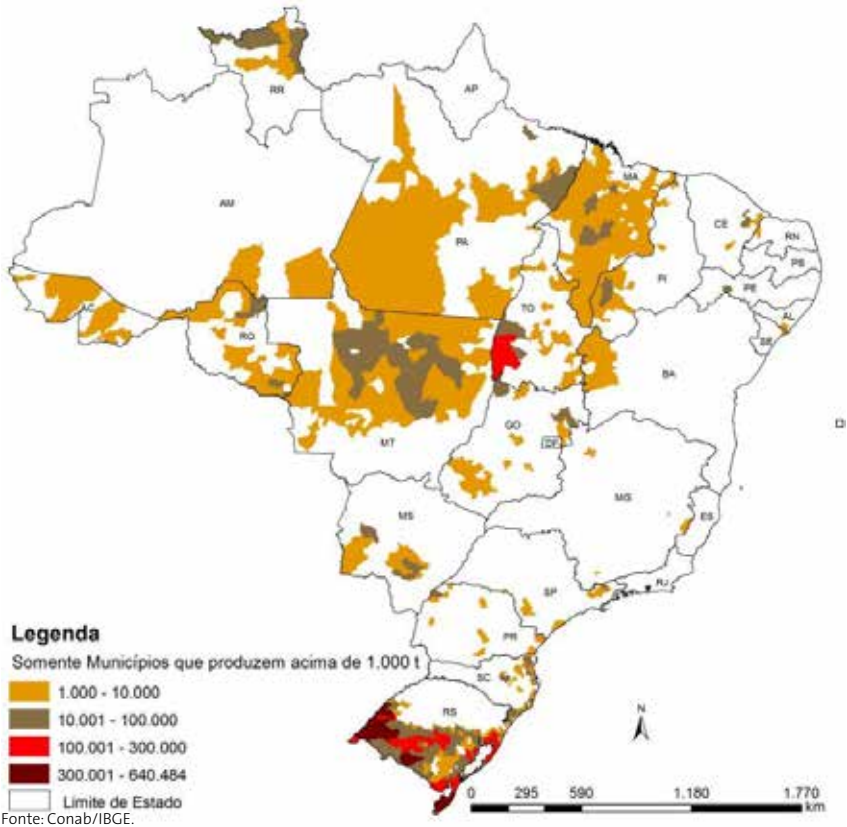


Figura 20 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

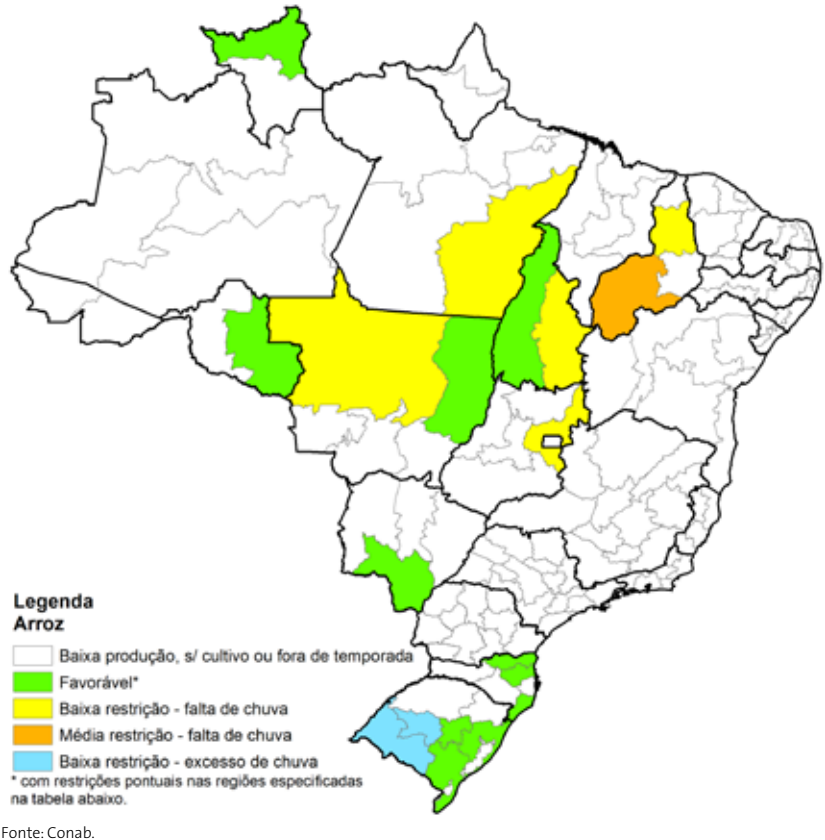


Tabela 27 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- leste de RO (DV), exceto regiões pontuais - norte de RR - irrigado (FR) - oeste do TO - irrigado (FR)- leste de SC (F) - leste do RS (DV/F) - leste do RS (DV/F), exceto regiões pontuais- nordeste do MT (DV/F), exceto regiões pontuais - sudoeste do MS (F), exceto regiões pontuais	- oeste do RS (DV/F)** - regiões pontuais do leste do RS (DV/F)** - regiões pontuais do sudoeste do MS (F)**		- regiões pontuais do leste de RO (DV)** - sudeste do PA (PP) - leste do TO (DV/F) - sudoeste do PI (G/DV) - centro-norte do PI (PP) - norte do MT (DV/F)- regiões pontuais do nordeste do MT (DV/F)** - leste de GO (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..

Tabela 28 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	251,4	(3,9)	3.797	3.806	0,2	993,6	956,8	(3,7)
RR	12,0	7,5	(37,8)	6.500	7.000	7,7	78,0	52,5	(32,7)
RO	44,3	44,3	-	2.859	2.859	-	126,7	126,7	-
AC	6,7	6,4	(4,7)	1.143	1.232	7,8	7,7	7,9	2,6
AM	3,4	3,4		2.189	2.210	1,0	7,4	7,5	1,4
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	66,4	0,8	2.537	2.542	0,2	167,2	168,8	1,0
TO	127,5	121,5	(4,7)	4.745	4.868	2,6	605,0	591,5	(2,2)
NORDESTE	476,6	410,7	(13,8)	1.440	1.602	11,2	686,3	657,7	(4,2)
MA	349,8	285,8	(18,3)	1.418	1.500	5,8	496,0	428,7	(13,6)
PI	95,1	97,7	2,7	1.184	1.476	24,7	112,6	144,2	28,1
CE	12,5	12,5	-	1.436	1.782	24,1	18,0	22,3	23,9
RN	0,9	0,9	-	2.590	2.694	4,0	2,3	2,4	4,3
PB	0,9	0,9	-	53	793	1.396,2	-	0,7	-
PE	0,2	0,2	-	4.500	5.292	17,6	0,9	1,1	22,2
AL	2,7	2,7	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	1,9
SE	6,0	6,0	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	16,4
BA	8,5	4,0	(52,9)	812	712	(12,3)	6,9	2,8	(59,4)
CENTRO-OESTE	234,2	204,6	(12,6)	3.582	3.723	3,9	838,9	761,7	(9,2)
MT	188,1	164,4	(12,6)	3.257	3.444	5,7	612,6	566,2	(7,6)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	6.200	0,6	111,5	86,8	(22,2)
GO	28,0	26,2	(6,4)	4.100	4.149	1,2	114,8	108,7	(5,3)
	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	27,4	19,9	(27,4)	2.796	2.942	5,2	76,6	58,6	(23,5)
MG	12,0	9,0	(25,0)	2.100	2.385	13,6	25,2	21,5	(14,7)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.212	33,7	1,2	1,0	(16,7)
SP	14,6	10,3	(29,5)	3.393	3.425	0,9	49,5	35,3	(28,7)
SUL	1.295,2	1.256,9	(3,0)	7.598	7.444	(2,0)	9.840,7	9.356,4	(4,9)
PR	27,2	26,3	(3,3)	5.825	5.946	2,1	158,4	156,4	(1,3)
SC	147,9	147,6	(0,2)	7.150	7.300	2,1	1.057,5	1.077,5	1,9
RS	1.120,1	1.083,0	(3,3)	7.700	7.350	(4,5)	8.624,8	7.960,1	(7,7)
NORTE/NORDESTE	738,3	662,1	(10,3)	2.275	2.438	7,2	1.679,9	1.614,5	(3,9)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.481,4	(4,8)	6.909	6.760	(2,2)	10.756,2	10.014,3	(6,9)
BRASIL	2.295,1	2.143,5	(6,6)	5.419	5.425	0,1	12.436,1	11.628,8	(6,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

os últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em novembro de 2016, foram importadas 47,6 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,6 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 07 de janeiro, não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de dezembro e por esse motivo, o mês de novembro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em novembro de 2014, essas aquisições foram

de 54,8 mil toneladas, sendo 2,2 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa expansão, passando de 80,0 mil toneladas em novembro/2014 para 186,9 mil toneladas em novembro/2015. Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/2015, obteve-se um superávit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise do período comercial 2015/16, mar-



ço a novembro de 2015, observou-se um superávit no montante de 654,6 mil toneladas. Com estes resultados somada a desvalorização do Real e a boa oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2014/15 – a balança comercial do arroz encerre com um superávit de 750 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.300 mil toneladas e as importações em 550 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.436,1 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/2013, o volume consolidado em 28 de Fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e

do baixo estoque em poder do Governo Federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 11,9 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 11,9 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superávit em relação ao período anterior, resultará em uma redução do estoque de passagem para 666,8 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 5,2% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 11.791,2 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

8.1.4. FEIJÃO

Na região Centro-Sul, onde maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida, considerando a safra 2015/16, este volume da região é quase 53,04% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 45,89% das áreas cultivadas com a cultura.

A área de feijão primeira safra no país está estimada para este quarto levantamento em 1.024,3 mil hectares, o que configura um decréscimo de 2,7% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná deverá ocorrer decréscimo na área, variando de 6,4% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 180,4 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já foi finalizado e a cultura encontra-se na maioria em fase de frutificação. Estima-se que 5% da área plantada encontra-se colhida.

A área prevista para semear feijão primeira safra no Rio Grande do Sul está estimada em 43,5 mil hectares, o que configura acréscimo de 22,5% em relação à safra passada, composta pela agricultura familiar e agricultura de subsistência. Encerrada a semeadura,

predominam as fases de desenvolvimento vegetativo e floração. A produtividade média desse tipo de safra é de 1.429 kg/ha, alavancado pelo cultivo irrigado da agricultura empresarial.

No Distrito Federal, nessa primeira safra, também conhecida como safra das águas, manteve-se a mesma área semeada da safra anterior, 12,1 mil hectares. A produtividade média por sua vez está estimada em 2.471 kg/ha, ante os 1.949 kg/ha obtidos na safra passada. Configurando tais estimativas e, os elementos climáticos que influenciam na produção como: temperatura, precipitação pluvial e radiação solar, mantendo-se dentro da normalidade a produção poderá alcançar a casa das 29,9 toneladas, 26,7% superior à obtida na safra 2014/15. O zoneamento agrícola do feijão indica que as altas temperaturas têm efeito prejudicial sobre o florescimento e a frutificação do feijoeiro e as temperaturas baixas reduzem a produtividade. O feijoeiro é mais susceptível a deficiência hídrica durante a floração e o estágio inicial de formação de vagens. O período mais crítico da lavoura se situa entre 15 dias antes da floração e a floração plena. O plantio já foi concluído, predominando o estágio de desenvolvimento vegetativo. O vazio sanitário, que vale durante 20 dias, foi definido na Instituição Normativa nº 15, publicada em junho do ano passado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As medidas quebram o ciclo de desenvolvimento de doenças na lavoura e beneficia os produtores com o aumento da produtividade, a reduzindo uso de fungicidas, inseticidas e de custos.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão



primeira safra, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 7% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar em 148 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja, a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. Mesmo com o atraso no início do período chuvoso o plantio foi finalizado. O plantio se intensificou em novembro e finalizou no início de dezembro. As lavouras se encontram com 15% em fase de germinação e 85% desenvolvimento vegetativo. Mesmo estimando-se uma produtividade média de 1.300 kg/ha, superior em 25,8% à obtida na safra passada, a produção deverá sofrer uma redução de 17%, ficando em 192,4 mil toneladas.

Em Santa Catarina deverá ocorrer 12,7% redução na área, com o cultivo de 46 mil hectares, com aproximadamente 100% da área plantada. As condições das lavouras de feijão primeira safra está variando entre boas e regulares, dependendo do estágio da cultura, o qual sofreu com as constantes chuvas e oscilações de temperatura nos últimos dias. Excesso de chuva, dias nublados e temperaturas amenas desfavorecem a implantação e desenvolvimento das lavouras em boa parte das regiões produtoras, marcadas por plantas menos desenvolvidas devido às instabilidades climáticas. Algumas lavouras necessitaram ser replantadas devido ao alto volume de chuva, a qual ocorreu logo após o plantio, inviabilizando sementes e plântulas. A maior parte das lavouras está no estágio vegetativo, seguido de florescimento e granação. Boa parte da cultura foi semeada em dezembro, em torno de 60%, principalmente no Planalto Serrano e Meio Oeste, onde predomina o feijão carioca. Estima-se que 80% dessas lavouras são classificadas como de boa qualidade e, o restante, em qualidade regular. Com certa redução na intenção de plantio e possibilidade de menor rendimento devido ao clima, as cerealistas que têm contrato com o comércio atacadista e varejista já mostram sinais de melhoria dos preços a serem pagos ao produtor para fomentar a produção. Os preços estão estáveis na maioria das praças, mas já se nota uma variação positiva para algumas classes, como o feijão carioca, cujos preços dependem muito da qualidade, principalmente em relação à cor do tegumento.

Em Mato Grosso o plantio da primeira safra encontra-se finalizada. A área plantada encontra-se em boas condições de germinação e desenvolvimento vegetativo. Esse levantamento apontou redução de 23% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 8,3 mil hectares. Embora os preços ainda permaneçam atrativos, os

produtores, a princípio, devem optar por outras culturas, como milho e soja, em razão do mercado favorável e do menor risco climático. Estimando-se uma produtividade média de 1.630 kg/ha, 3,8% superior à safra passada, a produção deve ficar em 13,5 mil toneladas.

Em Goiás há manutenção na área do feijão primeira safra, com o cultivo de 51,3 mil hectares. Produtores optaram em aumentar a área de soja em função do dólar alto e com melhores perspectivas de remuneração em relação à cultura do feijão. Além disso, o alto custo de produção da cultura, associado aos problemas de ataques de pragas e doenças têm onerado muito o produtor.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, a estimativa é de manutenção de área, com o cultivo de 234,6 mil hectares. Nas regiões com aumento de área, diferente da safra passada, quando o preço do feijão ficou abaixo do preço mínimo, este ano o preço se manteve rentável para o produtor, com fatores influentes no momento da tomada de decisão para o plantio. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio.

Em São Paulo, quase todo o feijão é produzido na região Sudoeste do Estado. A colheita da safra 2015/16 está praticamente encerrada. O feijão colhido, é considerado de média qualidade devido ao excesso de chuvas que ocorreram durante a colheita. Em São Paulo o produtor sinaliza com manutenção na área plantada, com o cultivo de 18,1 mil hectares, incremento na produtividade de 0,4% em relação à safra de 2014/15, saindo de 2.359kg/ha para 2.369kg/ha. Incremento também de 0,5% na produção em relação à safra passada, saindo de 41,7 mil toneladas para 42,9 mil toneladas.

Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1.185 mil toneladas, representando um acréscimo de 4,7% em relação à safra passada. A área a ser plantada, bem como sua produção, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra, dependendo da região, normalmente ocorre até meados de dezembro.

Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Considerando as três safras estima-se para esse início

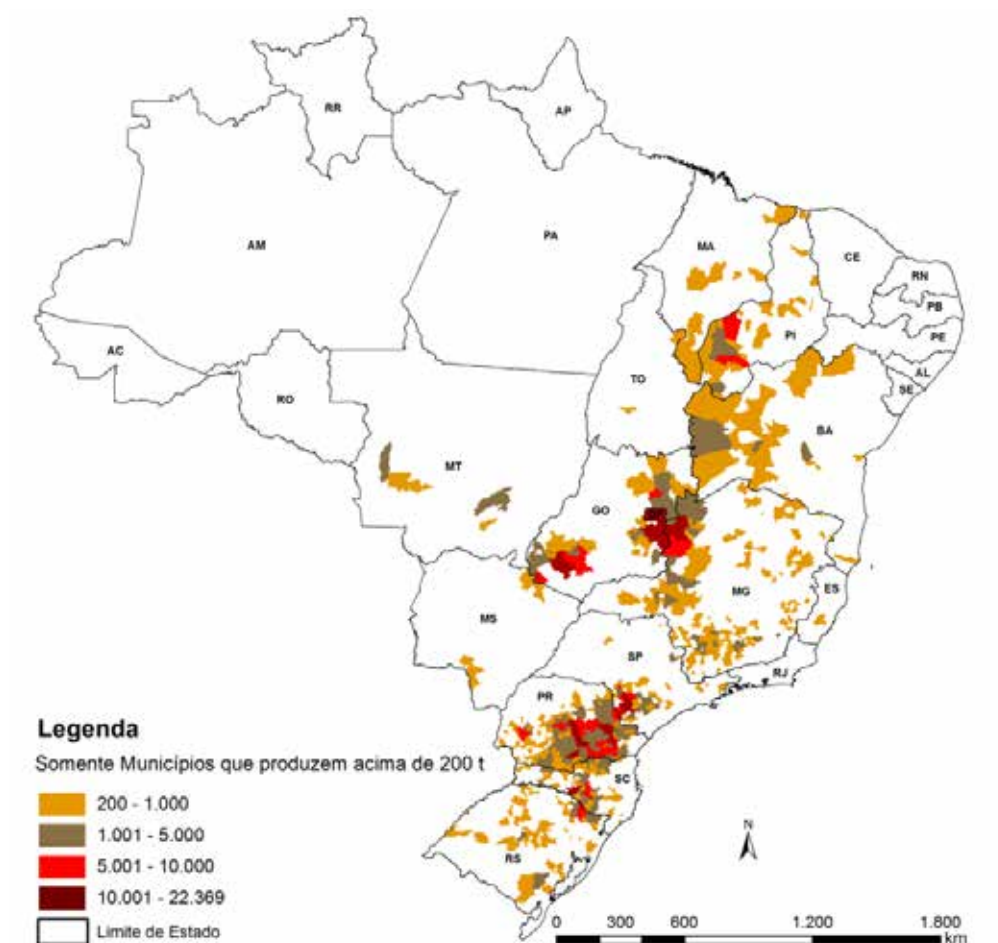


de acompanhamento que a área total de feijão poderá chegar a 3.022,1 milhões de hectares, menor em 0,9% que a safra passada. A produção nacional de fei-

jão deverá ficar em 3.334,6 mil toneladas e 7,1% maior que a última safra.

10.1.4.1.FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

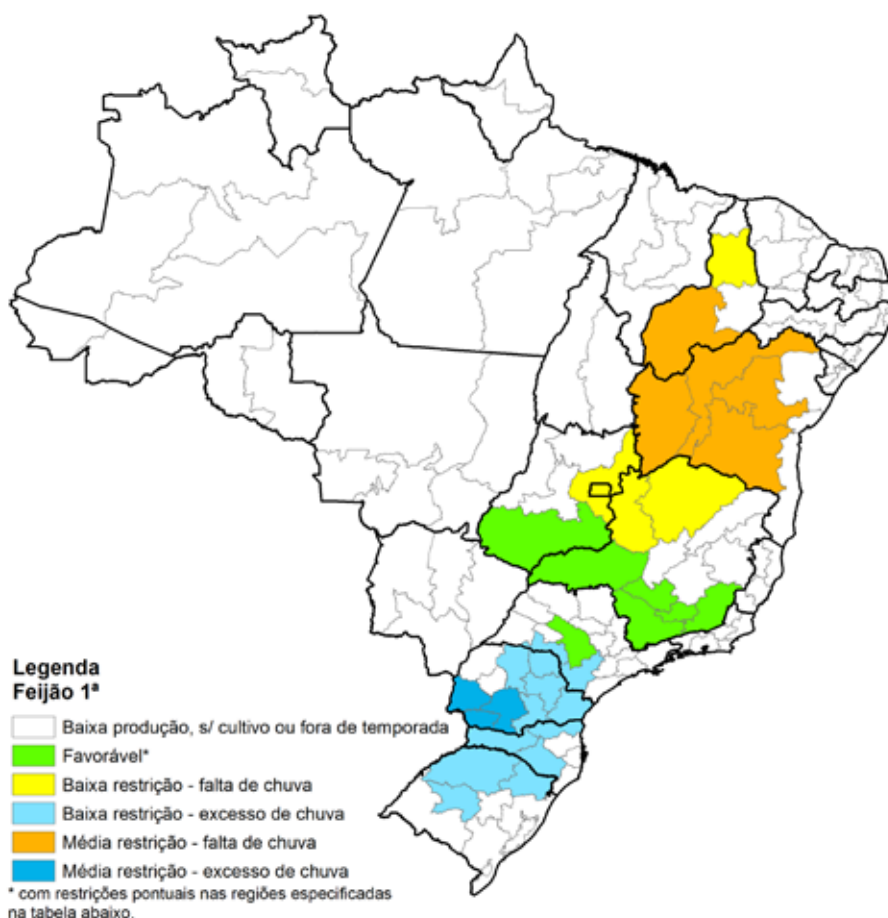
Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..



Figura 22 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 30 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo, sul e leste de MG (F) - sul de GO (F) 	<ul style="list-style-type: none"> - oeste e leste de SC (FR/M) - todo estado do PR (M/C) - norte e centro-oeste do RS (FR/M) - regiões pontuais do centro de SP (M/C)** - sul de SP (M/C) 	<ul style="list-style-type: none"> - centro de SP (M/C), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - centro-norte e sudeste do PI (P) - sudoeste do PI (DV) - norte de MG (F) - oeste, centro-norte e centro-sul da BA (DV/F) - leste de GO (F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.



Tabela 31 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	3,6	(25,0)	707	657	(7,1)	3,4	2,4	(29,4)
TO	4,8	3,6	(24,3)	707	657	(7,1)	3,4	2,4	(29,4)
NORDESTE	484,5	479,2	(1,1)	460	462	0,2	223,1	221,1	(0,9)
MA	38,6	35,0	(9,3)	464	392	(15,5)	17,9	13,7	(23,5)
PI	211,3	209,6	(0,8)	356	305	(14,3)	75,2	63,9	(15,0)
BA	234,6	234,6	-	554	612	10,4	130,0	143,5	10,4
CENTRO-OESTE	74,9	72,4	(3,3)	1.997	2.288	14,6	149,6	165,6	10,7
MT	10,8	8,3	(23,0)	1.570	1.630	3,8	17,0	13,5	(20,6)
MS	0,7	0,7	-	2.000	2.150	7,5	1,4	1,5	7,1
GO	51,3	51,3	-	2.098	2.353	12,2	107,6	120,7	12,2
DF	12,1	12,1	-	1.949	2.471	26,8	23,6	29,9	26,7
SUDESTE	208,1	199,2	(4,3)	1.286	1.519	18,1	267,7	302,5	13,0
MG	159,1	148,0	(7,0)	1.033	1.300	25,8	164,4	192,4	17,0
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,4	(42,9)	917	848	(7,5)	0,6	0,3	(50,0)
SP	42,3	44,6	5,5	2.331	2.357	1,1	98,6	105,1	6,6
SUL	280,9	269,9	(3,9)	1.737	1.828	5,3	487,8	493,4	1,1
PR	192,7	180,4	(6,4)	1.707	1.812	6,2	328,9	326,9	(0,6)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	2.267	16,3	102,8	104,3	1,5
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.429	(9,6)	56,1	62,2	10,9
NORTE/NORDESTE	489,3	482,8	(1,3)	463	463	-	226,5	223,5	(1,3)
CENTRO-SUL	563,9	541,5	(4,0)	1.605	1.776	10,6	905,1	961,5	6,2
BRASIL	1.053,2	1.024,3	(2,7)	1.074	1.157	7,7	1.131,6	1.185,0	4,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	74,3	950	70,6
BA	74,3	950	70,6
CENTRO-OESTE	68,3	2.326	158,9
MT	7,5	1.661	12,5
MS	0,7	2.150	1,5
GO	49,2	2.387	117,4
DF	10,9	2.520	27,5
SUDESTE	193,4	1.543	298,4
MG	144,1	1.315	189,5
ES	4,7	800	3,8
SP	44,6	2.357	105,1
SUL	96,0	1.916	183,9
PR	55,3	1.783	98,6
SC	29,9	2.339	69,9
RS	10,8	1.430	15,4
NORTE/NORDESTE	74,3	950	70,6
CENTRO-SUL	357,7	1.793	641,2
BRASIL	432,0	1.648	711,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Janeiro de 2016

Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 34– Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	2.025	2,5
DF	1,2	2.025	2,5
SUDESTE	5,2	736	3,8
MG	3,3	761	2,5
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,4	848	0,3
SUL	173,9	1.779	309,3
PR	125,1	1.825	228,3
SC	16,1	2.133	34,3
RS	32,7	1.429	46,7
CENTRO-SUL	180,3	1.751	315,6
BRASIL	180,3	1.751	315,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Janeiro de 2016

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,6	657	2,4
TO	3,6	657	2,4
NORDESTE	404,9	372	150,5
MA	35,0	392	13,7
PI	209,6	305	63,9
BA	160,3	455	72,9
CENTRO-OESTE	2,9	1.499	4,4
MT	0,8	1.340	1,1
GO	2,1	1.560	3,3
SUDESTE	0,6	700	0,4
MG	0,6	700	0,4
NORTE/NORDESTE	408,5	374	152,9
CENTRO-SUL	3,5	1.362	4,8
BRASIL	412,0	383	157,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Janeiro de 2016



8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

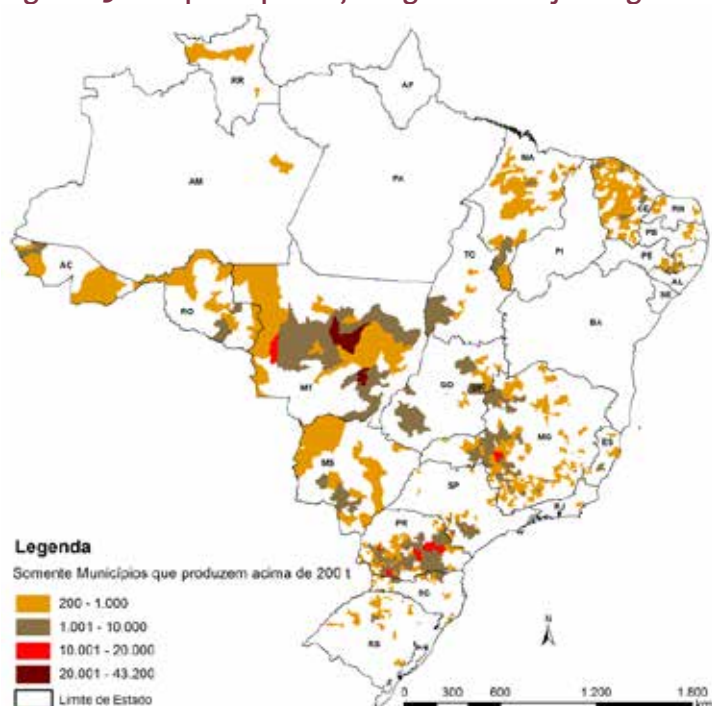


Tabela 36 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P		C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	52,4	-	762	803	5,4	40,0	42,1	5,3
RR	2,7	2,7	-	667	745	11,7	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	22,0	-	722	748	3,6	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	582	552	(5,2)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.027	1.126	9,6	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	902	915	1,4	1,2	1,2	-
TO	13,4	13,4	-	825	901	9,2	11,1	12,1	9,0
NORDESTE	657,3	657,3	-	318	308	(3,2)	209,2	202,7	(3,1)
MA	55,0	55,0	-	549	577	5,1	30,2	31,7	5,0
PI	3,1	3,1	-	756	653	(13,6)	2,3	2,0	(13,0)
CE	393,8	393,8	-	309	279	(9,7)	121,7	109,9	(9,7)
RN	31,6	31,6	-	333	347	4,2	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	277	288	4,0	16,2	16,9	4,3
PE	115,2	115,2	-	246	271	10,2	28,3	31,2	10,2
CENTRO-OESTE	229,3	229,3	-	1.406	1.623	15,4	322,4	372,0	15,4
MT	199,2	199,2	-	1.358	1.589	17,0	270,5	316,5	17,0
MS	16,0	16,0	-	1.600	1.690	5,6	25,6	27,0	5,5
GO	13,2	13,2	-	1.857	2.004	7,9	24,5	26,5	8,2
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.269	13,5	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	130,9	130,9	-	1.347	1.533	13,8	176,4	200,7	13,8
MG	105,9	105,9	-	1.355	1.496	10,4	143,5	158,4	10,4
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	968	1,8	1,0	1,0	-
SP	15,6	15,6	-	1.606	2.042	27,1	25,1	31,9	27,1
SUL	248,6	248,6	-	1.485	1.826	23,0	369,1	454,1	23,0
PR	208,1	208,1	-	1.475	1.841	24,8	306,9	383,1	24,8
SC	20,2	20,2	-	1.450	1.800	24,1	29,3	36,4	24,2
RS	20,3	20,3	-	1.622	1.703	5,0	32,9	34,6	5,2
NORTE/NORDESTE	709,7	709,7	-	351	345	(1,8)	249,2	244,8	(1,8)
CENTRO-SUL	608,8	608,8	-	1.426	1.687	18,3	867,9	1.026,8	18,3
BRASIL	1.318,5	1.318,5	-	847	964	13,8	1.117,1	1.271,6	13,8

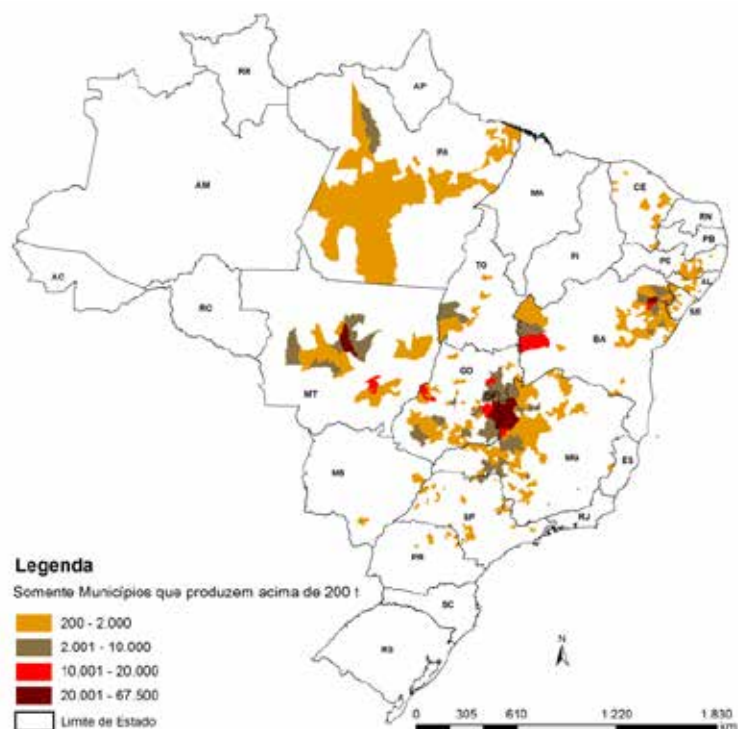
Fonte: Conab..

Nota: Estimativa janeiro/2015.



8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 38 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

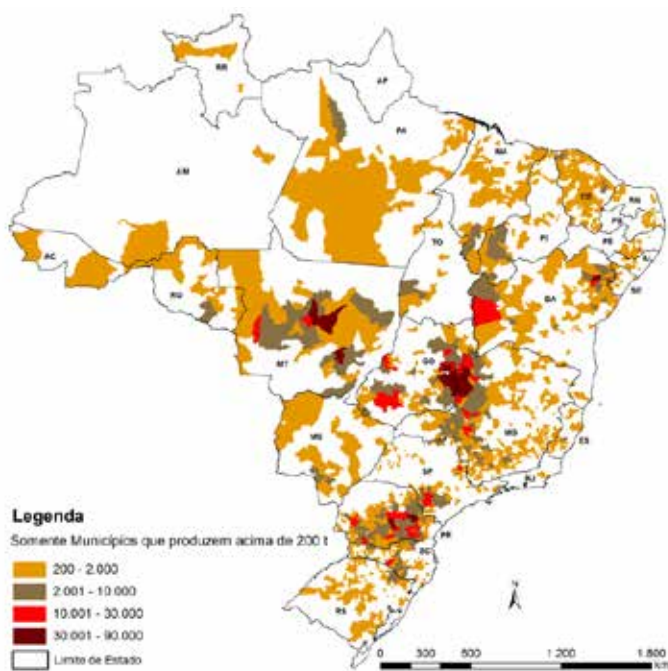
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	839	3,8	25,0	25,9	3,6
PA	28,0	28,0	-	760	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.568	22,4	3,7	4,5	21,6
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	667	2,1	276,8	282,6	2,1
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	122,1	-	467	536	14,8	57,0	65,4	14,7
AL	47,0	47,0	-	458	546	19,2	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	736	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	212,6	212,6	-	771	735	(4,7)	163,9	156,3	(4,6)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.543	(4,8)	312,4	297,3	(4,8)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.352	(8,3)	197,1	180,6	(8,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.886	0,6	104,7	105,3	0,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.362	6,4	10,1	10,8	6,9
SUDESTE	103,1	103,1	-	2.368	2.592	9,5	244,2	267,3	9,5
MG	85,0	85,0	-	2.370	2.640	11,4	201,5	224,4	11,4
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.369	0,4	42,7	42,9	0,5
SUL	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	679	2,2	301,8	308,5	2,2
CENTRO-SUL	224,9	224,9	-	2.497	2.531	1,4	561,6	569,3	1,4
BRASIL	679,3	679,3	-	1.271	1.292	1,7	863,4	877,8	1,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	86,9	(1,4)	775	810	4,4	68,4	70,4	2,9
RR	2,7	2,7	-	667	741	11,1	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	22,0	-	723	750	3,8	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	587	547	(6,8)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.018	1.127	10,7	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	21,1	19,9	(5,7)	863	955	10,7	18,2	19,0	4,4
NORDESTE	1.565,3	1.560,0	(0,3)	453	453	(0,1)	709,2	706,7	(0,4)
MA	93,6	90,0	(3,8)	514	506	(1,6)	48,1	45,5	(5,4)
PI	214,4	212,7	(0,8)	362	310	(14,3)	77,6	66,0	(14,9)
CE	404,1	404,1	-	328	302	(8,0)	132,5	121,9	(8,0)
RN	31,6	31,6	-	332	348	4,8	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	276	288	4,3	16,2	16,9	4,3
PE	237,3	237,3	-	360	408	13,2	85,4	96,7	13,2
AL	47,0	47,0	-	457	547	19,5	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	737	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	447,2	447,2	-	657	670	2,0	293,9	299,8	2,0
CENTRO-OESTE	421,1	418,6	(0,6)	1.863	1.995	7,1	784,3	835,0	6,5
MT	286,8	284,3	(0,9)	1.689	1.796	6,3	484,5	510,7	5,4
MS	17,1	17,1	-	1.608	1.702	5,8	27,5	29,1	5,8
GO	101,0	101,0	-	2.345	2.500	6,6	236,8	252,5	6,6
DF	16,2	16,2	-	2.191	2.636	20,3	35,5	42,7	20,3
SUDESTE	442,1	433,2	(2,0)	1.557	1.779	14,3	688,3	770,5	11,9
MG	350,0	338,9	(3,2)	1.455	1.697	16,6	509,3	575,2	12,9
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,4	(17,6)	941	929	(1,3)	1,6	1,3	(18,8)
SP	76,0	78,3	3,0	2.189	2.298	4,9	166,4	179,9	8,1
SUL	534,4	523,4	(2,1)	1.613	1.819	12,8	862,0	952,0	10,4
PR	405,7	393,4	(3,0)	1.580	1.817	15,0	640,9	714,7	11,5
SC	72,9	66,2	(9,2)	1.812	2.124	17,2	132,1	140,6	6,4
RS	55,8	63,8	14,3	1.595	1.516	(5,0)	89,0	96,7	8,7
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.646,9	(0,4)	470	472	0,3	777,6	777,1	(0,1)
CENTRO-SUL	1.397,6	1.375,2	(1,6)	1.670	1.860	11,3	2.334,6	2.557,5	9,5
BRASIL	3.051,0	3.022,1	(0,9)	1.020	1.103	8,2	3.112,2	3.334,6	7,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

A primeira safra da temporada 2015/16 foi praticamente concluída com significativo atraso em função das adversidades climáticas. Apesar do curto ciclo de produção, as áreas plantadas apresentam lavouras distribuídas desde a fase de germinação até a colheita. A cultura se encontra em plena entressafra, e o país conta apenas com a produção da primeira safra, do interior paulista, para suprir o abastecimento interno. Espera-se que a partir da segunda quinzena de janeiro a safra paranaense comece a entrar no mercado de forma mais significativa. A tendência é que os preços

continuem elevados, ocorrendo um bom estímulo para o plantio da segunda safra de feijão.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado, que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.

O quarto levantamento da safra 2015/16, elaborado pela Conab, estima para a primeira safra uma redução de 0,9% na área a ser plantada, mas em contrapartida



um aumento médio de 7,1% na produção, em comparação aos números registrados na safra anterior.

Para a temporada 2015/16, tomando os dados de produção estimados em 3.334,6 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 86

mil toneladas, o mesmo consumo registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 110 mil toneladas e as exportações de 90 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 90,6 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

8.1.5. GIRASSOL

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Tabela 41 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

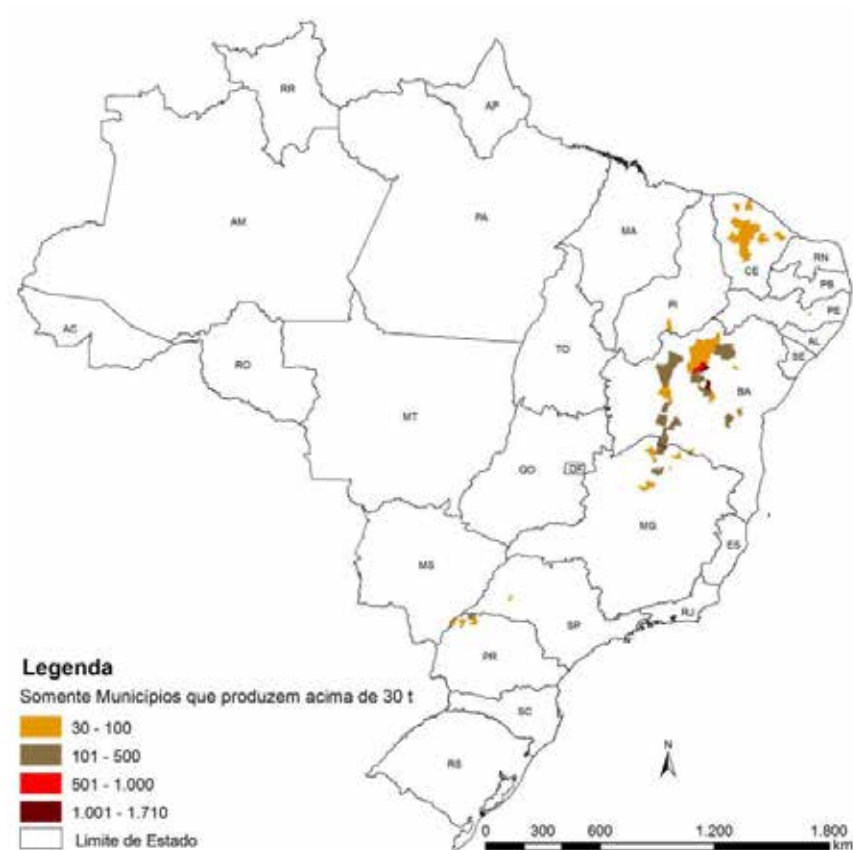
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	94,2	-	1.352	1.610	19,1	127,4	151,7	19,1
MT	86,4	86,4	-	1.348	1.608	19,3	116,5	138,9	19,2
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	-
GO	7,4	7,4	-	1.386	1.644	18,6	10,3	12,2	18,4
SUDESTE	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
MG	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
SUL	3,3	3,3	-	1.617	2.100	29,9	5,3	6,9	30,2
RS	3,3	3,3	-	1.617	2.100	29,9	5,3	6,9	30,2
CENTRO-SUL	111,5	111,5	-	1.374	1.613	17,4	153,2	179,8	17,4
BRASIL	111,5	111,5	-	1.374	1.613	17,4	153,2	179,8	17,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.6. MAMONA

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 43 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: p - plantio; c - colheita; p/c - plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	127,6	56,9	576	729	26,6	46,8	93,0	98,7
PI	0,6	0,6	-	506	497	(1,8)	0,3	0,3	-
CE	9,0	9,0	-	156	166	6,4	1,4	1,5	7,1
PE	1,6	1,6	-	142	244	71,8	0,2	0,4	100,0
BA	70,1	116,4	66,0	640	780	21,9	44,9	90,8	102,2
SUDESTE	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
MG	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
NORTE/NORDESTE	81,3	127,6	56,9	576	729	26,6	46,8	93,0	98,7
CENTRO-SUL	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
BRASIL	82,1	128,4	56,4	573	728	27,1	47,0	93,5	98,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Neste quarto levantamento a área semeada com milho primeira safra apresentou redução de 7,8%, atingindo 5.665,3 mil hectares na safra 2015/16. Na Região Centro Sul foi onde ocorreu a maior redução nacional, estimada agora em 10,6% comparada com o exercício anterior. No Rio Grande do Sul a área plantada com milho sofreu nova redução, devido, principalmente, ao alto custo de produção, à concorrência com o milho produzido no Paraná e Mato Grosso e às áreas perdidas na concorrência com a soja local. Além disso, estão ocorrendo incrementos, observados a cada safra, de áreas destinadas à produção de silagem

concomitantemente à produção de grãos. Na falta de melhores atrativos para a lavoura, a área para produção de grãos nessa safra deverá ficar em torno de 900 mil hectares. O desenvolvimento do milho tem sido bastante satisfatório em decorrência das constantes precipitações, favorecendo inclusive as áreas irrigadas devido à economia de energia elétrica. A maioria das lavouras se encontra na fase de granação, com excelente performance, o que indica a expectativa de ótima produtividade.

No Paraná a área plantada com milho primeira sa-



fra deverá apresentar forte redução, cerca de 20,9% quando comparada com a safra passada. O plantio já se encontra concluído e as condições da lavoura apresentam-se razoáveis a despeito das instabilidades climáticas causadas pelo excesso de chuvas. A produtividade, praticamente idêntica a do ano passado, será obtida junto àqueles produtores que utilizam alta tecnologia e que mesmo com a menor rentabilidade, se comparada com a soja, não deixam de plantar milho, visando a manutenção da rotação de cultura e preservação da qualidade produtiva de suas terras. Adicionalmente, as cooperativas estão tentando convencer os produtores a plantarem milho, uma vez que necessitam do cereal para a sua comercialização e para a produção de ração, negociando com o produtor o plantio necessário a sua demanda. Não fossem esses produtores profissionais que se preocupam com a rotação de cultura e o esforço das cooperativas em garantir uma oferta mínima, a redução da área poderia ser muito mais expressiva ou até mesmo inexistir o plantio nesse período. A ocorrência de pragas e doenças está nesse momento sob controle e não impacta às condições gerais das lavouras. Cerca de 44% da área plantada encontra-se em desenvolvimento vegetativo, 44% em floração e 12% em frutificação. A previsão do início da colheita se dará entre final de janeiro e começo de fevereiro.

Em Santa Catarina, apesar das instabilidades climáticas dos últimos meses, a condição da cultura é considerada boa em 95% das lavouras, com exceção de áreas mais baixas no interior, suscetíveis ao acúmulo de água, onde as plantas apresentam sinais visíveis da influência do encharcamento do solo (plantas menores, amareladas). Em algumas lavouras houve perda de plântulas devido ao acúmulo de água, sendo necessário, em alguns casos, o replantio de parte da área. Grande parte das lavouras encontra-se na fase vegetativa, resultado do atraso na semeadura em função das chuvas ocorridas em setembro, outubro e parte de novembro. A granação encontra-se na sequência, seguido pelo florescimento e germinação.

Em algumas regiões já são relatados problemas de falhas nas espigas devido às precipitações ocorridas durante a floração. O excesso de chuva prejudicou o transporte e deposição do pólen dentro da lavoura e, em consequência, causou falhas na formação dos grãos. De qualquer sorte o excesso de chuvas poderá lixiviar parte dos nutrientes presentes nos fertilizantes aplicados, resultando em menor assimilação destes pelas plantas, que não irão se desenvolver adequadamente, refletindo na produtividade. Os resultados mais concretos sobre a influência do clima e suas consequências devem ser obtidos no próximo levantamento, uma vez que grande parte da cultura deverá estar na fase reprodutiva.

Na região Sudeste, segunda produtora nacional do milho de primeira safra, a cultura deverá experimentar forte redução, estimado neste levantamento em 11,5%. Em Minas Gerais, maior produtor regional, é esperado apresentar uma redução de 14,4% na área plantada do milho, estimada em 875 mil hectares. A expectativa para a presente safra é de que seja alcançada uma produtividade média de 6.000 kg/ha, coerente com o nível tecnológico aplicado nas lavouras e as condições climáticas normais. Representará um crescimento de 12,4% em relação aos resultados alcançados na safra passada, que apresentou perdas decorrentes da estiagem ocorrida no início de 2015. Cabe destacar que os produtores mineiros, em especial os da região de cerrado, vêm paulatinamente incorporando o cultivo sequencial da segunda safra de milho em áreas de cultivo de soja, compensando de certa forma a redução de área do plantio do milho primeira safra.

Em São Paulo os produtores continuam retendo o produto da safra passada, visando obter preços mais elevados diante da escassez de produto no interior do país em função do grande aumento das exportações nacionais no semestre passado. O segmento está bastante otimista com relação a uma boa safra neste ano. As lavouras atualmente contam com excelentes níveis de umidade, e a cultura já passou o período mais crítico de seu desenvolvimento. Parte delas já estão com espigas formadas e, nesse caso, fica reduzido o risco de perdas.

Na região Centro-Oeste há forte tendência de redução na área de milho, com estimativas de retrocesso estimado em 9,6%. Em Mato Grosso o apelo do confinamento de gado deve atenuar a queda na área plantada que vêm apresentando tendência de queda em todos roteiros visitados. No momento, o plantio do cereal está atrasado devido aos produtores estarem priorizando a soja. Em Mato Grosso do Sul confirma-se a tendência de forte redução da área de milho da primeira safra no estado, com estimativas de recuo de 27,8% em relação à safra passada. Essa diminuição está ligada à substituição da cultura pela soja, além da alta observada no dólar e o seu impacto no custo de produção que apresentou um acréscimo considerável. O plantio na região centro-sul do estado foi iniciado em setembro. No norte do estado, grande produtora de milho verão, os plantios já foram iniciados no entorno do município de Chapadão do Sul.

Em Goiás, a exemplo do que vem sendo observado nas safras anteriores com o milho primeira safra, observa-se tendência geral de redução da área plantada em cerca de 4,2%, devido principalmente a expectativa do grande plantio do milho segunda safra e do bom quadro verificado atualmente para o mercado



da soja. Muitas fontes apresentaram dificuldades em estimar a área a ser cultivada com milho de primeira safra neste ano. Em grande parte dos municípios pesquisados o plantio ainda não se iniciou.

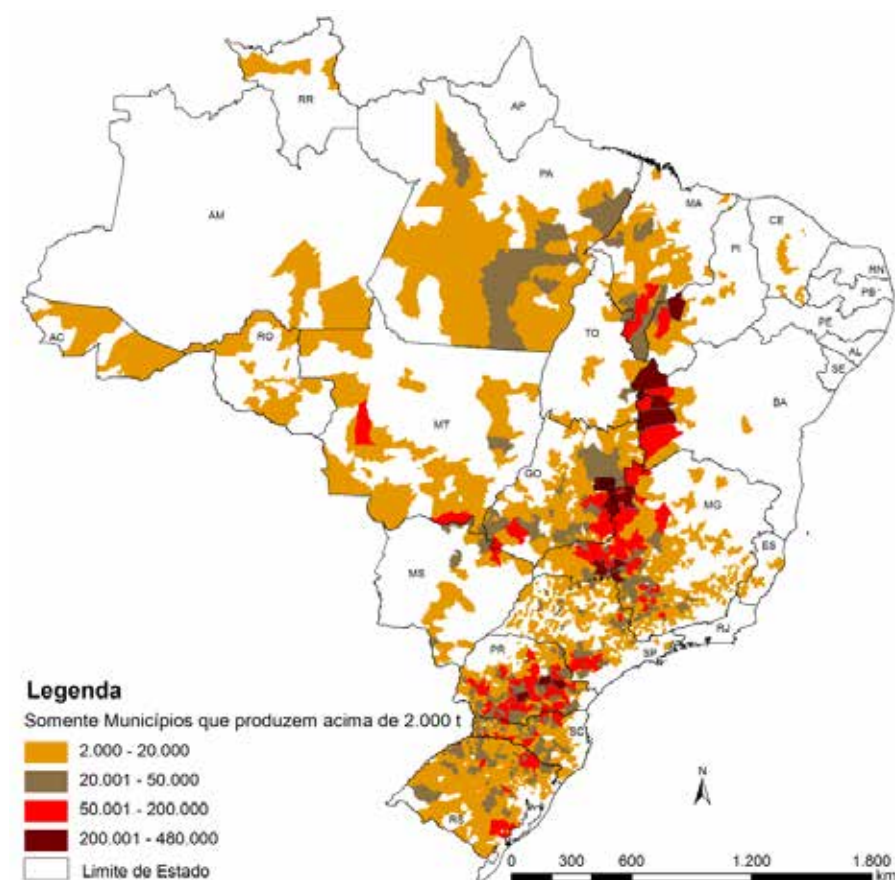
Na região Norte e Nordeste a redução na área plantada deverá apresentar variação de 3,5%, quando comparada com a do exercício anterior. Na região do Matopiba, apesar das chuvas ocorridas nos últimos dias, as condições ainda são muito desfavoráveis ao plantio. No Maranhão as lavouras de milho primeira safra são plantadas normalmente no início do período chuvoso, entre a segunda quinzena de outubro e meados de janeiro. De acordo com o levantamento realizado, a perspectiva é de forte diminuição da área plantada na safra 2015/16 devido, principalmente ao aumento dos preços dos insumos e da instabilidade do clima que até agora não permitiu que as chuvas em quantidade suficiente animassem os produtores nas operações de plantio.

No Piauí as chuvas que ocorreram na segunda quinzena de novembro foram insuficientes para estimular o plantio e o quadro de estiagem se mantém até o momento, impossibilitando a normalização do plantio na região Sudoeste que é a principal produtora do esta-

do. Na Bahia o produtor está apresentando comportamento desuniforme em relação à intenção de plantio, mesmo já tendo iniciado o período chuvoso na região produtora. Apesar do plantio não haver iniciado, as expectativas são de forte redução na área plantada – 4,6% em relação à safra passada. Em Tocantins, o atraso no início do período chuvoso, as baixas precipitações ocorridas posteriormente, além da irregularidade na distribuição pluviométrica que se estende até o momento, têm ocasionado atraso no preparo do solo e semeadura da cultura em questão, explicando a forte redução prevista para a área plantada – 25,5%. Alguns produtores estão aguardando a regularidade das condições climáticas para reiniciarem os seus plantios. Caso o atual quadro de chuvas seja regularizado em janeiro, há boa expectativa de crescimento da área plantada nas regiões onde outrora foram plantadas soja. Os números da área plantada estadual podem, por essas razões, ainda sofrer alterações.

Dessa forma, a estimativa nacional para o total da área a ser plantada com o milho primeira safra na temporada 2015/16 deverá atingir 5.665,3 mil hectares, representando um decréscimo de 7,8% em relação ao ocorrido na temporada passada.

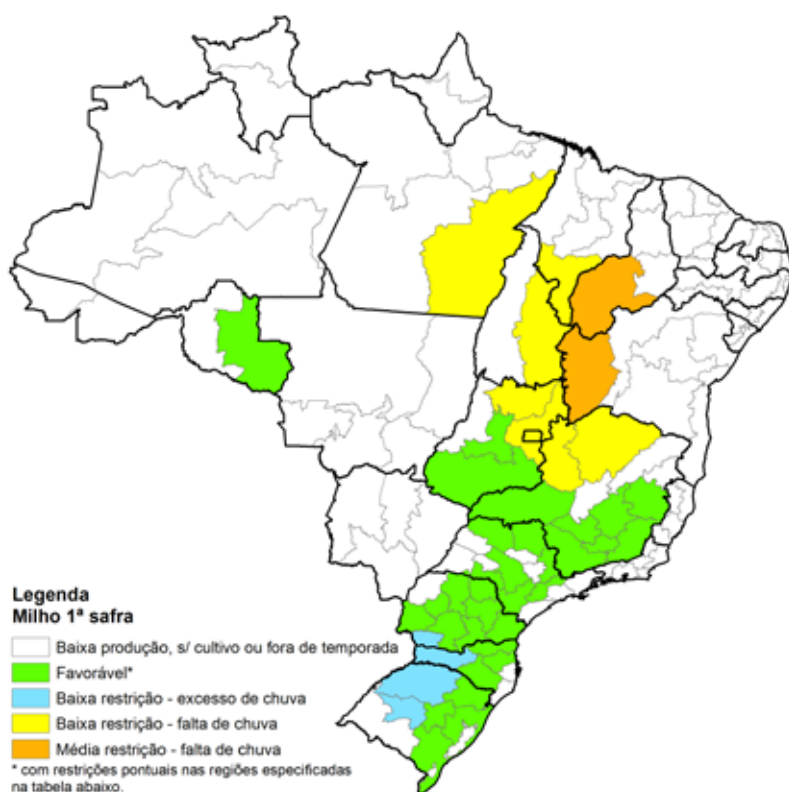
Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 45 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (F/FR), exceto regiões pontuais - Triângulo, sul e leste de MG (F/FR) - todo estado de SP (FR) - norte, oeste, leste e sudeste do PR (FR), exceto regiões pontuais - leste de SC (FR), exceto regiões pontuais- leste do RS (FR), exceto regiões pontuais - centro e sul de GO (F/FR) 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste do PR (FR)- regiões pontuais do norte, oeste, leste e sudeste do PR (FR)** - regiões pontuais do leste do SC (FR)** - oeste de SC (FR)- noroeste e centro-oeste do RS (FR) - regiões pontuais do leste do RS (FR)** 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do leste de RO (F/FR)** - sudeste do PA (F/FR) - leste de TO (G/DV) - sul do MA (G/DV) - sudoeste do PI (G/DV) - oeste da BA (G/DV) - norte e noroeste MG (F/FR) - norte e leste de GO (F/FR) - DF (F/FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.



Tabela 46 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	367,2	(6,8)	3.239	3.204	(1,1)	1.275,5	1.176,4	(7,8)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	42,1	(8,4)	2.174	2.174	-	100,0	91,5	(8,5)
AC	41,3	39,0	(5,5)	2.332	2.389	2,4	96,3	93,2	(3,2)
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	216,3	(1,1)	3.232	3.196	(1,1)	706,8	691,3	(2,2)
TO	64,3	47,9	(25,5)	4.914	5.099	3,8	316,0	244,2	(22,7)
NORDESTE	2.056,5	1.996,9	(2,9)	2.165	2.038	(5,9)	4.452,9	4.070,0	(8,6)
MA	380,1	344,0	(9,5)	2.500	2.633	5,3	950,3	905,8	(4,7)
PI	380,5	380,5	-	2.495	2.265	(9,2)	949,3	861,8	(9,2)
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
BA	511,8	488,3	(4,6)	4.525	3.934	(13,1)	2.315,9	1.921,0	(17,1)
CENTRO-OESTE	361,6	327,0	(9,6)	6.930	7.789	12,4	2.506,0	2.546,9	1,6
MT	63,6	45,2	(29,0)	7.205	7.425	3,1	458,2	335,6	(26,8)
MS	20,5	14,8	(27,8)	8.500	9.000	5,9	174,3	133,2	(23,6)
GO	250,7	240,2	(4,2)	6.690	7.636	14,1	1.677,2	1.834,2	9,4
DF	26,8	26,8	-	7.326	9.100	24,2	196,3	243,9	24,2
SUDESTE	1.435,4	1.271,0	(11,5)	5.436	5.907	8,7	7.802,1	7.508,2	(3,8)
MG	1.022,4	875,0	(14,4)	5.340	6.000	12,4	5.459,6	5.250,0	(3,8)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(22,7)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	392,6	379,2	(3,4)	5.889	5.848	(0,7)	2.312,0	2.217,6	(4,1)
SUL	1.895,0	1.703,2	(10,1)	7.412	7.318	(1,3)	14.045,5	12.463,3	(11,3)
PR	542,5	429,1	(20,9)	8.633	8.610	(0,3)	4.683,4	3.694,6	(21,1)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.850	1,3	3.189,1	2.936,7	(7,9)
RS	941,0	900,0	(4,4)	6.560	6.480	(1,2)	6.173,0	5.832,0	(5,5)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.364,1	(3,5)	2.338	2.219	(5,1)	5.728,4	5.246,4	(8,4)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.301,2	(10,6)	6.596	6.821	3,4	24.353,6	22.518,4	(7,5)
BRASIL	6.142,3	5.665,3	(7,8)	4.898	4.901	0,1	30.082,0	27.764,8	(7,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Nesta temporada o clima irá ditar a magnitude das safras de milho segunda safra em todo o país. O momento é de apreensão por parte dos produtores em relação à instabilidade climática, que atrasou o plantio da soja e a sua possível repercussão no plantio do milho segunda safra. Apesar de muito cedo para tal prognóstico, a instabilidade climática poderá estreitar a janela de plantio, acarretando uma possível redução da área e produção do milho segunda safra numa região que representa 68% da oferta nacional do produto. Além disso, o aumento nos custos de produção via

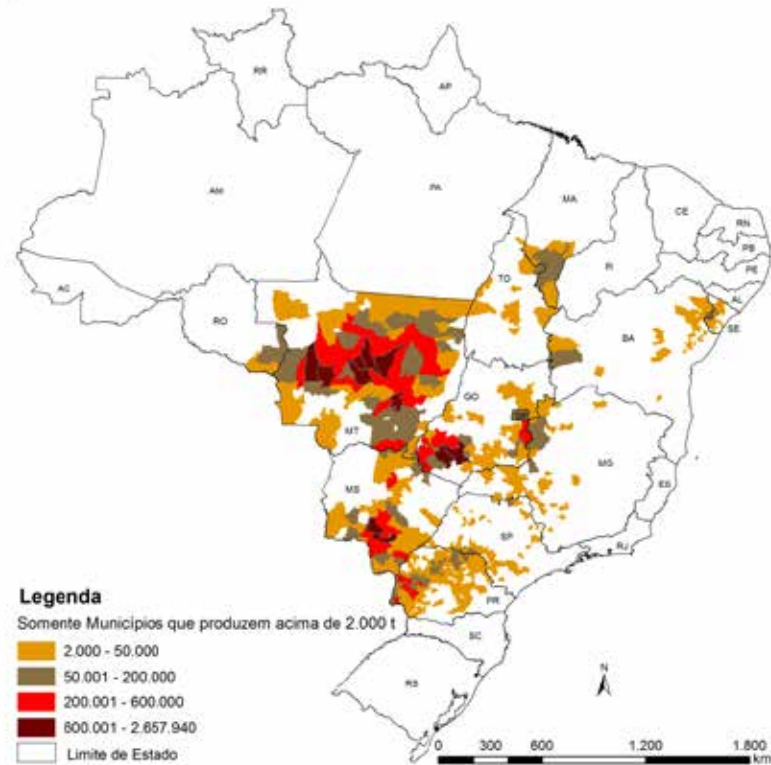
câmbio e as restrições apontadas para obtenção dos créditos, contribuíram a gerar incertezas. O câmbio atraente fez com que o produtor elevasse nesta temporada o percentual de comercialização da produção futura do cereal, em níveis acentuadamente maiores do que aqueles registrados no mesmo período das safras anteriores. Daí o temor e a busca cada vez mais intensa por informações acuradas sobre o clima que deverá guiar os rumos da produção nos próximos meses.



Neste levantamento, a posição consolidada da área brasileira de milho reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir na temporada, 15.215,9 mil hecta-

res, representando uma redução de 3% em relação ao observado no ano passado.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 48 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



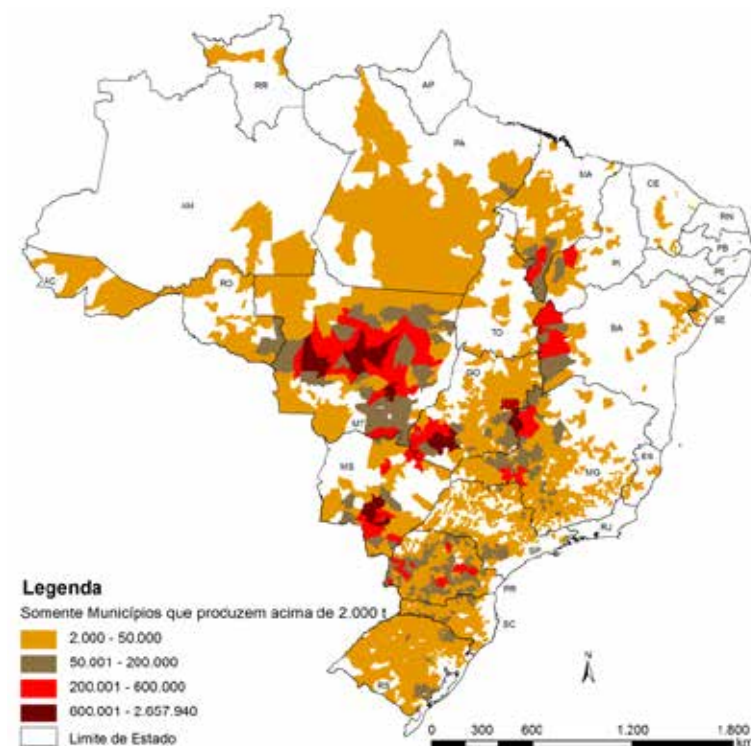
Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	273,5	-	4.700	4.817	2,5	1.285,6	1.317,5	2,5
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.833	4,8	551,3	577,5	4,8
TO	154,0	154,0	-	4.768	4.805	0,8	734,3	740,0	0,8
NORDESTE	618,9	618,9	-	2.893	3.083	6,6	1.790,2	1.908,2	6,6
MA	134,2	134,2	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	6,1
PI	25,9	25,9	-	4.437	4.648	4,8	114,9	120,4	4,8
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	252,5	252,5	-	1.812	1.761	(2,8)	457,5	444,7	(2,8)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.118,6	-	6.060	6.029	(0,5)	37.076,1	36.892,1	(0,5)
MT	3.352,9	3.352,9	-	6.056	5.944	(1,8)	20.305,2	19.929,6	(1,8)
MS	1.615,0	1.615,0	-	5.640	5.614	(0,5)	9.108,6	9.066,6	(0,5)
GO	1.112,3	1.112,3	-	6.578	6.777	3,0	7.316,7	7.538,1	3,0
DF	38,4	38,4	-	9.000	9.317	3,5	345,6	357,8	3,5
SUDESTE	625,3	625,3	-	5.212	5.054	(3,0)	3.259,1	3.160,2	(3,0)
MG	255,2	255,2	-	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.460,0	3,9
SP	370,1	370,1	-	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.700,2	(8,3)
SUL	1.914,3	1.914,3	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	0,9
PR	1.914,3	1.914,3	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	0,9
NORTE/NORDESTE	892,4	892,4	-	3.447	3.615	4,9	3.075,8	3.225,7	4,9
CENTRO-SUL	8.658,2	8.658,2	-	5.950	5.929	(0,3)	51.514,7	51.337,1	(0,3)
BRASIL	9.550,6	9.550,6	-	5.716	5.713	(0,1)	54.590,5	54.562,8	(0,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	640,7	(4,0)	3.838	3.892	1,4	2.561,0	2.494,0	(2,6)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	161,6	(2,4)	3.935	4.140	5,2	651,3	669,1	2,7
AC	41,3	39,0	(5,6)	2.332	2.389	2,4	96,3	93,2	(3,2)
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	216,3	(1,1)	3.232	3.196	(1,1)	706,8	691,3	(2,2)
TO	218,3	201,9	(7,5)	4.811	4.875	1,3	1.050,2	984,2	(6,3)
NORDESTE	2.675,4	2.615,8	(2,2)	2.333	2.285	(2,1)	6.243,1	5.978,1	(4,2)
MA	514,3	478,2	(7,0)	2.857	3.046	6,6	1.469,2	1.456,5	(0,9)
PI	406,4	406,4	-	2.619	2.417	(7,7)	1.064,3	982,2	(7,7)
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	764,3	740,8	(3,1)	3.629	3.193	(12,0)	2.773,4	2.365,6	(14,7)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.445,6	(0,5)	6.108	6.119	0,2	39.582,1	39.438,9	(0,4)
MT	3.416,5	3.398,1	(0,5)	6.077	5.964	(1,9)	20.763,4	20.265,2	(2,4)
MS	1.635,5	1.629,8	(0,3)	5.676	5.645	(0,5)	9.282,9	9.199,8	(0,9)
GO	1.363,0	1.352,5	(0,8)	6.599	6.930	5,0	8.993,9	9.372,2	4,2
DF	65,2	65,2	-	8.312	9.228	11,0	541,9	601,7	11,0
SUDESTE	2.060,7	1.896,3	(8,0)	5.368	5.626	4,8	11.061,2	10.668,4	(3,6)
MG	1.277,6	1.130,2	(11,5)	5.373	5.937	10,5	6.864,5	6.710,0	(2,3)
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	762,7	749,3	(1,8)	5.462	5.229	(4,3)	4.166,2	3.917,8	(6,0)
SUL	3.809,3	3.617,5	(5,0)	6.622	6.565	(0,9)	25.225,0	23.748,0	(5,9)
PR	2.456,8	2.343,4	(4,6)	6.457	6.392	(1,0)	15.862,9	14.979,3	(5,6)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.850	1,3	3.189,1	2.936,7	(7,9)
RS	941,0	900,0	(4,4)	6.560	6.480	(1,2)	6.173,0	5.832,0	(5,5)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.256,5	(2,6)	2.634	2.602	(1,2)	8.804,1	8.472,1	(3,8)
CENTRO-SUL	12.350,2	11.959,4	(3,2)	6.143	6.176	0,5	75.868,3	73.855,3	(2,7)
BRASIL	15.692,9	15.215,9	(3,0)	5.396	5.411	0,3	84.672,4	82.327,4	(2,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Em um mercado internacional de grande oferta mundial e de dólar forte, os preços internacionais continuam “andando de lado”, e para corroborar com este cenário as vendas de exportações de milho nos Es-

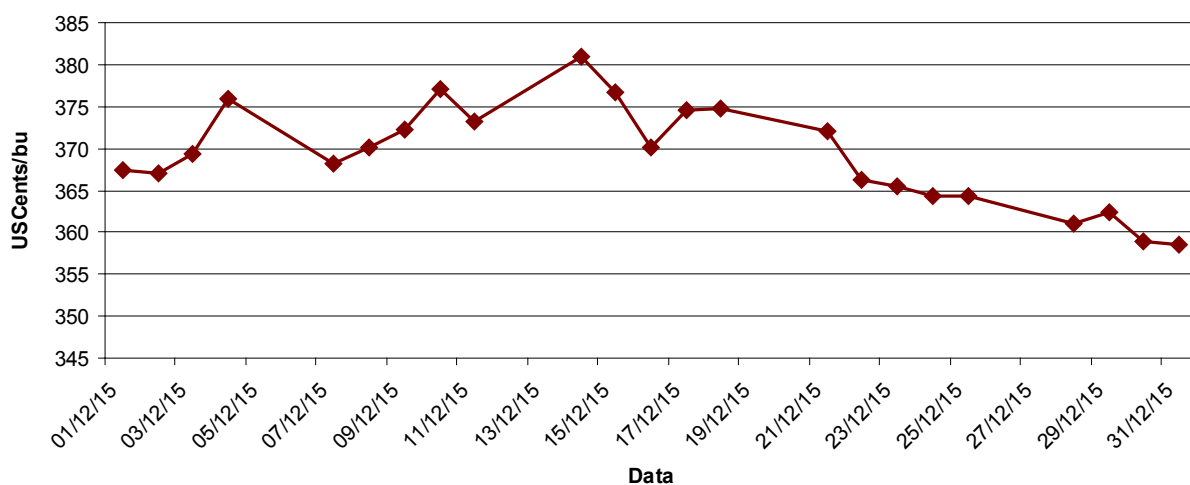
tados Unidos estão abaixo do esperado, além de um aumento da taxa de juros americana (FED) que influenciou nos preços internacionais. Na Argentina, a eliminação da taxa de exportação da Argentina deve



ser um incentivo para o país produzir mais milho, o que tenderia a aumentar as exportações e a compe-

tição no mercado internacional, inclusive competindo pelo mercado exportador com o Brasil.

Gráfico 60 - Preços Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - dezembro/2015



Mercado nacional

No Brasil as exportações de dezembro foram estimadas pela Secretaria de Comercio exterior (Secex) em 6,3 milhões de toneladas, totalizando um acumulado de fevereiro a dezembro de 2015 de aproximadamen-

te 25,6 milhões de toneladas. Sendo assim, a estimativa de exportação brasileira de milho para a safra 2014/2015 deve ser de 30,9 milhões de toneladas.

Tabela 51 - Exportação - dezembro/2015 - produtos selecionados (até a 5ª semana: 22 dias úteis)

		Dez/2015 (A)			Nov/2015 (A)			Var % (A/B)			Dez/2014 (C)			Var % (A/C)		
		US\$ milhões	1000 t	US\$/t	US\$ milhões	1000 t	US\$/t	Valor	Qtde	Preço	US\$ milhões	1000 t	US\$/t	Valor	Qtde	Preço
Milho	Média diária	47,1	284,9	165,4	40,0	237,9	168,0	17,9	19,8	-1,6	28,2	158,8	182,2	67,0	84,1	-9,3
	Acumulado	1.036,4	6.267,7		799,1	4.757,1					620,6	3.405,2				

Fonte: MDIC/Secex

Nota: dezembro/2015; 22 dias úteis; dezembro/2014; 22 dias úteis; novembro/2015; 20 dias úteis.

dias úteis acumulados: 22-20-22



8.1.8. SOJA

O quarto levantamento de safras da Conab aponta para um incremento nacional na área plantada de 3,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, é esperada apresentar um incremento de 3% em relação à safra passada. Em Mato Grosso o plantio de soja já está finalizado, apresentando um aumento na área de 2,3% (205,5 mil hectares). Na maioria das regiões produtoras foram identificados problemas ocasionados pela falta de chuvas, causando o replantio, com destaque para o médio norte, onde muitos municípios estão sofrendo com a acentuada escassez de chuvas. É consenso entre os informantes consultados que a falta de precipitações irá proporcionar queda de produtividade e que a soja precoce será a mais afetada. A comercialização da soja na região está parada há algumas semanas devido à irregularidade no regime de chuvas que causa imprecisão com relação ao quantitativo de produto a ser colhido. A produtividade média estadual está agora estimada atingir 3.094 kg/ha, queda de 1,3% em relação à safra anterior. As maiores variações ocorreram nos municípios situados ao longo da BR 163 – Lucas do Rio Verde a Sinop - e também nos plantios em Campo Verde e Primavera do Leste.

Em Mato Grosso do Sul confirma-se o aumento na área plantada em torno de 5,6% em relação à safra passada, atingindo 2,43 milhões de hectares. Quanto à produtividade, até o presente levantamento estima-se que a média para o estado deverá situar-se em torno de 3.120 kg/ha, aquém do esperado inicialmente por parte do setor produtivo em consequência das condições climáticas adversas.

Até o momento aproximadamente 40% da safra já foi comercializada de forma antecipada por meio de contratos, principalmente por produtores preocupados em garantir a cobertura do custo de produção com esta cultura. Por enquanto, pode-se dizer que o ataque de pragas e doenças, se encontram dentro da normalidade sem maiores relatos que venham impactar a produtividade, porém pragas como *Helicoverpa* e a falsa medideira (*Pseudoplusia includens*) estão presentes nas lavouras no norte do estado. A soja é uma espécie dependente de luminosidade adequada para a realização do processo de fotossíntese e produção de biomassa. Em novembro a média de radiação solar foi inferior à histórica, promovendo desenvolvimento vegetativo menor e menos vigoroso, o que pode impactar a produtividade da cultura.

A região Sul deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para 11.348,8 mil hectares, apresentando um incremento de 2,5%. Continua

a preocupação com os efeitos do clima sobre todas as culturas. A implantação das culturas de verão foi prejudicada por eventos climáticos adversos e anormais em relação ao comportamento médio do clima. O plantio da soja na maioria das áreas produtoras encontra-se em fase de conclusão, restando um pequeno percentual, por conta de algumas áreas com ressemeadura.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja deverá crescer 0,5%. O aumento acontece sobre áreas antes semeadas com milho, áreas de campo nativo e áreas de pastagem, podendo chegar a 5,3 milhões de hectares no total do estado. O aumento não será maior por conta da redução da soja cultivada em áreas de várzea, em função do elevado custo, à produtividade menor do que nas terras altas e à previsão de chuvas acima da média nos próximos meses. A semeadura foi prejudicada devido ao excesso de umidade no solo, mas hoje já suplantou 98% da área total prevista. Áreas com a leguminosa sofreram replantios por causa das erosões, chuvas pesadas sobre lavouras recém-semeadas e ataques de fungos. Afora isso, a despeito do baixo estande de algumas lavouras, a soja se desenvolve satisfatoriamente, mantendo-se ainda a expectativa de que seja atingido o potencial produtivo integral, uma vez que há ainda tempo suficiente para recuperação.

Em Santa Catarina o fenômeno El Niño em dezembro continuou presente em todo o estado, trazendo instabilidade com destaque para as regiões localizadas no oeste catarinense, onde, no início da segunda quinzena, em apenas um dia choveu o esperado para todo o mês. Apesar disso, a frequência das chuvas diminuiu nos primeiros dias de dezembro, dando condições para que os produtores prosseguissem com os trabalhos no campo, principalmente a colheita do restante das culturas de inverno e plantio das de verão. Nas culturas de verão já implantadas, a frequência de chuvas ocorridas anteriormente, associada com dias nublados, que ainda perduram, prejudicaram parte do desenvolvimento das plantas no seu estágio inicial, pois a falta de luminosidade reduz a fotossíntese, resultando em menor velocidade de crescimento e aproveitamento dos nutrientes presentes nos fertilizantes aplicados, alguns dos quais já lixiviados pelo excesso de chuva após o plantio. Adicionalmente, a falta de luminosidade está causando estiolamento de algumas lavouras de soja em seu início, o que pode refletir no acamamento de algumas áreas quando a lavoura estiver mais avançada.

No Paraná o clima na primeira quinzena de dezembro apresentou comportamento variável, mantendo a ins-



tabilidade atmosférica sobre todo o estado. No interior a preocupação com as chuvas está relacionada à dificuldade de aplicação de pesticidas, pois impossibilita o trânsito das máquinas nas lavouras e a eficiência dos defensivos. Muitas lavouras de soja estão mais baixas, com menor crescimento, portanto, terão menos vagens. Ademais, muitas plantas apresentam as raízes superficiais, resultado do excesso de chuva e falta de luminosidade. Nas lavouras plantadas mais cedo muitos produtores já estão na segunda aplicação de fungicidas e apesar das condições climáticas favoráveis para o surgimento das doenças, as lavouras encontram-se sadias.

Existe uma possibilidade de redução do potencial produtivo das lavouras, mas ainda é muito cedo para esse tipo de avaliação. As principais áreas de crescimento da oleaginosa ocorreram onde estavam implantadas as antigas áreas de milho verão, nas áreas de mandioca e também nas de cana-de-açúcar. Relata-se a incidência no estado de doenças radiculares e aéreas, fungo de solo e a temida ferrugem asiática, estando previsto que o ataque de ferrugem deverá ser muito alto esse ano. Existem locais onde a soja plantada há 57 dias já necessitou de duas aplicações de fungicida. A despeito desse quadro, continuam sendo boas as perspectivas para essa safra.

Na região Sudeste, após as chuvas que ocorreram no primeiro decêndio de setembro, seguiu-se um período prolongado de estiagem que se estendeu até o final de outubro, com predomínio de dias ensolarados e temperaturas bastante elevadas, inviabilizando o início do plantio da safra de verão em outubro. O plantio se concentrou em novembro e se estendeu até o início de dezembro, período em que as chuvas voltaram a ocorrer com maior regularidade. Considerando o atraso no calendário de plantio na safra atual, os produtores aproveitaram a melhoria das condições de umidade no solo, e iniciaram o plantio em ritmo acelerado. As precipitações que ocorreram desde novembro até dezembro foram consideradas favoráveis, embora estejam ocorrendo predominantemente na forma de pancadas. As lavouras se encontram predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo e suas condições são consideradas boas.

Em Minas Gerais os levantamentos iniciais indicavam crescimento de 9,5% na área cultivada com soja, quando comparada com a safra anterior, avançando, principalmente, sobre as áreas de milho. As estimativas de incremento poderão se mostrar ainda mais significativas nos próximos levantamentos. O plantio se concentrou em novembro, viabilizado por chuvas mais abundantes, que se estenderam até dezembro. À semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces,

de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha, informação que será melhor avaliada nos próximos levantamentos.

Em São Paulo a leguminosa está apresentando excelente desenvolvimento em face das boas condições climáticas registradas no estado, nos últimos três meses. Até o momento não foram detectados problemas que possam influenciar negativamente os níveis de produtividade. O segmento é bastante tecnificado, especialmente a região sudoeste do estado, onde a presença da cana-de-açúcar ainda é bastante reduzida.

Nas regiões Norte e Nordeste as chuvas reduzidas e irregulares confirmaram as previsões de que o fenômeno El Niño, se fortaleceria ainda mais neste ano e poderia ser um dos mais intensos já registrados na Região Nordeste. A perspectiva é de aumento na área plantada em torno de 6,1% já que a soja está sendo beneficiada pelo avanço do dólar, que têm estimulado os produtores a aumentar o percentual de área plantada com a oleaginosa. O plantio da safra 2015/16, particularmente na região do Matopiba, deverá iniciar-se na sua maior parte em janeiro, quando as precipitações pluviométricas deverão se normalizar. Neste momento o plantio desta leguminosa em algumas áreas da região já começou e a previsão é de que se alcance nesta safra aproximadamente 3,9 milhões de hectares com uma produtividade ao redor de 2.900 kg/ha. Tal previsão de crescimento foi estimulada pelos atuais preços praticados no mercado internacional e as suas repercussões na rentabilidade dos sojicultores nacionais.

No Maranhão as condições pluviométricas continuaram insatisfatórias, uma vez que as regiões produtoras ainda permanecem sob a influência do intenso verão, reflexo das consequências negativas do El Niño, dando indicações de que o período das chuvas só terá sua normalização a partir de janeiro. Das culturas plantadas os estágios predominantes encontram-se nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. Se não ocorrer precipitações significativas nos próximos dias, as perdas que já são aparentes tenderão a se agravar. Produtores já estão identificando essas perdas para a realização do replantio da oleaginosa, ou na substituição por milho.

Em Tocantins as atuais condições climáticas são consideradas as mais severas dos últimos anos, e a soja aparece como a lavoura mais prejudicada pela baixa pluviosidade registrada até o momento. Em algumas regiões produtoras não choveu 60% do volume normal para o período. Esta situação deverá ocasionar redução da área plantada e comprometimento da produtividade estimada atualmente em 2.918 kg/ha.



Caso as precipitações se regularizem, algumas áreas anteriormente previstas para o plantio da soja deverão ser reutilizadas na semeadura com arroz e milho.

Na Bahia estima-se que sejam cultivados cerca de 1,55 milhão de hectares. Nas áreas de soja irrigada optou-se por variedades precoces, visando após a colheita em meados de janeiro, a realização de novos plantios com milho, algodão ou feijão. A soja irrigada está iniciando o estágio reprodutivo, e nesta fase a demanda hídrica é muito elevada. Em uma década a área de

cultivo passou de 872,0 mil hectares para 1,55 milhão de hectares, cerca de 78% de crescimento, enquanto que no mesmo período a produção aumentou cerca de 150%, o que retrata os elevados investimentos tecnológicos aplicados nessa cultura.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, apresentando um incremento de 3,5%, totalizando 33,2 milhões de hectares.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola –Soja

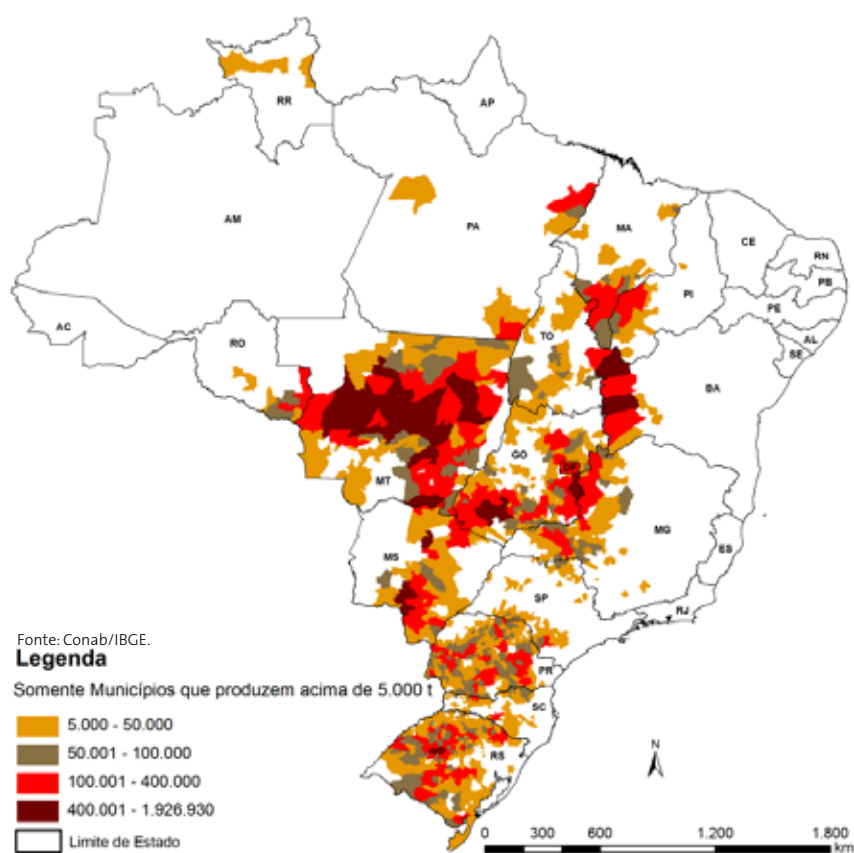


Tabela 52 – Calendário de plantio e colheita – Soja

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



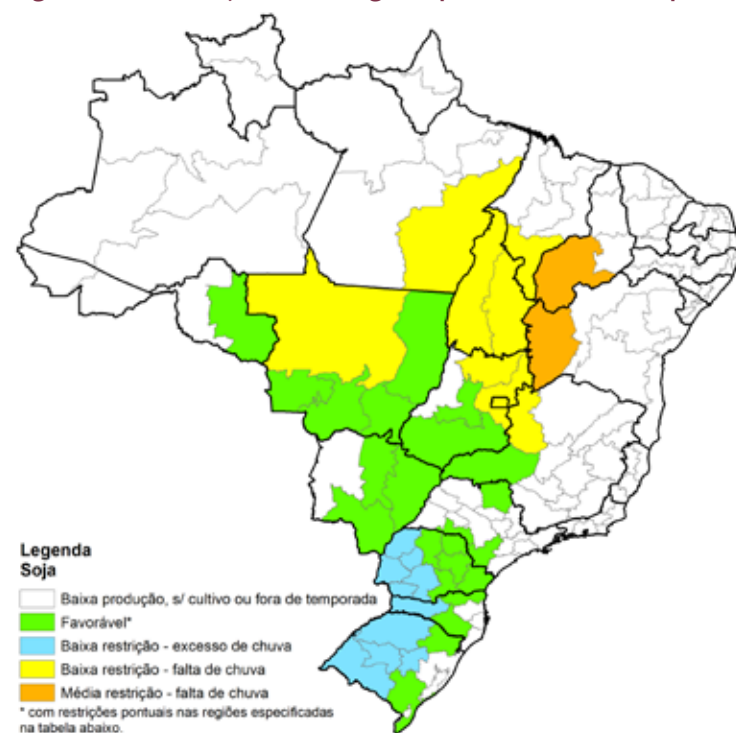
Tabela 53 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.534,7	6,5	2.976	2.983	0,2	4.289,5	4.577,3	6,7
RR	23,8	45,0	89,0	2.685	2.965	10,4	63,9	133,4	108,8
RO	231,5	245,0	5,8	3.166	3.168	0,1	732,9	776,2	5,9
PA	336,3	336,3	-	3.024	3.024	-	1.017,0	1.017,0	-
TO	849,6	908,4	6,9	2.914	2.918	0,1	2.475,7	2.650,7	7,1
NORDESTE	2.845,3	3.013,3	5,9	2.841	2.895	1,9	8.084,1	8.722,8	7,9
MA	749,6	762,3	1,7	2.761	2.818	2,1	2.069,6	2.148,2	3,8
PI	673,7	701,0	4,1	2.722	2.856	4,9	1.833,8	2.002,1	9,2
BA	1.422,0	1.550,0	9,0	2.940	2.950	0,3	4.180,7	4.572,5	9,4
CENTRO-OESTE	14.616,1	15.054,8	3,0	3.008	3.091	2,8	43.968,6	46.536,0	5,8
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	3.094	(1,3)	28.018,6	28.279,2	0,9
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	3.120	-	7.177,6	7.581,6	5,6
GO	3.325,0	3.414,8	2,7	2.594	3.064	18,1	8.625,1	10.462,9	21,3
DF	56,1	70,0	-	2.626	3.033	15,5	147,3	212,3	44,1
SUDESTE	2.116,2	2.276,8	7,6	2.775	3.025	9,0	5.873,5	6.887,8	17,3
MG	1.319,4	1.445,0	9,5	2.658	3.000	12,9	3.507,0	4.335,0	23,6
SP	796,8	831,8	4,4	2.970	3.069	3,3	2.366,5	2.552,8	7,9
SUL	11.074,1	11.348,8	2,5	3.071	3.118	1,5	34.012,3	35.386,6	4,0
PR	5.224,8	5.443,7	4,2	3.294	3.393	3,0	17.210,5	18.470,5	7,3
SC	600,1	630,1	5,0	3.200	3.406	6,4	1.920,3	2.146,1	11,8
RS	5.249,2	5.275,0	0,5	2.835	2.800	(1,2)	14.881,5	14.770,0	(0,7)
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.548,0	6,1	2.887	2.924	1,3	12.373,6	13.300,1	7,5
CENTRO-SUL	27.806,4	28.680,4	3,1	3.016	3.097	2,7	83.854,4	88.810,4	5,9
BRASIL	32.092,9	33.228,4	3,5	2.998	3.073	2,5	96.228,0	102.110,5	6,1

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa janeiro/2015.

Figura 33 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..



Tabela 54 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO, exceto regiões pontuais (F) - triângulo de MG (DV)- norte e sul de SP (F) - norte-central, nordeste, leste e sudeste do PR (DV/F), exceto regiões pontuais - norte e sul de SC (DV), exceto regiões pontuais - nordeste e sudeste do RS (DV), exceto regiões pontuais - centro-norte e leste do MS (DV/F) - sul e nordeste do MT (DV/F), exceto regiões pontuais - centro e sul de GO (DV/F) - sudoeste do MS (DV/F), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - noroeste, oeste, sudoeste e centro-sul do PR (DV/F) - regiões pontuais do norte-central, nordeste leste e sudeste do PR (DV/F)** - oeste de SC (DV) - regiões pontuais do norte e sul de SC (DV)** - noroeste, centro e sudoeste do RS (DV) - regiões pontuais do nordeste e sudeste do RS (DV)** - regiões pontuais do sudoeste do MS (DV/F)** 		<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do leste de RO (F)** - sudeste do PA (DV) - todo estado do TO (DV) - sul do MA (DV) - sudoeste do PI (DV) - oeste da BA (DV) - noroeste de MG (DV) - norte do MT (F) - regiões pontuais do sul e nordeste do MT (DV/F)** - norte e leste de GO (DV/F) - DF (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no início de dezembro seu quadro de oferta e demanda mundial. Sem mudanças significativas, o Usda manteve a produção americana em 108,35 milhões de toneladas, o Brasil em 100 milhões

de toneladas e a Argentina em 57 milhões de toneladas. Com isso, a produção mundial de soja fecha o ano de 2015 com uma expectativa de produção para a safra 2015/2016 de 320,11 milhões de toneladas.

Tabela 55 - Produção mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 novembro	2015/2016 dezembro
Estados Unidos	84,29	82,79	91,39	106,88	108,35	108,35
Brasil	66,50	82,00	86,70	96,20	100,00	100,00
Argentina	40,10	49,30	53,50	61,40	57,00	57,00
China	14,49	13,05	12,20	12,35	11,50	11,50
Paraguai	4,04	8,20	8,19	8,10	8,80	8,80
Índia	11,70	12,20	9,50	8,70	9,50	8,00
Canadá	4,47	5,09	5,36	6,05	5,95	6,24
Outros	14,84	16,20	16,28	19,32	19,91	20,22
Total	240,43	268,82	283,12	319,00	321,02	320,11

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2015.

O Usda também não modificou o quadro de importação mundial de soja e manteve as importações de

soja da China em 80,5 milhões de toneladas.



Tabela 56 - Importação de soja mundial - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 novembro	2015/2016 dezembro
China	59,23	59,87	70,36	78,35	80,50	80,50
Europa	12,07	12,54	13,29	13,16	13,70	13,70
Mexico	3,61	3,41	3,84	3,82	4,05	4,05
Japão	2,76	2,83	2,89	3,00	2,90	2,90
Taiwan	2,29	2,29	2,34	2,52	2,38	2,55
Tailândia	1,91	1,87	1,80	2,41	2,30	2,35
Indonésia	1,92	1,80	2,24	2,00	2,30	2,30
Turquia	1,06	1,25	1,61	2,20	2,30	2,30
Egito	1,66	1,73	1,69	1,95	2,05	2,05
Rússia	0,74	0,72	2,05	1,99	2,05	2,05
outros	6,23	7,66	9,61	10,51	11,14	12,01
Total	93,47	95,94	111,73	121,90	125,67	126,76

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2015..

Assim, os estoques de passagem mundial continuam altos e devem ficar, segundo, ainda, aquele Departamento, em 82,5 milhões de toneladas; o mais alto historicamente. Nos Estados Unidos este estoque ficou estimado em 12,6 milhões de toneladas, também o maior estoque americano.

Para corroborar com estes altos estoques, as vendas para exportações estão abaixo da média prevista e, apesar dos esmagamentos em alta, estão afetando os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), que em dezembro chegaram a ser cotados, em média, a UScents 876,63/bu (US\$ 322,11/t.).

Tabela 57 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 novembro	2015/2016 dezembro
Argentina	15,95	20,96	26,05	31,66	30,30	30,36
Brasil	13,02	15,33	15,95	18,86	18,59	19,06
China	15,91	12,38	14,13	17,98	16,58	16,58
Estados Unidos	4,61	3,83	2,50	5,21	12,65	12,65
Canadá	0,23	0,18	0,28	0,50	0,47	0,55
outros	4,19	3,54	3,66	3,45	4,27	3,38
Total	53,91	56,21	62,57	77,66	82,86	82,58

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2015..

A Grande novidade do mercado internacional foi da Argentina, que reduziu as taxas de exportações para soja em grãos, devendo aumentar a sua área de produção e suas exportações para a safra 2015/16, levando,

provavelmente, os preços intencionais a terem uma pequena queda com o início da colheita nesse país.



Gráfico 61 - Soja - preços internacionais 2015(FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



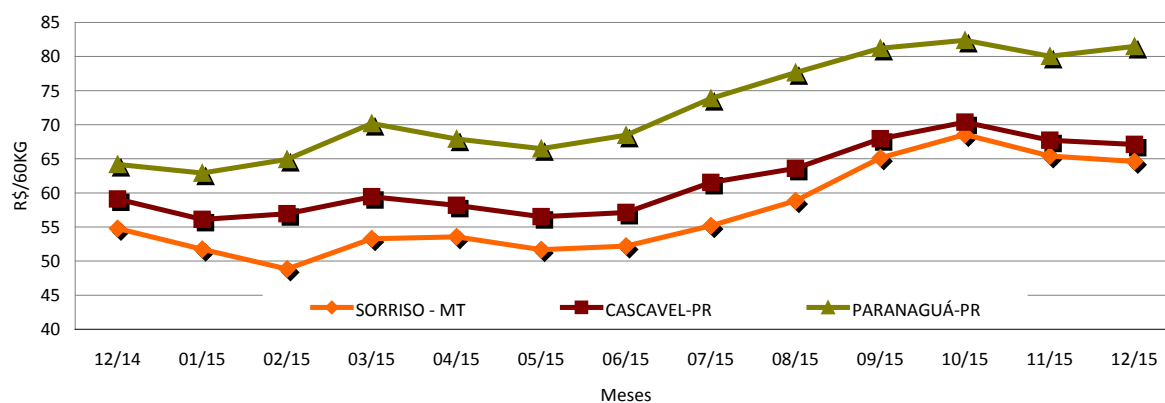
Fonte: CME Group.

Mercado nacional

No mercado nacional os preços não tiveram muita variação em função do mercado internacional e ao dólar

estáveis, fechando dezembro com pequena baixa em Sorriso-(MT) e Cascavel-(PR), e alta em Paranaguá(PR).

Gráfico 62 - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses - em R\$/60kg



Fonte: Conab.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) as exportações dos 22 dias úteis de dezembro foram estimadas em 731,4 mil toneladas. Assim, as somatórias das exportações de soja em 2015 foram de 54,32 milhões de toneladas, valor 19% maior que o do ano de 2014 e 30% maior que a média histórica.

Apesar do recorde histórico de quantidade exportada,

as exportações do ano de 2015 somaram, aproximadamente, 21 bilhões de dólares, ou seja, 3 bilhões de dólares a menos que no ano de 2014, afetando diretamente a balança comercial brasileira já que a soja é o produto mais exportado do Brasil. Esta queda ocorre devido aos preços internacionais em baixa. Em 2014 era de US\$ 509,44/t e no ano de 2015 ficou em US\$ 386,27/t.



Tabela 58 - Exportação brasileira de grãos

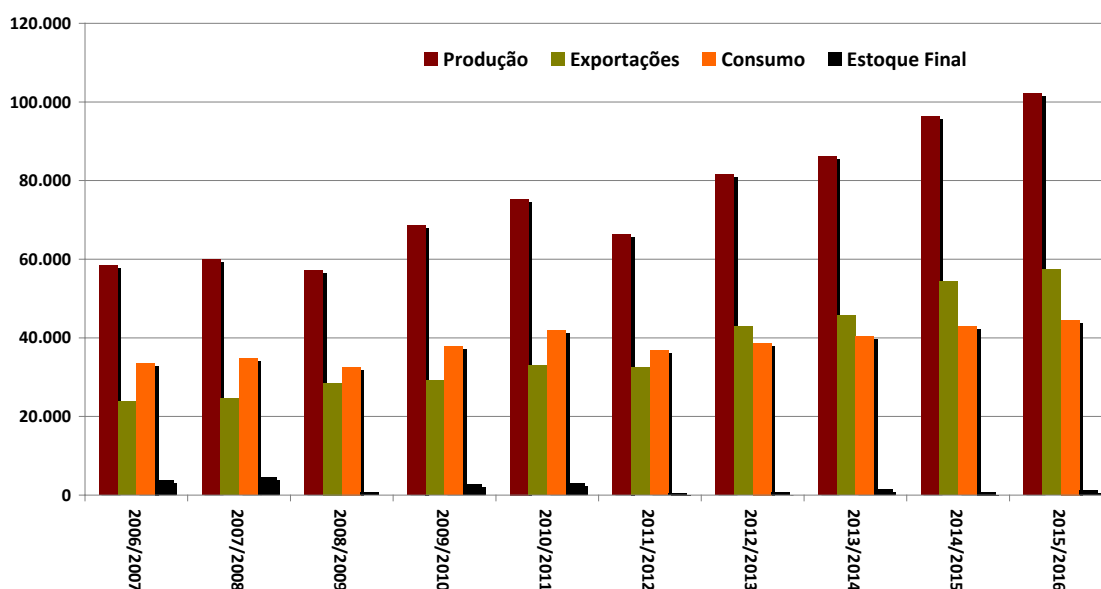
Mês/ Ano	2014				2015				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	Quant.	Valor	%	Preço	Quant.	Valor	%	Preço	Quant.	Valor	%	Preço
	(t)	US\$1000FOB		Médio	(t)	US\$1000FOB		Médio	(t)	US\$1000FOB		Médio
JAN	30.606	17.810	0,07	581,90	85.336	35.103	0,16	411,35	183.528	85.668	0,440618419	466,79
FEV	2.789.650	1.385.832	6,11	496,78	868.659	346.160	1,60	398,50	1.276.231	612.397	3,064007037	479,85
MAR	6.229.305	3.147.580	13,63	505,29	5.592.087	2.211.790	10,29	395,52	4.465.647	2.143.217	10,72123755	479,93
ABR	8.250.901	4.134.746	18,06	501,13	6.550.977	2.534.258	12,06	386,85	6.295.423	3.029.029	15,11420928	481,15
MAI	7.609.783	3.866.209	16,65	508,06	9.341.009	3.612.717	17,19	386,76	7.497.774	3.606.873	18,00084521	481,06
JUN	6.893.162	3.571.995	15,09	518,19	9.810.092	3.762.211	18,06	383,50	6.519.115	3.119.069	15,65125621	478,45
1º sem.	31.803.405	16.124.172	70	507,00	32.248.160	12.502.239	59	387,69	26.237.718	12.596.253	63	480,08
JUL	6.043.523	3.151.183	13,23	521,42	8.440.388	3.224.053	15,54	381,98	5.601.971	2.705.166	13,44935313	482,90
AGO	4.119.263	2.135.355	9,02	518,38	5.161.857	2.004.886	9,50	388,40	4.155.859	2.072.919	9,977491243	498,79
SET	2.669.833	1.347.500	5,84	504,71	3.705.391	1.429.975	6,82	385,92	2.864.765	1.419.295	6,87779983	495,43
OUT	740.839	363.993	1,62	491,33	2.594.100	989.567	4,78	381,47	1.431.743	697.417	3,43736518	487,11
NOV	176.556	81.601	0,39	462,18	1.442.940	551.133	2,66	381,95	857.035	405.276	2,057590655	472,88
DEZ	138.581	73.573	0,30	530,90	731.440	281.721	1,35	385,16	503.255	232.994	1,208226261	462,97
2º sem.	13.888.594	7.153.206	30	515,04	22.076.116	8.481.335	41	384,19	15.414.627	7.533.068	37	488,70
Total	45.691.999	23.277.378	100	509,44	54.324.277	20.983.575	100	386,27	41.652.345	20.129.321	100	483,27

Fonte: Secex.

Para 2016 as exportações de soja em grãos são estimadas em 57,48 milhões de toneladas. O consumo total brasileiro é estimado em 44,52 milhões de tone-

ladas, terminando o ano com o estoque de passagem de 1,2 milhão de toneladas.

Gráfico 63 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas 10 safras - mil t

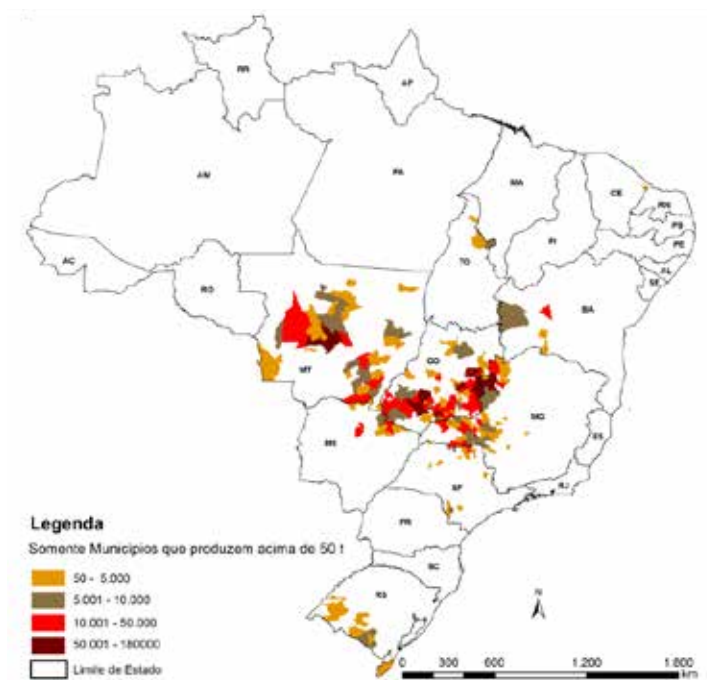


Fonte: Conab.



8.1.9.SORGO

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 59 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 6o – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	21,4	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	(1,5)
TO	21,4	21,4	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	(1,5)
NORDESTE	155,7	166,1	6,7	871	947	8,7	135,6	157,2	15,9
PI	6,2	2,4	(60,6)	2.548	1.888	(25,9)	15,8	4,5	(71,5)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,6	-	1.522	1.522	-	0,9	0,9	-
PE	6,2	6,2	-	430	751	74,7	2,7	4,7	74,1
BA	142,0	156,2	10,0	811	936	15,4	115,2	146,2	26,9
CENTRO-OESTE	360,6	360,6	-	3.356	3.157	(5,9)	1.210,1	1.138,4	(5,9)
MT	111,7	111,7	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	(5,0)
MS	13,0	13,0	-	3.700	3.339	(9,8)	48,1	43,4	(9,8)
GO	232,6	232,6	-	3.661	3.441	(6,0)	851,5	800,4	(6,0)
DF	3,3	3,3	-	5.763	5.384	(6,6)	19,0	17,8	(6,3)
SUDESTE	174,4	174,4	-	3.696	3.276	(11,4)	644,5	571,3	(11,4)
MG	160,6	160,6	-	3.700	3.243	(12,4)	594,2	520,8	(12,4)
SP	13,8	13,8	-	3.645	3.662	0,5	50,3	50,5	0,4
SUL	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
RS	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
NORTE/NORDESTE	177,1	187,5	5,9	989	1.047	5,8	175,2	196,2	12,0
CENTRO-SUL	545,5	545,5	-	3.447	3.181	(7,7)	1.880,1	1.735,2	(7,7)
BRASIL	722,6	733,0	1,4	2.844	2.635	(7,4)	2.055,3	1.931,4	(6,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015..

8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

A área cultivada com aveia no Brasil terá um acréscimo de 23,3%, atingindo 189,5 mil hectares, a segunda maior área plantada entre as culturas de inverno, ficando apenas atrás do trigo.

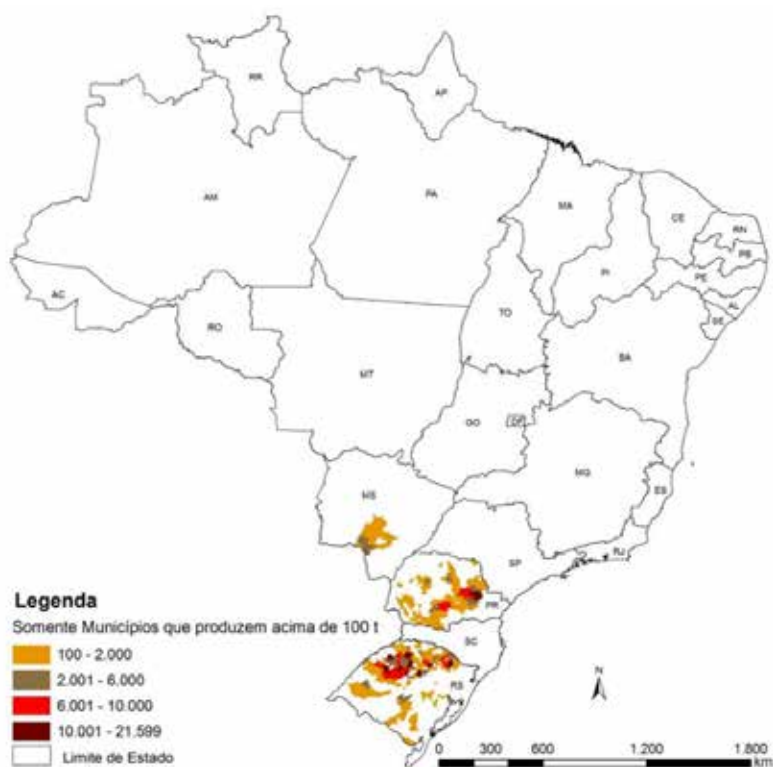
No Rio Grande do Sul, estado com maior área plantada, o aumento estimado é de 33% em relação à safra passada, alcançando 118,4 mil hectares. A colheita está encerrada. A produtividade e a qualidade do produto ficaram muito aquém das expectativas iniciais. A maior parte do produto colhido não serve para ali-

mentação humana, depreciando a comercialização. A produtividade final é de 1.840 kg/ha.

No Paraná a cultura sofreu bastante ataque de doenças fúngicas e teve a produtividade e a qualidade prejudicada. Com a colheita finalizada com atraso em função das chuvas, a produtividade é 19,3% inferior à safra passada. O grão colhido tem múltiplos usos, tais como, utilização como semente na próxima safra, alimentação animal e venda para a indústria. A produção total no Paraná será 113,8 mil toneladas.



Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 61 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 62 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	176,5	20,8	2.027	1.879	(7,3)	296,2	331,7	12,0
PR	57,1	58,1	1,8	2.429	1.959	(19,3)	138,7	113,8	(18,0)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	1.840	4,0	157,5	217,9	38,3
CENTRO-SUL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2
BRASIL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.



8.2.2. CANOLA

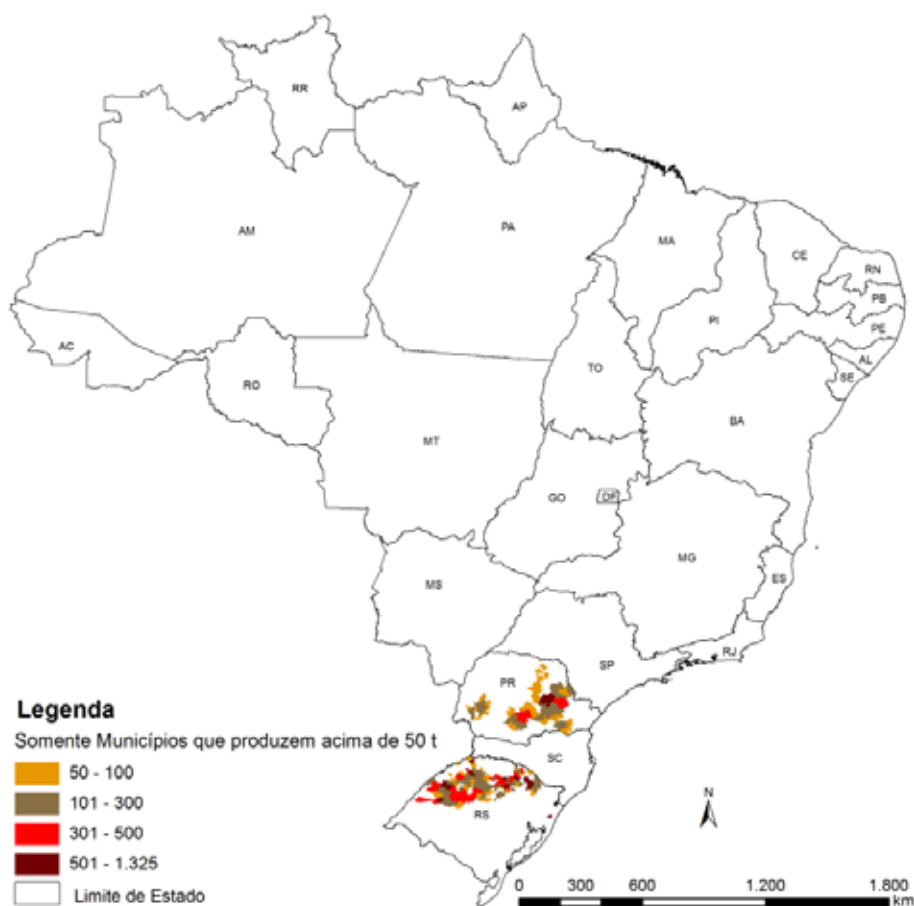
A estimativa da safra da canola no Brasil é que haja uma produção de 54,9 mil toneladas, que apresenta um aumento de 51,2%. Dessa forma, mesmo com a redução de 0,7% na área plantada, o ganho na produtividade, a qual estima-se em 1.236 kg/ha, aumento de 52,2% em relação à safra 2014.

No Rio Grande do Sul a área plantada nessa safra é estimada em 36,5 mil hectares, com produtividade média de 1.200 kg/ha. O resultado econômico foi considerado satisfatório devido ao preço de comercialização, que é equiparado ao preço da soja, e o custo de produção menor do que a maioria dos cultivos de inverno, embora ocorresse diminuição da produ-

tividade, por causa de problemas climáticos e características morfológicas dos frutos, que prejudicam o rendimento ao abrirem-se durante a colheita, que faz aumentar a perda. A produção é de 43,8 mil toneladas para o estado, sendo que a colheita foi finalizada.

A canola possui área de 7,9 mil ha no Paraná na safra 2015, 38,6% superior a safra 2014, mas a produtividade foi 2,3% menor que na safra passada - 1.436 kg/ha. Nessa cultura não há problemas relacionados à qualidade, pois conseguindo colher a produção, ela destina-se à produção de óleo vegetal. A colheita e a comercialização já estão concluídas.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 63 – Calendário de plantio e colheita – Canola

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul	C							P				C
PR	C							P				C
RS	C							P				
Centro-Sul	C							P				
Brasil	C							P				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 64 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
PR	5,7	7,9	38,6	1.436	1.403	(2,3)	8,2	11,1	35,4
RS	39,0	36,5	(6,4)	720	1.200	66,7	28,1	43,8	55,9
CENTRO-SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
BRASIL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

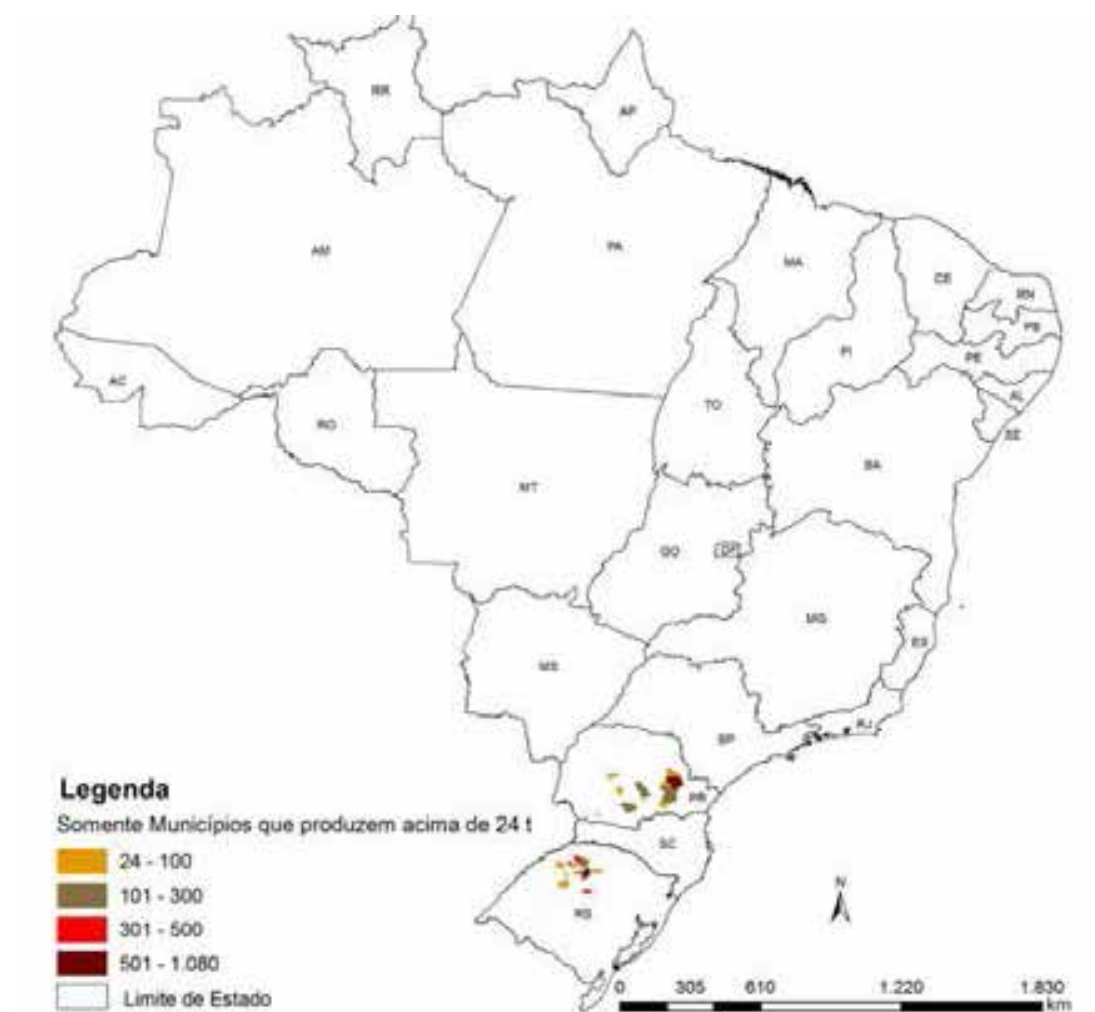
8.2.3. CENTEIO

O centeio é uma cultura de área em decréscimo no país, sendo que nesta safra houve decréscimo de 5,6%. No Paraná a queda foi de 8%. A produção no estado destina-se à farinha integral, utilizada em massas e pães. A produtividade foi 10,1% inferior a safra passada, atingindo 1.890 kg/ha em razão das condi-

ções climáticas. A qualidade do produto está regular. No Rio Grande do Sul a colheita está encerrada com área cultivada de 0,5 mil hectares e produção de 0,6 mil toneladas. A produção total do país deve ser de 2,9 mil toneladas.



Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 65 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/	09	
	PrimaveraV			erão			Outono			Inverno		
	OutN	ov	Dez	Jan	Fev	MarA	br	Mai	Jun	Jul	AgoS	et
SulC									P			
P RC									P			
R SC								PP				
Centro-Sul		CP										
Brasil		CP										

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 66 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
PR	1,3	1,2	(8,0)	2.103	1.890	(10,1)	2,7	2,3	(14,8)
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.200	(20,0)	0,8	0,6	(25,0)
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
BRASIL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.2.4. CEVADA

O Brasil deverá produzir 264,7 mil toneladas de cevada em 102,4 mil hectares. Com isso, a produtividade média será de 2.777 kg/ha, 6,6% maior do que a safra 2014.

No maior estado produtor do país, o Paraná, a produção total será de 184,8 mil toneladas, o que representa redução de 2,1% em relação à safra passada. Mesmo com um aumento de 4% na produtividade, a redução de área plantada impactou significativamente na redução da produção total. Colheita finalizada.

No Rio Grande do Sul a colheita da cevada foi encerrada. Área cultivada foi de 49,5 mil hectares e produção de 74,3 mil toneladas.

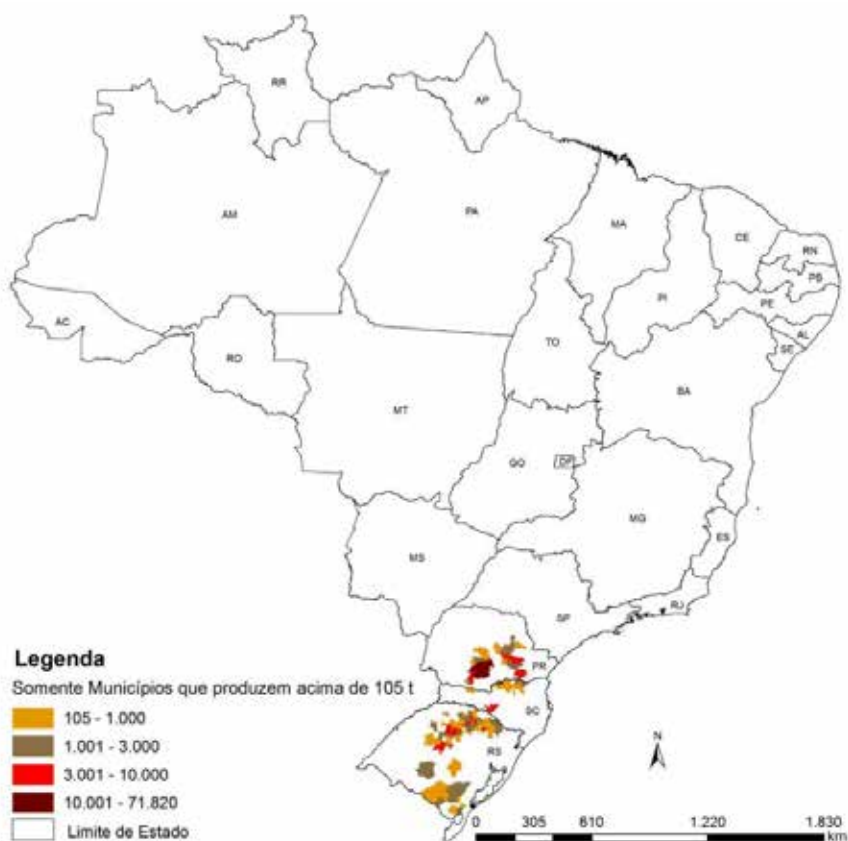
Estimativas da indústria cervejeira apontam para o aproveitamento para produção de malte de apenas 30 mil toneladas. O restante será destinado para ração.

Em Santa Catarina o excesso de chuvas durante o plantio seguido de estiagem no desenvolvimento vegetativo, geadas tardias e volta da chuva durante a granação prejudicaram o rendimento e a qualidade do produto reduzindo a produtividade em 58,2% frente a safra passada.

A qualidade também foi afetada, já que o excesso de chuva ocorrido a partir da granação até a colheita afetou a formação dos grãos, resultando em perdas de grande monta. A grande parte da produção não deve ser aproveitada para a produção de malte, já que a germinação e sanidade dos grãos ficou muito aquém do desejado pela indústria cervejeira. Em torno de 75% do produto é enquadrado como de má qualidade, 21% em condição regular e o restante em boas condições, os quais podem ser aproveitados pela indústria. A aumento de 18,2% na produção foi compensando graças ao aumento de área no estado.



Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 67 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/	09	
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 68 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)
PR	53,2	50,1	(5,8)	3.547	3.689	4,0	188,7	184,8	(2,1)
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	1.380	(58,2)	3,3	3,9	18,2
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	1.500	(16,7)	113,4	74,3	(34,5)
CENTRO-SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)
BRASIL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.



8.2.5. TRIGO

Os dados da cultura do trigo produzido no Brasil indicam que haverá redução da área plantada em 11,2%, ficando em 2,45 milhões de hectares. Mesmo com a produtividade 4,4% superior, a produção total será 7,3% inferior à safra passada.

No Paraná a redução de área será de 3,5%, impactando na produção total no estado que será 3,4 milhões de toneladas. Instabilidade climática, como excesso de chuvas em julho e chuvas na colheita em partes das regiões, afetaram a qualidade e produtividade de parte das lavouras colhidas. A chuva durante o plantio gerou problemas associados à manchas foliares. Já a chuva na colheita afetou a qualidade. Algo a se destacar é que houve ocorrência de trigo com PH alto, mas sem falling number, o que inviabiliza-o para destinar-se a produção de pães. A comercialização de trigo está praticamente parada. Os moinhos não estão comprando grãos na expectativa do que vai acontecer depois das novas medidas político-econômicas do governo argentino.

A safra de trigo 2015 terá um resultado semelhante ao da safra 2014 no Rio Grande do Sul. A colheita está praticamente encerrada. Área cultivada de 861,3 mil hectares e produção de 1.464,2 mil toneladas.

Grande parte do produto colhido não apresentou qualidade para uso no seu fim principal. Falta desde a cor característica até o Número de Queda (Falling Number) mínimo que é de 250 para uso na panificação, passando por w (força de glúten) baixo e PH inferior ao mínimo exigido. Outro problema enfrentado pelos produtores são as exigências dos moinhos, que estão devolvendo o produto já carregado por contestação da análise inicial do produto. A exportação de trigo com valor mínimo de proteína de 12% continua a preço bem superior ao praticado no mercado interno.

Em Santa Catarina as lavouras estavam praticamente colhidas no momento do levantamento, restando

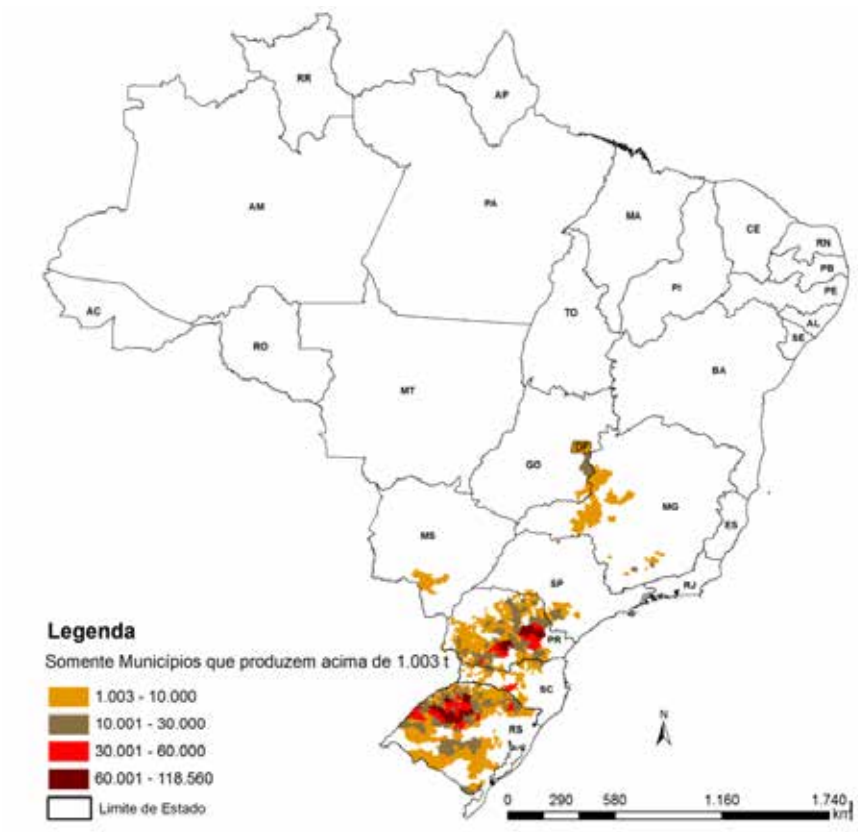
as localizadas na Região Serrana, onde o cultivo se dá mais tarde devido ao clima, mas que devem ser finalizadas até o final de dezembro. Tanto a produtividade quanto a qualidade ficaram abaixo do esperado, resultado do clima instável durante grande parte do ciclo. O excesso de chuvas acompanhou grande parte do ciclo da cultura, desde o plantio até a colheita. Ainda, eventos como geadas tardias, vendavais e granizo contribuíram para reduzir a produtividade e qualidade dos grãos. As precipitações constantes chegaram a inviabilizar a colheita de várias lavouras, pois o produto já estava deteriorado ao ponto de não ter valor comercial, o que geraria mais prejuízo ao produtor. Em vários casos onde a lavoura estava segurada, o produtor necessitou fazer a colheita para que a seguradora pudesse calcular as perdas e acionar o seguro.

A maior parte do produto deve se destinar às indústrias de ração devido ao baixo padrão para produção de farinha. O PH do produto que ainda deve ser aproveitado pelas indústrias moageiras varia desde 70 a 75, sendo raras as amostras acima disso, o que deve ocasionar falta de produto de qualidade para abastecer o mercado consumidor, que já observa elevação dos preços de produtos derivados do trigo, além da própria farinha. Contudo, os moinhos devem buscar o produto no mercado internacional, como o argentino, que deve ofertar maiores volumes do cereal após a queda do imposto de exportação (retenciones). Assim, apesar da quebra de safra nacional, esta pode ser suprida em parte pelo mercado externo, e os preços finais da farinha devem ficar na dependência da variação do câmbio.

Além disso, a produção de sementes que seria utilizada na próxima safra também apresentou perdas em quantidade e qualidade. As sementeiras estão realizando o beneficiamento de forma a aproveitar ao máximo o produto disponível, mas são os testes de laboratório (germinação, vigor, sanidade, etc) que darão o resultado final sobre o aproveitamento do produto como material propagativo.



Figura 39 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 69 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 70 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	156,4	19,8	2.717	3.247	19,5	354,6	507,8	43,2
MG	68,0	82,2	20,9	3.004	2.982	(0,7)	204,3	245,1	20,0
SP	62,5	74,2	18,7	2.404	3.541	47,3	150,3	262,7	74,8
SUL	2.604,2	2.266,2	(13,0)	2.124	2.179	2,6	5.530,7	4.939,0	(10,7)
PR	1.388,5	1.339,9	(3,5)	2.731	2.506	(8,2)	3.792,0	3.357,8	(11,5)
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	1.800	(38,8)	222,5	117,0	(47,4)
RS	1.140,0	861,3	(24,4)	1.330	1.700	27,8	1.516,2	1.464,2	(3,4)
CENTRO-SUL	2.758,0	2.448,8	(11,2)	2.165	2.260	4,4	5.971,1	5.534,9	(7,3)
BRASIL	2.758,0	2.448,8	(11,2)	2.165	2.260	4,4	5.971,1	5.534,9	(7,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa janeiro/2015.

8.2.5.1. OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

A produção de trigo estimada pela conab em dezembro/15 foi de 5.534,9 mil toneladas ante 7.070,3 mil toneladas na primeira avaliação do mês de agosto de 2015, ou seja, recuo de 21,8% frente a estimativa inicial. A quebra foi resultado do dano causado pelo clima na cultura de trigo nas zonas de produção da região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Os danos causados na safra, da ordem de 1,53 milhão de toneladas exigirão maiores importações, que poderá superar 5,75 milhões de toneladas, acréscimo que deverá ocorrer no primeiro semestre de 2016, não obstante a redução da moagem, em vista da não disponibilidade de trigo de boa qualidade para todos os moinhos a partir de janeiro.

Entre janeiro e novembro de 2015 foram importadas 4,70 milhões de toneladas, 76,7% de origem Argentina, ante 5,49 milhões de toneladas, no mesmo período de 2014, com participação da Argentina de apenas 26,6%.

Em 2015, até novembro, a região Nordeste importou 2,65 milhões de toneladas e a região sudeste 1,31 mi-

lhão de toneladas, ante 2,06 milhões no mesmo período de 2014. A expectativa de maiores importações pelo Brasil no primeiro semestre de 2016, se deve à reduzida oferta interna de trigo de boa qualidade devido a elevada perda de safra.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo, a previsão da moagem industrial foi estimada em 10,0 milhões de toneladas, próxima às estimativas da Abitrigo.

Por outro lado, estima-se que as exportações deverão ser de 1,3 milhão de toneladas contra 1,68 milhão em 2014. Reportes de demanda por trigo de baixa qualidade com PH 72, seguem ocorrendo ao preço entre R\$580,00 e R\$590,00 por tonelada, posto no porto do Rio Grande sobre rodas.

Nessa conjuntura, o consumo interno deverá ser de 10,3 milhões de toneladas, ante 10,7 milhões de toneladas em 2014, viabilizando um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 792 mil toneladas, equivalente a um mês de consumo.

8.2.6. TRITICALE

No Paraná a colheita e a comercialização estão praticamente finalizadas. A facilidade do manejo da cultura é mais importante do que o preço do produto colhido. O plantio é feito mais para controle da buva e rotação de plantio do que para finalidade econômica. A área de 10,9 mil hectares é 14,8% superior à safra passada

e produtividade 4,3% superior. O cereal também teve sua qualidade reduzida, o que afeta a comercialização da parte destinada à farinha. Entretanto, para a parte da produção destinada à alimentação animal isso não influencia a comercialização.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – triticale

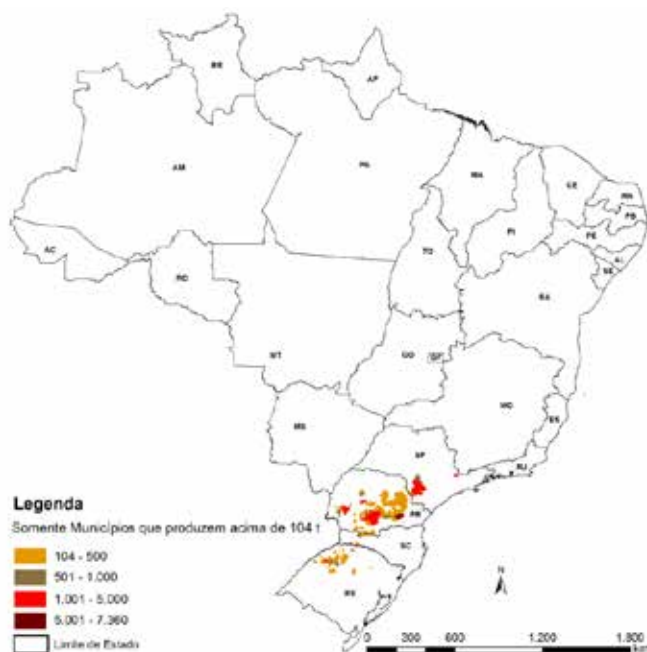


Tabela 71 – Calendário de plantio e colheita – triticale

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste								P				C
SP	C							P				C
Sul		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
Centro Sul								P				
Brasil												

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 72 – Comparativo de área, produtividade e produção – triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	4,3	(78,5)	2.400	3.140	30,8	48,0	13,5	(71,9)
SP	20,0	4,3	(78,6)	2.400	3.133	30,5	48,0	13,5	(71,9)
SUL	19,1	17,2	(9,9)	2.503	2.523	0,8	47,8	43,4	(9,2)
PR	12,8	10,9	(14,8)	2.713	2.829	4,3	34,7	30,8	(11,2)
SC	0,6	0,6	-	2.600	1.870	(28,1)	1,6	1,1	(31,3)
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	21,5	(45,0)	2.450	2.647	8,0	95,8	56,9	(40,6)
BRASIL	39,1	21,5	(45,0)	2.450	2.647	8,0	95,8	56,9	(40,6)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 73 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	3,0	2.004,3	820,0	834,3	350,0
	2015/16	350,0	1.500,2	5,0	1.855,2	800,0	740,0	315,2
Arroz em casca	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	550,0	13.866,9	11.900,0	1.300,0	666,9
	2015/16	666,9	11.628,8	1.000,0	13.295,7	11.900,0	1.100,0	295,7
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.112,2	110,0	3.526,0	3.350,0	90,0	86,0
	2015/16	86,0	3.334,6	110,0	3.530,6	3.350,0	90,0	90,6
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	350,0	96.857,9	55.959,5	30.877,7	10.020,7
	2015/16	10.020,7	82.327,4	500,0	92.848,1	58.197,9	28.000,0	6.650,2
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.692,0	1.414,8
	2014/15	1.414,8	96.228,0	330,0	97.972,8	42.850,0	54.319,0	803,8
	2015/16	803,8	102.110,5	300,0	103.214,3	44.526,0	57.482,0	1.206,3
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,0	1,0	30.761,8	15.100,0	14.826,7	835,1
	2015/16	835,1	31.185,0	1,0	32.021,1	15.500,0	15.500,0	1.021,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	20,0	8.322,5	6.359,2	1.616,7	346,6
	2015/16	346,6	7.897,5	12,0	8.256,1	6.407,8	1.400,0	448,3
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,8	6.642,4	13.697,9	11.381,5	47,4	2.269,0
	2014	2.269,0	5.971,1	5.328,8	13.568,9	10.713,7	1.680,5	1.174,7
	2015	1.174,7	5.534,9	5.750,0	12.459,6	10.367,3	1.300,0	792,3

Nota: Estimativa em novembro/2015./ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

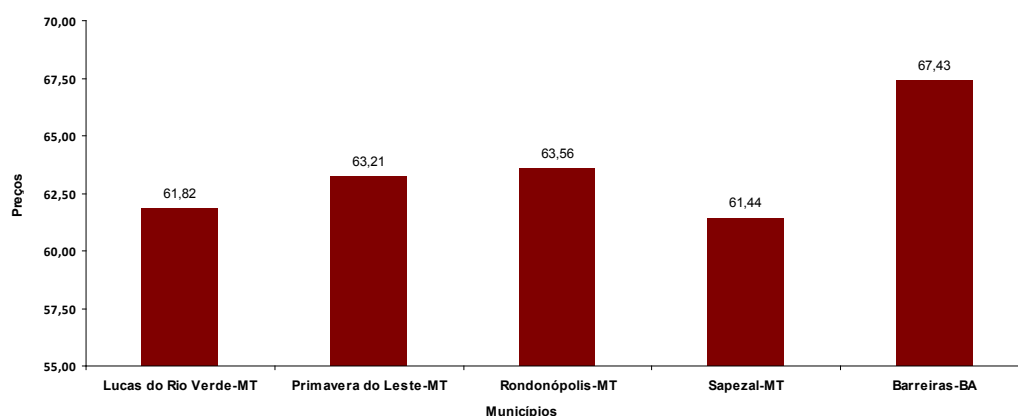
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

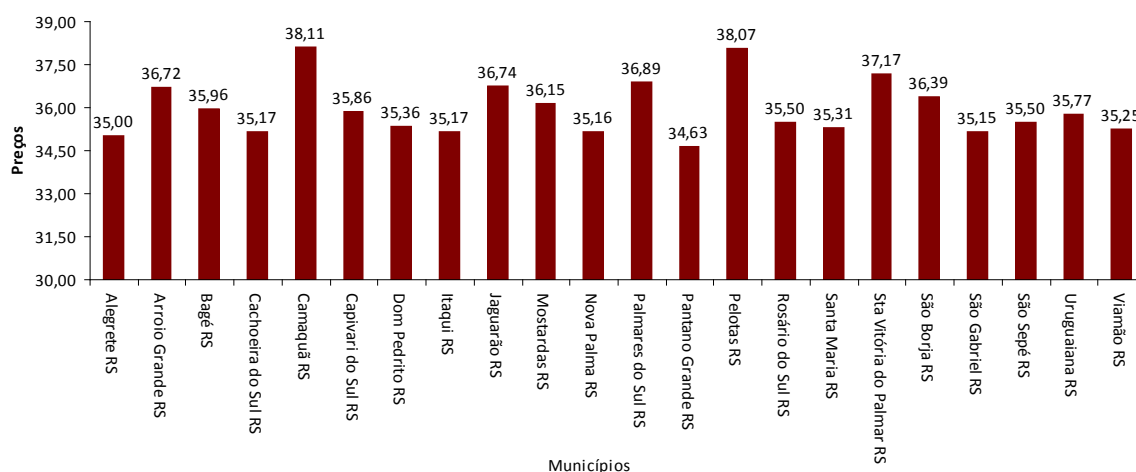
Gráfico 64 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

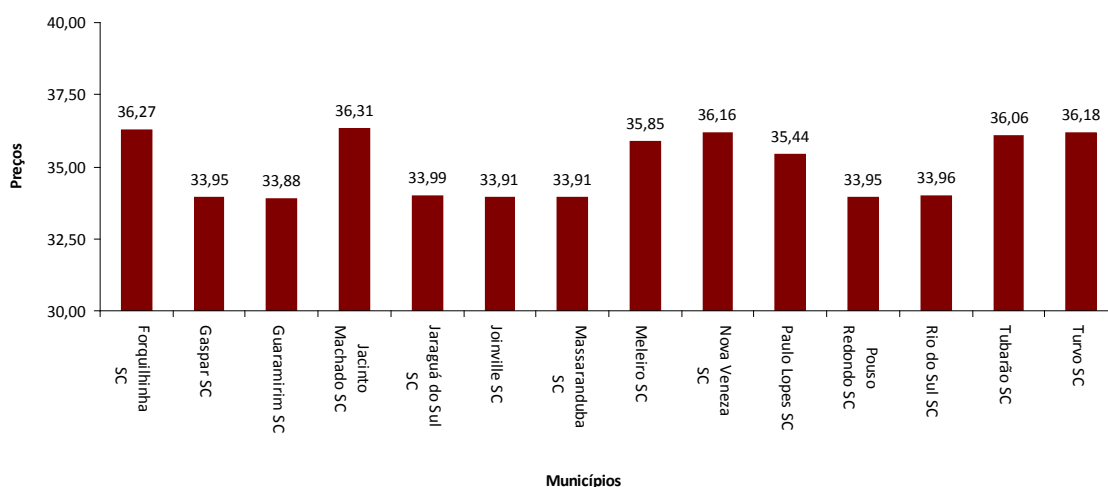
Gráfico 65 -Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 66 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

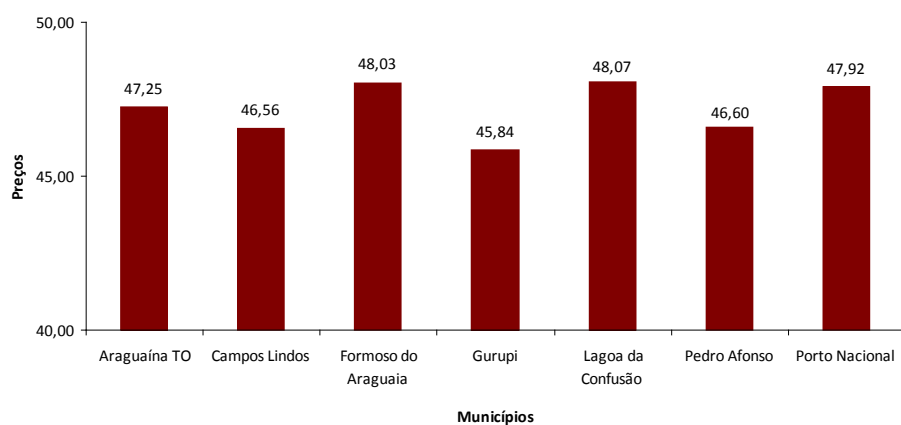


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.



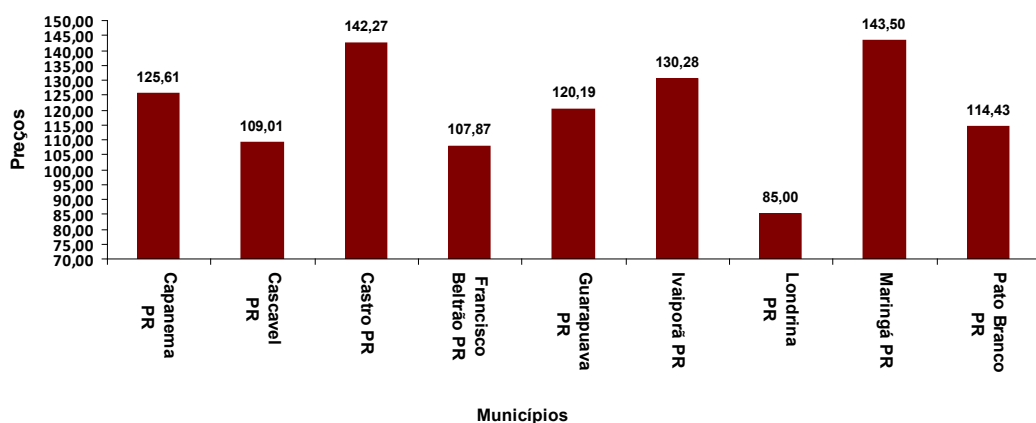
Gráfico 67 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

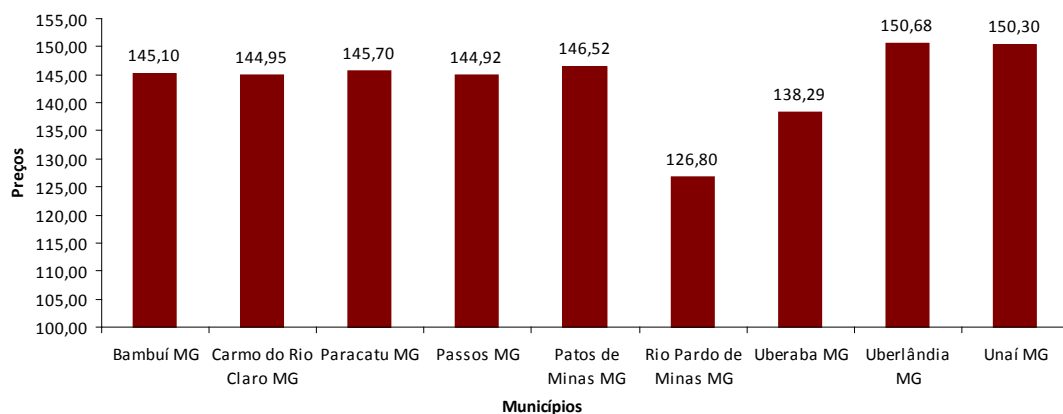
Gráfico 68 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 69 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

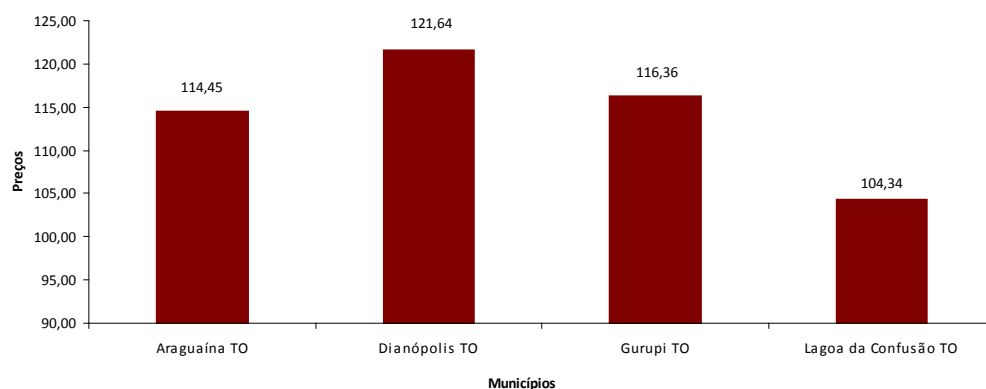


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.



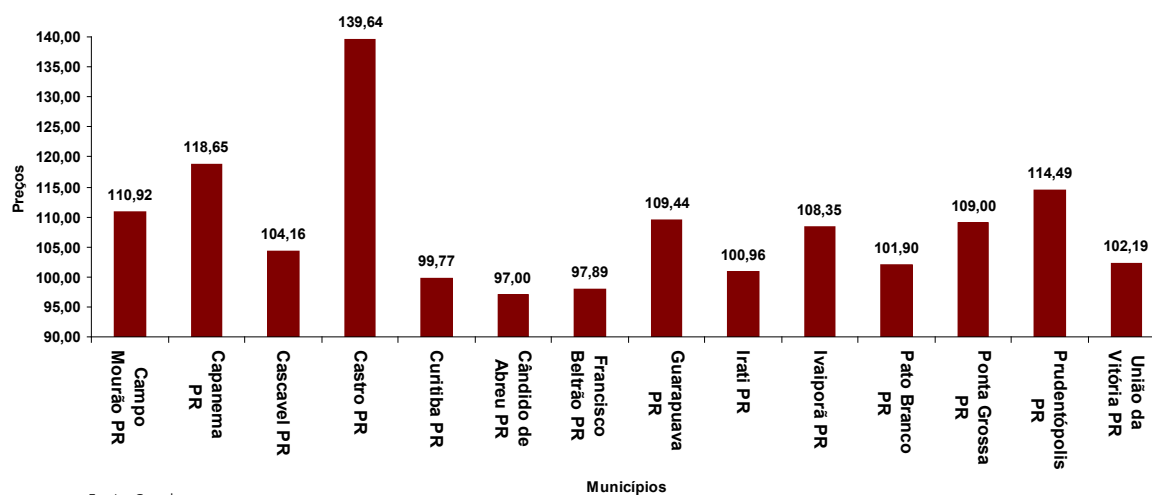
Gráfico 70 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

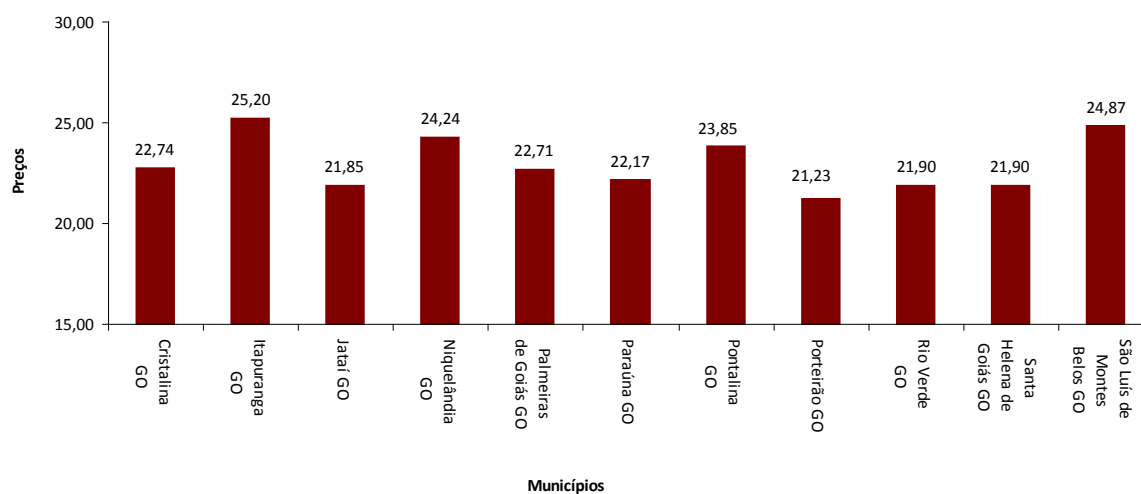
Gráfico 71 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 72 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

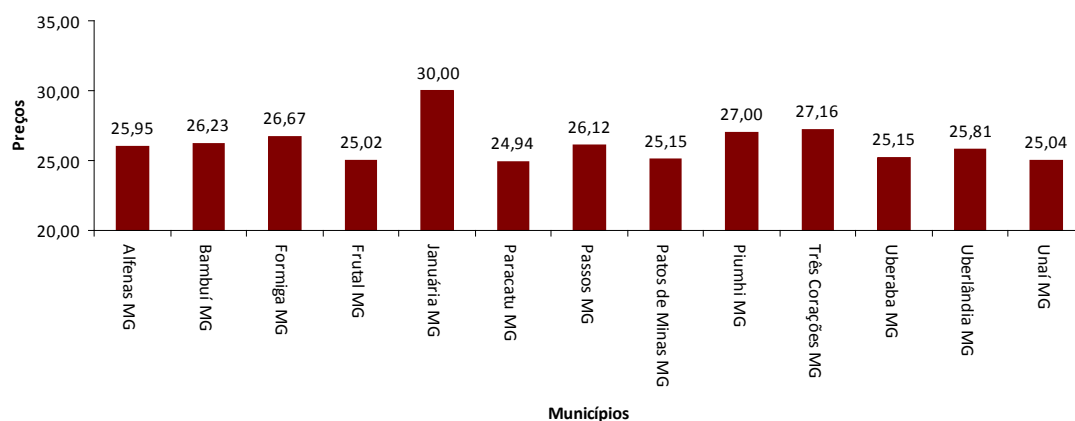


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015..



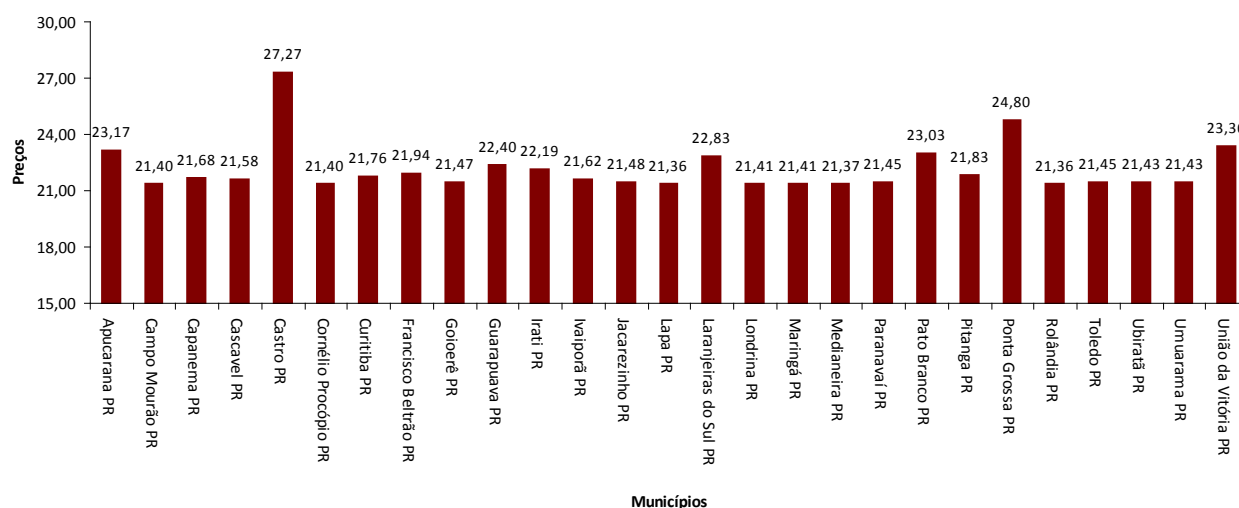
Gráfico 73 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

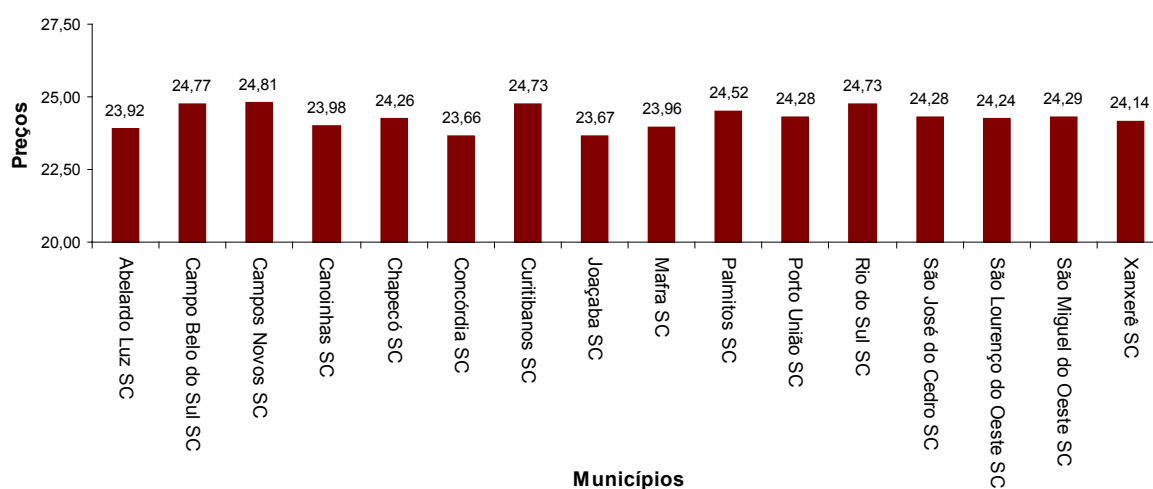
Gráfico 74 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 75 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

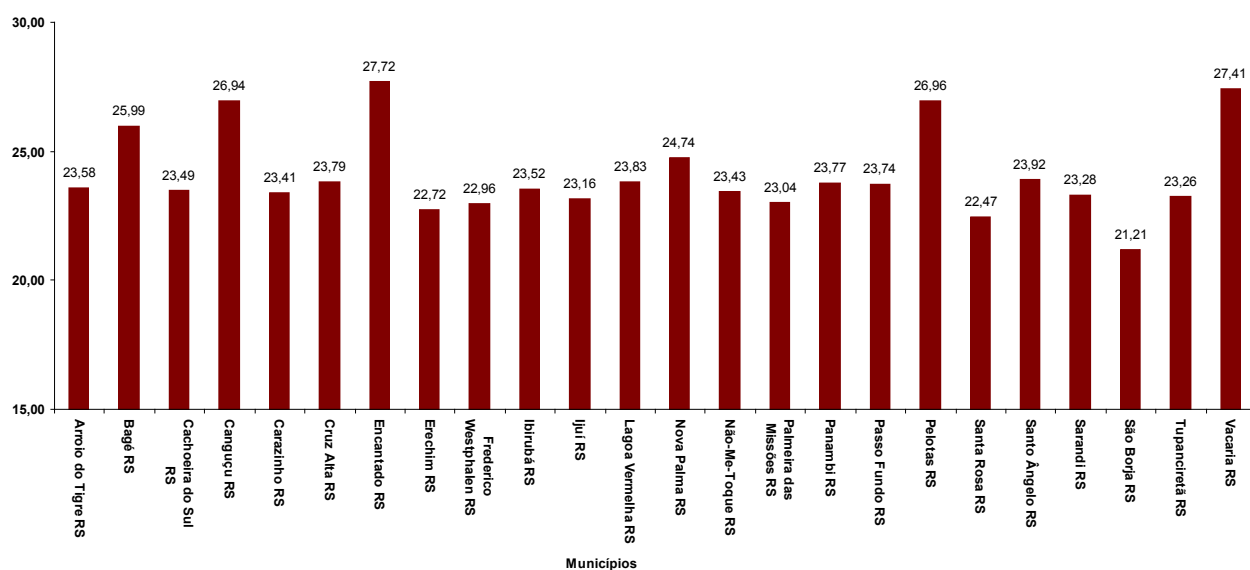


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.



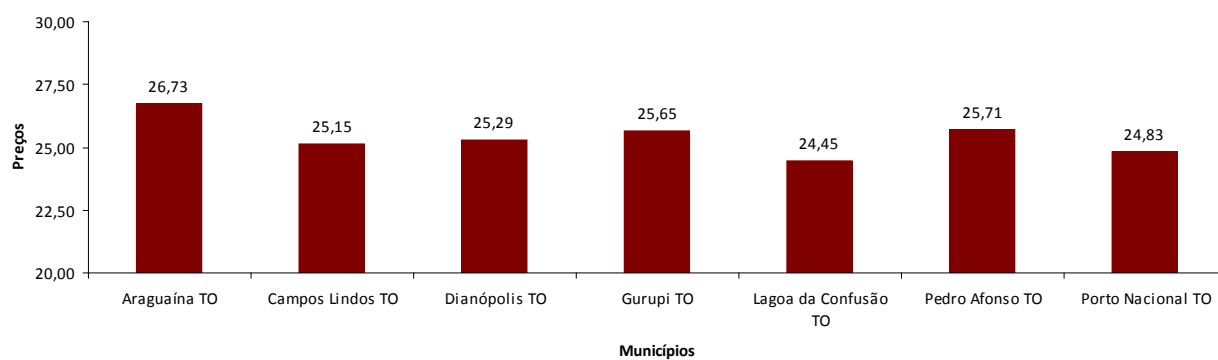
Gráfico 76 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

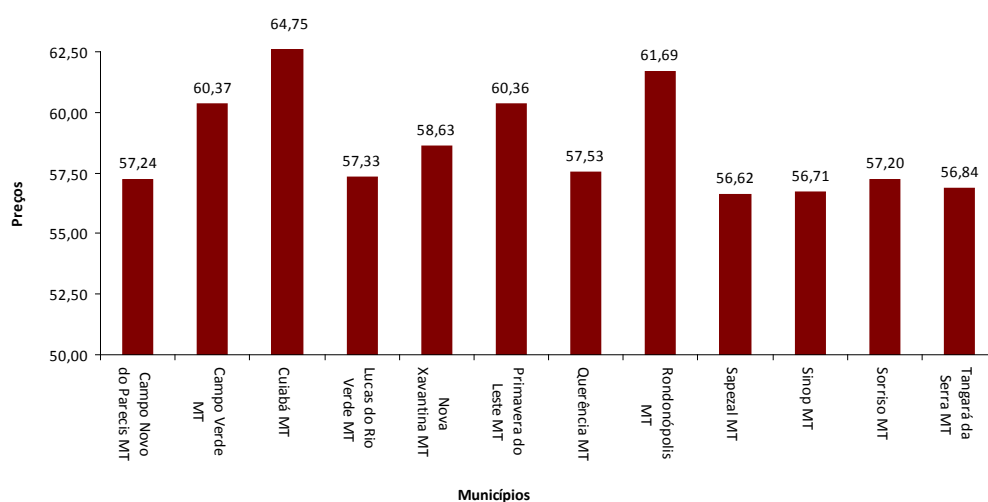
Gráfico 77 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 78 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

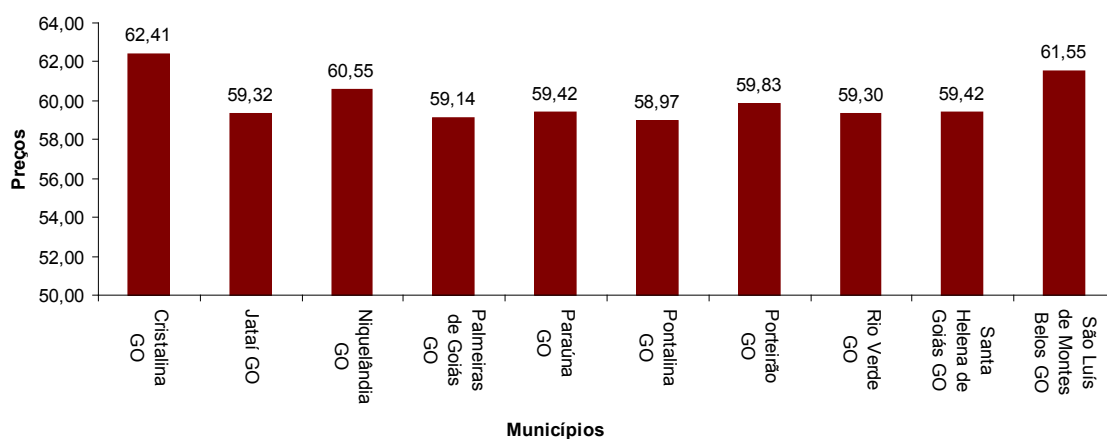


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.



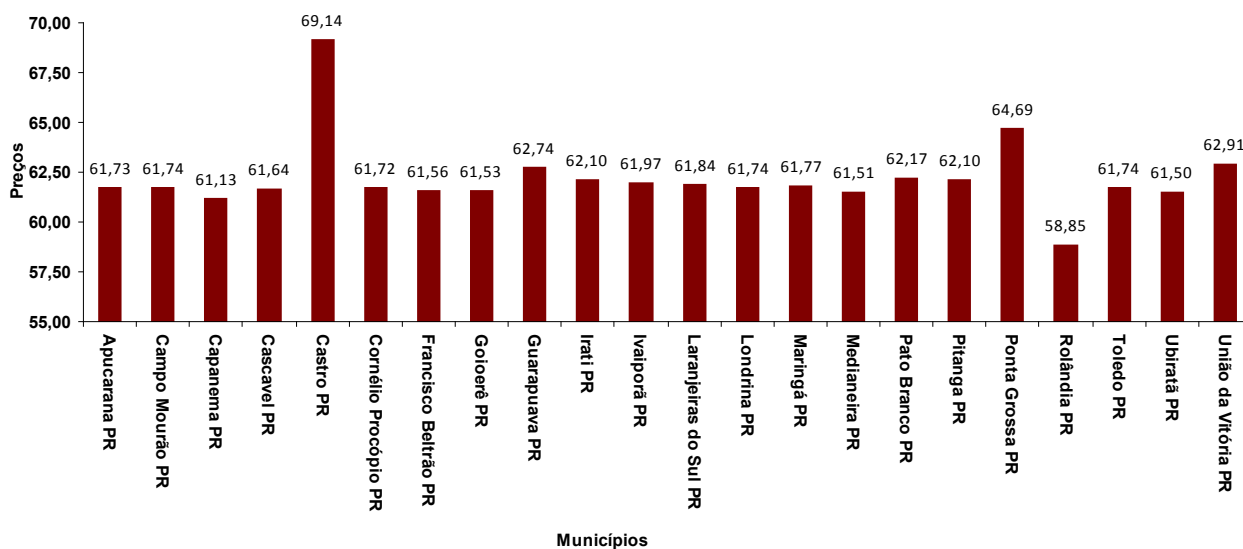
Gráfico 79 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

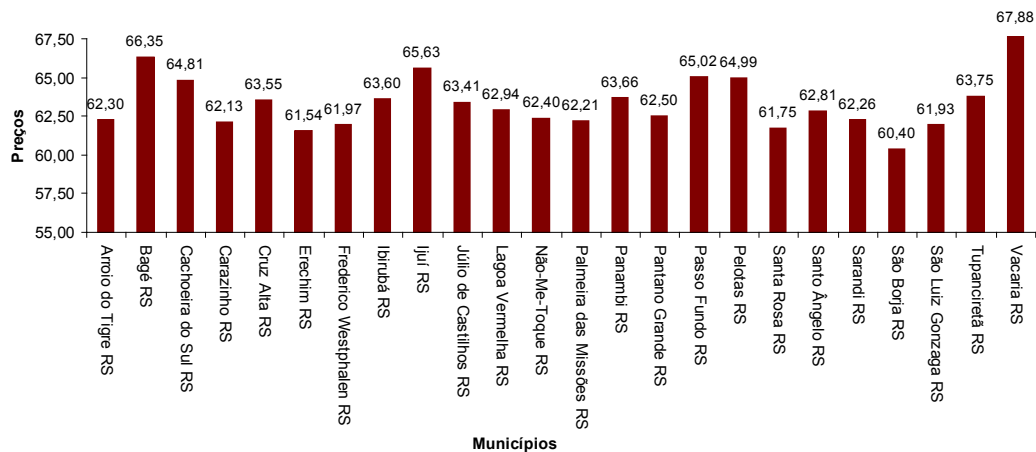
Gráfico 80 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.

Gráfico 81 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

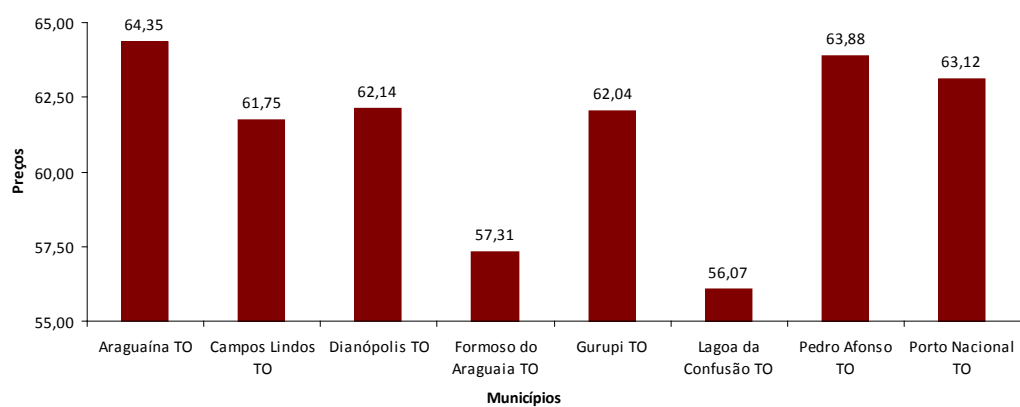


Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.



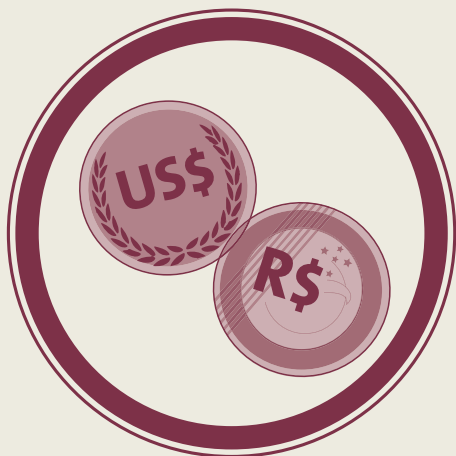
Gráfico 82 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: dezembro 2014 a dezembro 2015.





11. CÂMBIO

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de dezembro de 2014 a dezembro de 2015.

Gráfico 83 - Câmbio venda - dezembro 2014 a dezembro 2015

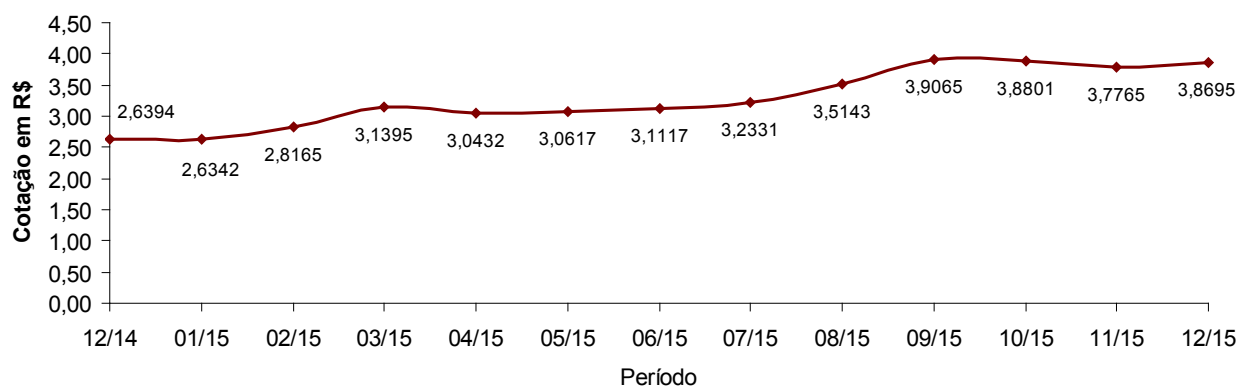
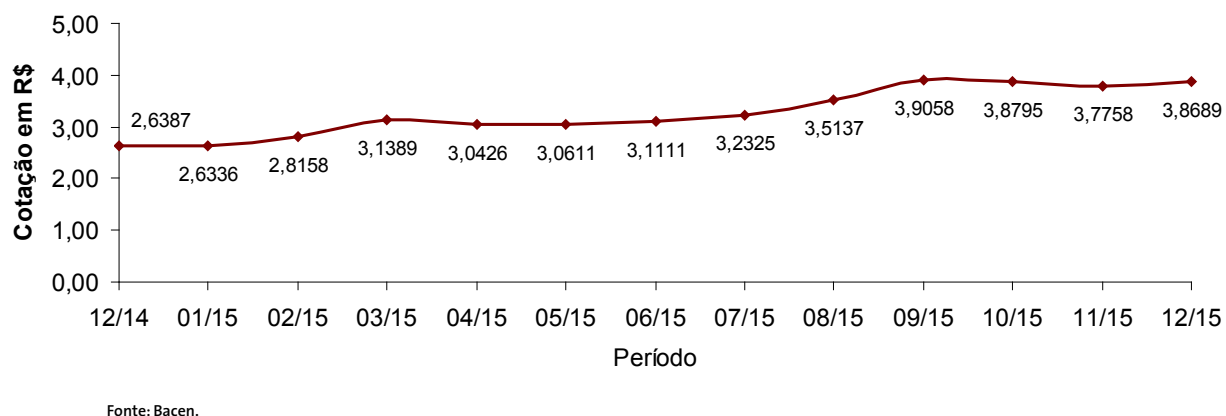


Gráfico 84 - Câmbio compra - dezembro 2014 a dezembro 2015





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

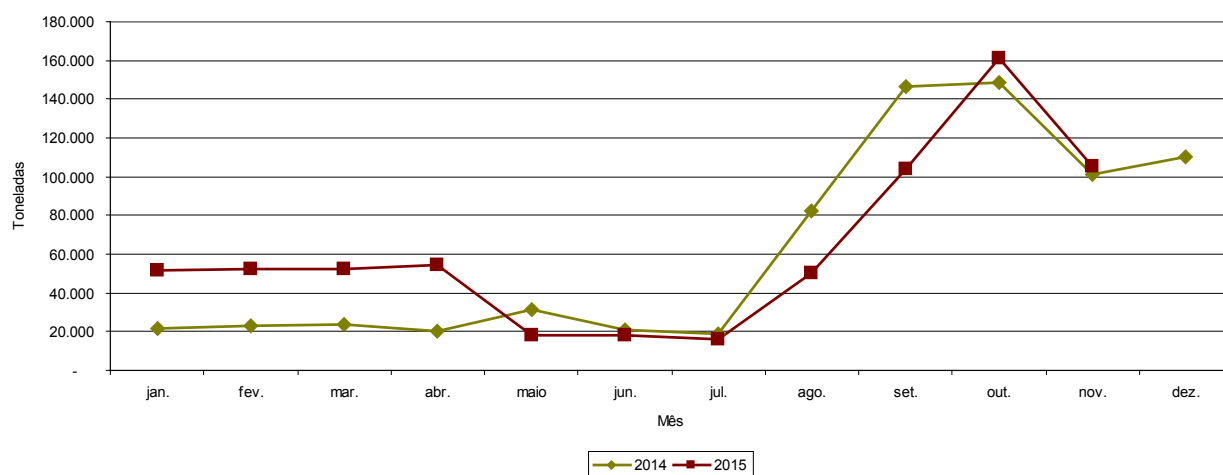
O comércio internacional de produtos agropecuários é parte do processo de escoamento da safra nacional de grãos. Por outro lado, a importação de produtos com deficit de produção é fundamental para o equilíbrio do suprimento da oferta.

Historicamente, o país é exportador de produtos agropecuários. Para fins desse relatório, que trata da produção de grãos, pode-se destacar a soja e o milho como culturas que têm indicativos de incremento de exportação neste ano de 2015, como pode se observar no texto abaixo, que também comenta outras culturas.

12.1. ALGODÃO

A exportação de algodão bruto, de janeiro a novembro 2015 atingiu 683,8 mil toneladas, com destaque para os meses de setembro a novembro onde foram exportadas em torno de 370 mil toneladas, envolvendo US\$ 1.062 bilhões de dólares americanos. No ano de 2014, no mesmo período, a exportação era 638,7 mil toneladas e o valor da exportação atingia US\$ 1.173 bilhões de dólares americanos.

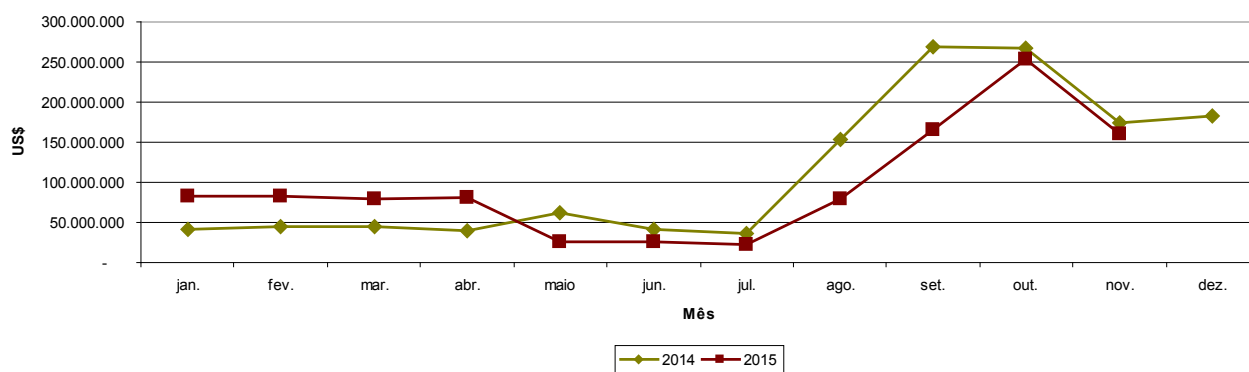
Gráfico 85 - Exportações brasileiras de algodão, em bruto - toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 86 - Exportações brasileiras de algodão, em bruto - US\$

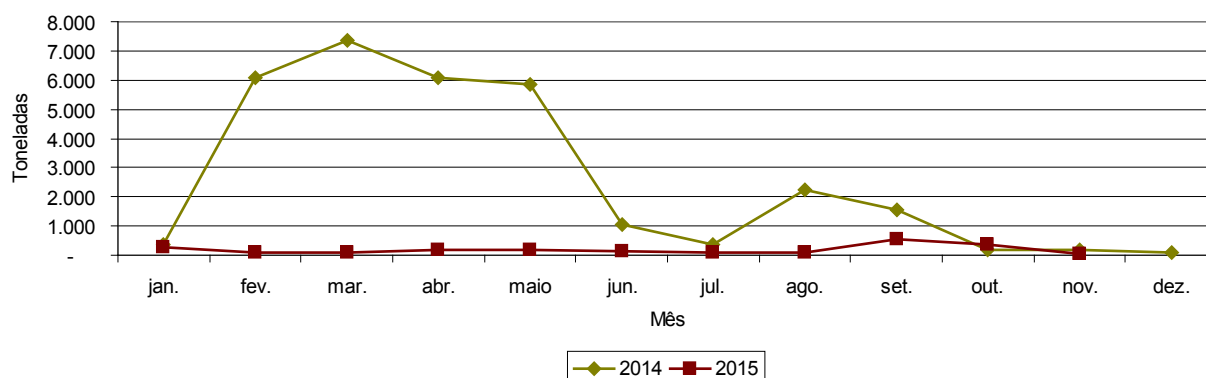


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

A importação de algodão em 2015 foi inferior ao ano de 2014, como se observa no gráfico abaixo.

Gráfico 87 - Importações brasileiras de algodão, em bruto - toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

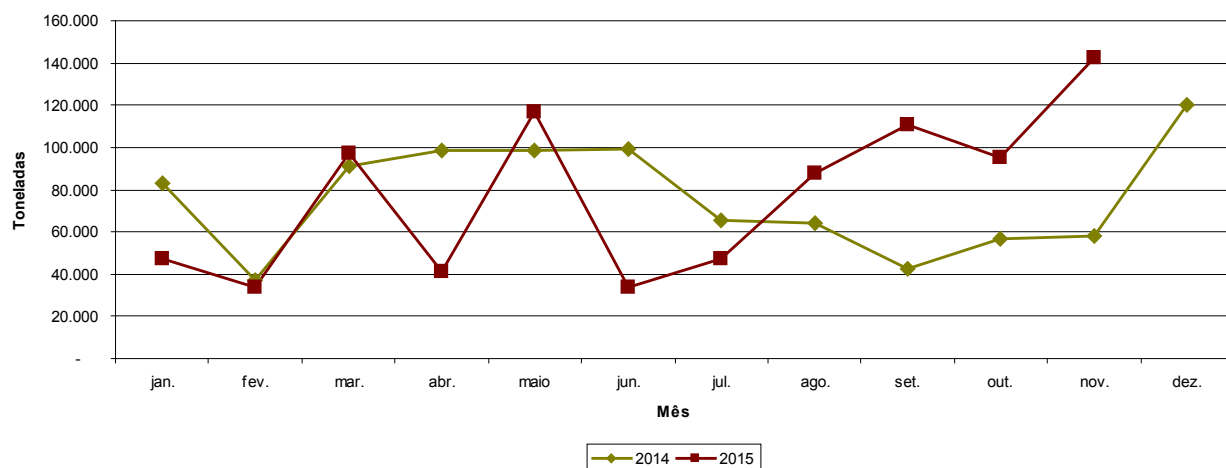


12.2. ARROZ

O comportamento da exportação de arroz em 2015 é diferente de 2014, principalmente no segundo trimestre. A partir de agosto de 2015 o quantitativo de ex-

portação tem crescimento o que é acompanhado do valor envolvido nas operações, como se observa dos gráficos abaixo.

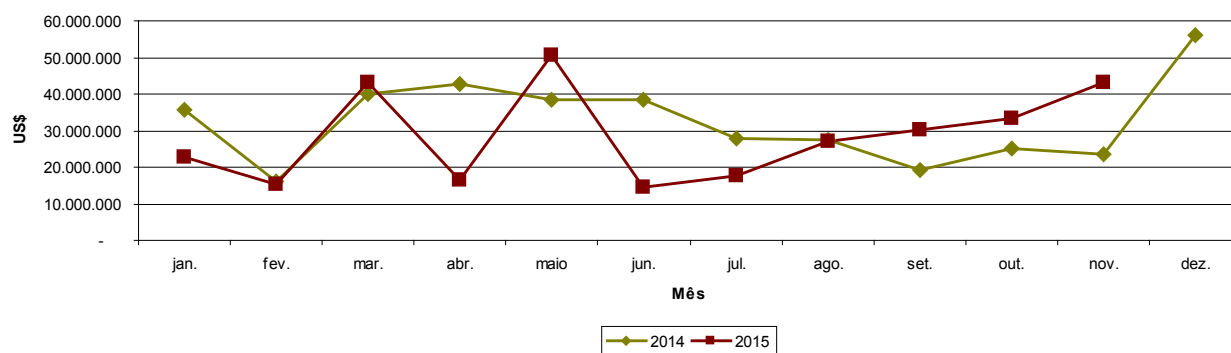
Gráfico 88 - Exportações brasileiras de arroz - toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 89 - Exportações brasileiras de arroz - US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

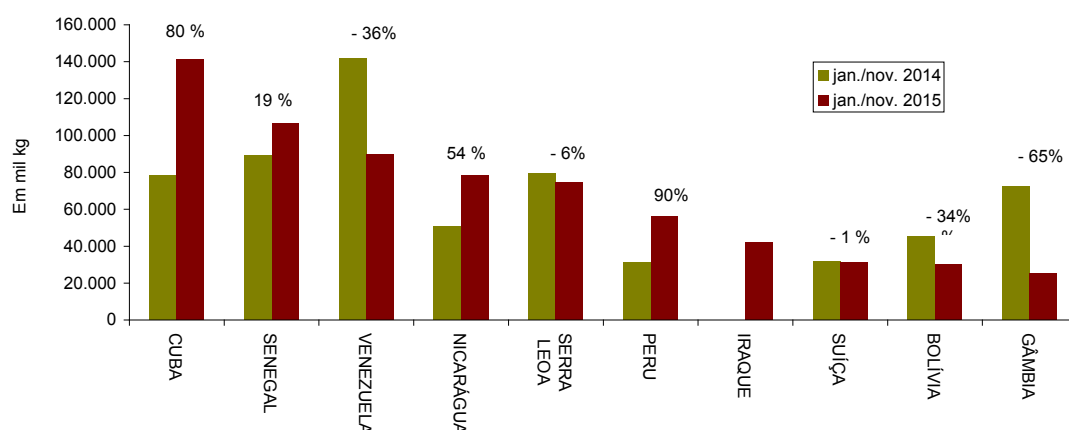
Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015..

Observa-se, comparando o período de Janeiro a novembro de 2014 e 2015, houve redução de exportação para a Venezuela (36,42%), Bolívia (33,60%) e Gambia

(65,18%). Por outro lado, para o mesmo período, houve aumento da exportação para Peru (90,11%), Cuba (80,16%), Nicarágua (54,08%) e Senegal (19,44%).



Gráfico 90 – Exportações brasileiras de arroz – Principais países importadores



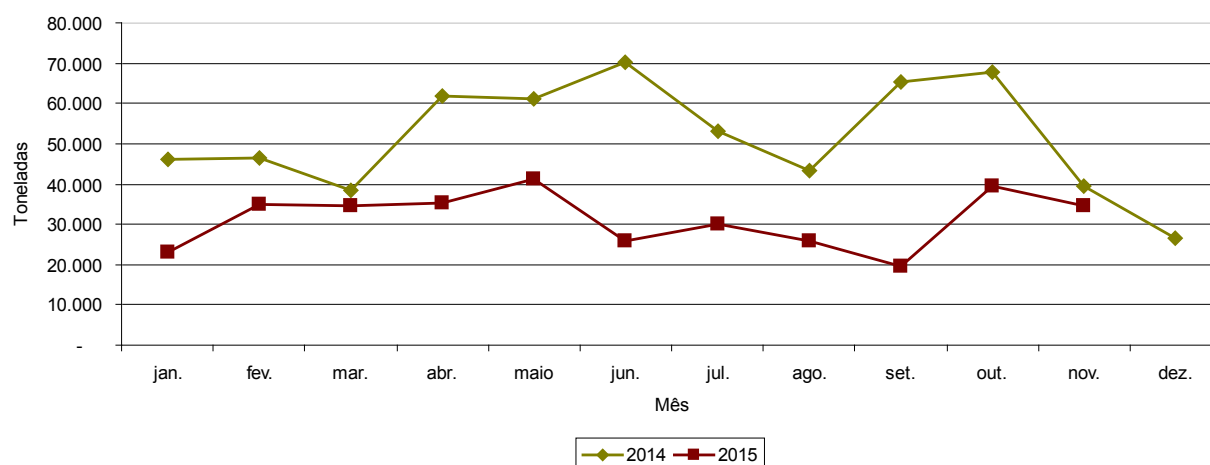
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

A importação de arroz de janeiro a novembro de 2015 é inferior ao ano de 2014, se comparada com o mes-

mo período. O gráfico abaixo demonstra a redução do quantitativo importado.

Gráfico 91 – Importações brasileiras de arroz, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

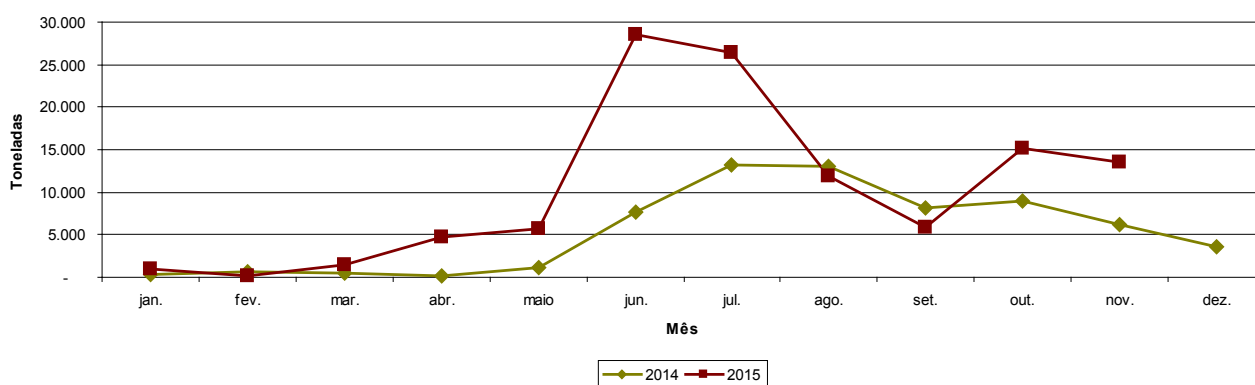
12.3. FEIJÃO

A exportação de feijão atingiu de janeiro a novembro de 2015 o quantitativo de 114,2 mil toneladas, enquan-

to que no mesmo período de 2014 ocorreu a exportação de 63 mil toneladas.



Gráfico 92 – Exportações brasileiras de feijão, toneladas



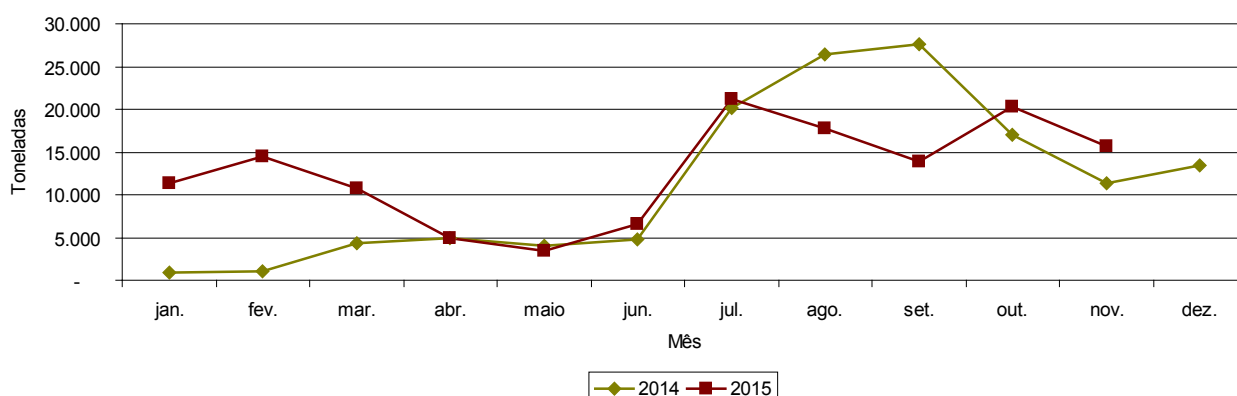
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

No período de janeiro a novembro de 2015, o país importou 140 mil toneladas de feijão que já ultrapassa

o quantitativo importado em todo o ano de 2014, que foi de 135,8 mil toneladas.

Gráfico 93 – Importações brasileiras de feijão, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

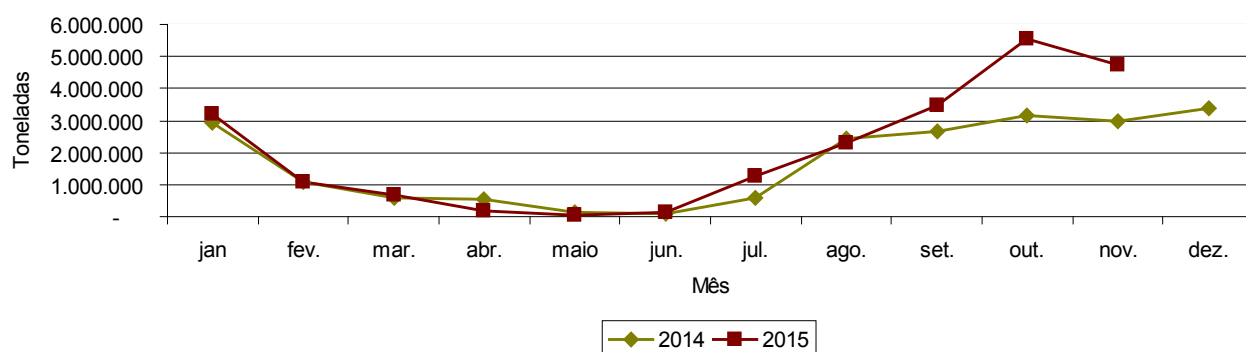
12.4. MILHO

A exportação de milho no período de janeiro a novembro de 2015 (22,6 milhões de toneladas) atingiu quantitativo superior ao total exportado no ano 2014 (20,6 milhões de toneladas). O gráfico abaixo demonstra que o comportamento da exportação tem semelhan-

ça com o ano de 2014 até setembro 15, quando há o incremento no embarque produto. A situação é a mesma ao observar o montante envolvido na exportação, como se observa dos gráficos abaixo:



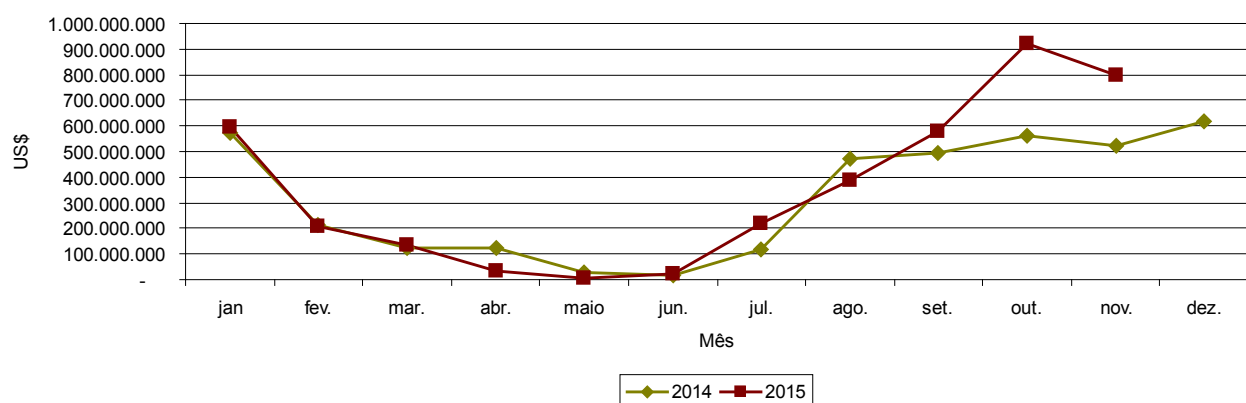
Gráfico 94 - Exportações brasileiras de milho, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 95 - Exportações brasileiras de milho, US\$



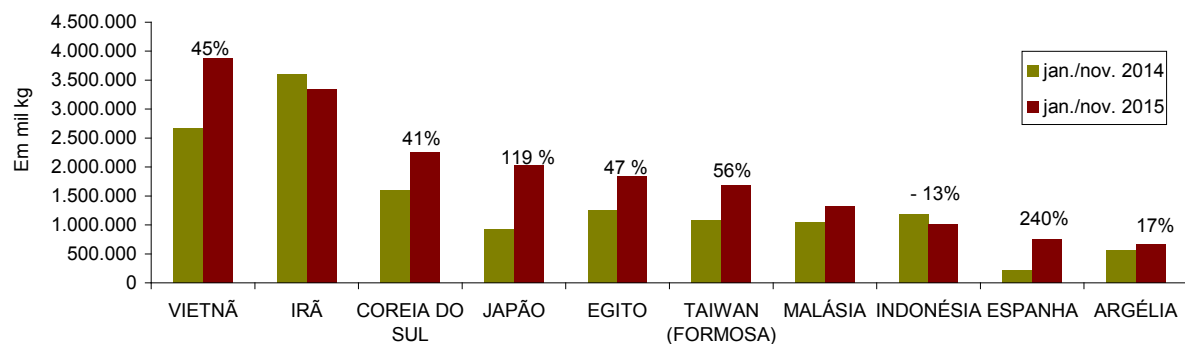
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Quando se observa o gráfico abaixo, pode-se registrar que em praticamente todos os destinos o quantitativo de milho supera o ano de 2014, destacando-se a Espanha (240,23%), o Japão (118,95%) Taiwan-Formosa

sa (55,69%), Egito (47,05%), Vietnã (44,98%), Coreia do Sul (40,73%). O Vietnã e o Irã continuam sendo os principais destinos do produto.

Gráfico 96 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

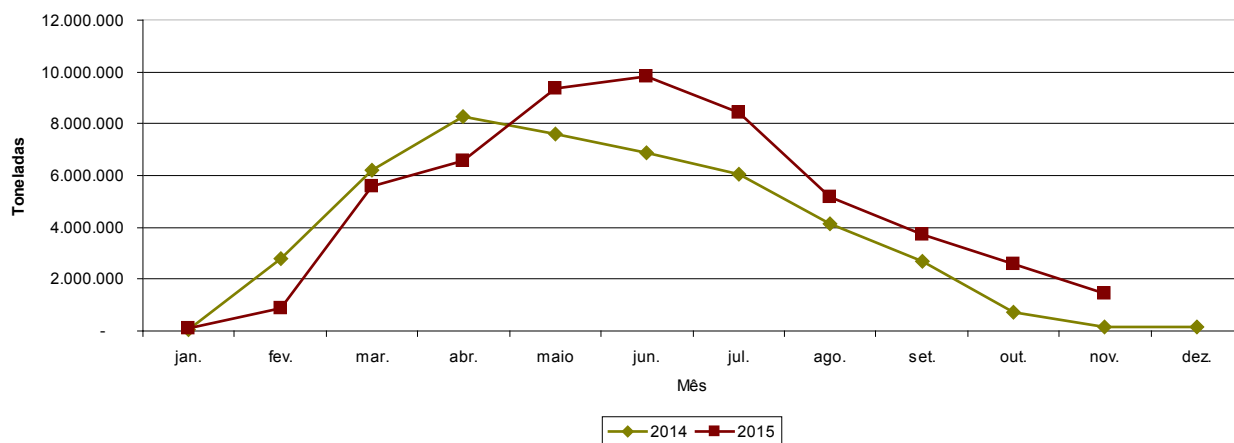


12.5. SOJA EM GRÃOS

A exportação de soja no período de janeiro a novembro de 2015 atingiu 53,6 milhões de toneladas e seu comportamento é superior ao mesmo período de 2014. Deve-se destacar que a exportação de soja atin-

ge aproximadamente 8,0 milhões toneladas a mais do que todo o ano de 2014. Essa situação reflete no montante envolvido na exportação. Os gráficos abaixo indicam o comportamento da exportação de soja.

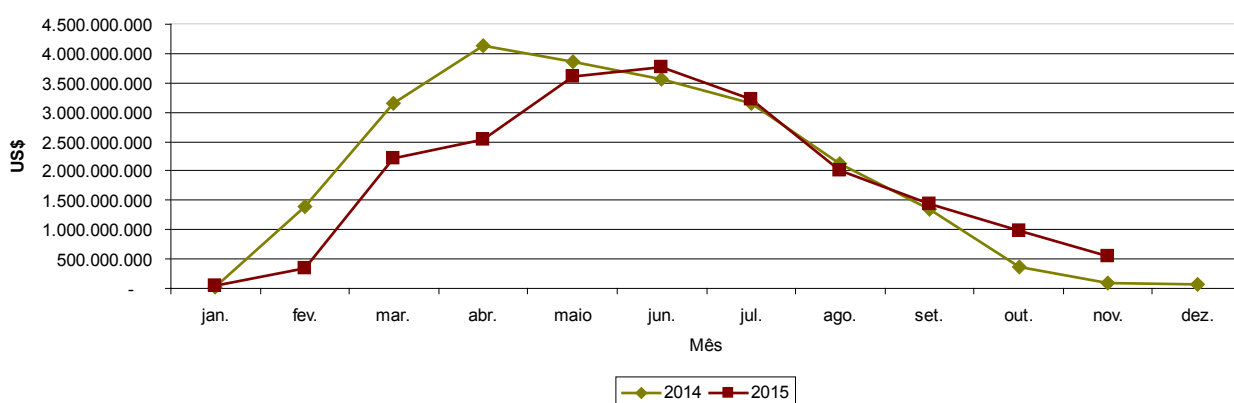
Gráfico 97 – Exportações brasileiras de soja em grãos, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015..

Gráfico 98 – Exportações brasileiras de soja em grãos, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015..

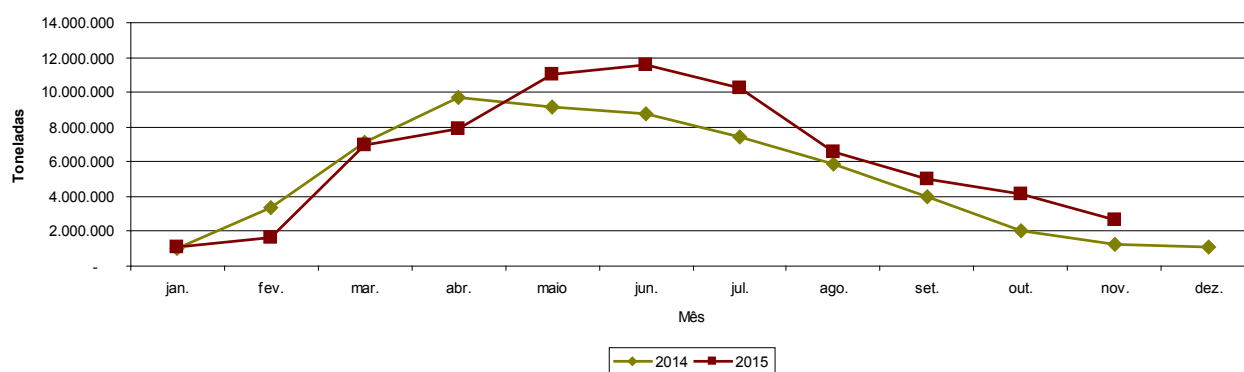
12.6. COMPLEXO SOJA

No período de janeiro a novembro de 2015, a exportação do complexo soja atinge a 68,8 milhões de tone-

ladas e 27,1 bilhões de dólares americanos, como se observa dos gráficos a seguir.



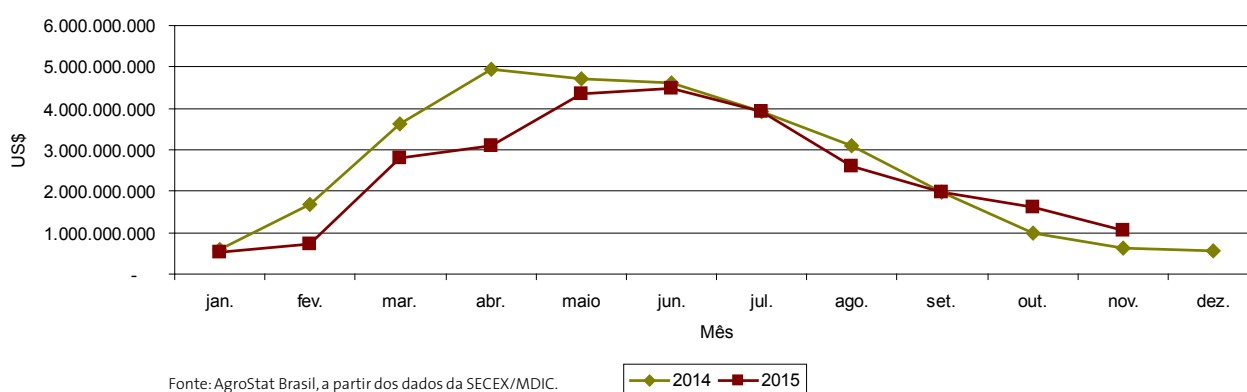
Gráfico 99 – Exportações brasileiras complexo soja, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 100 – Exportações brasileiras complexo soja, US\$



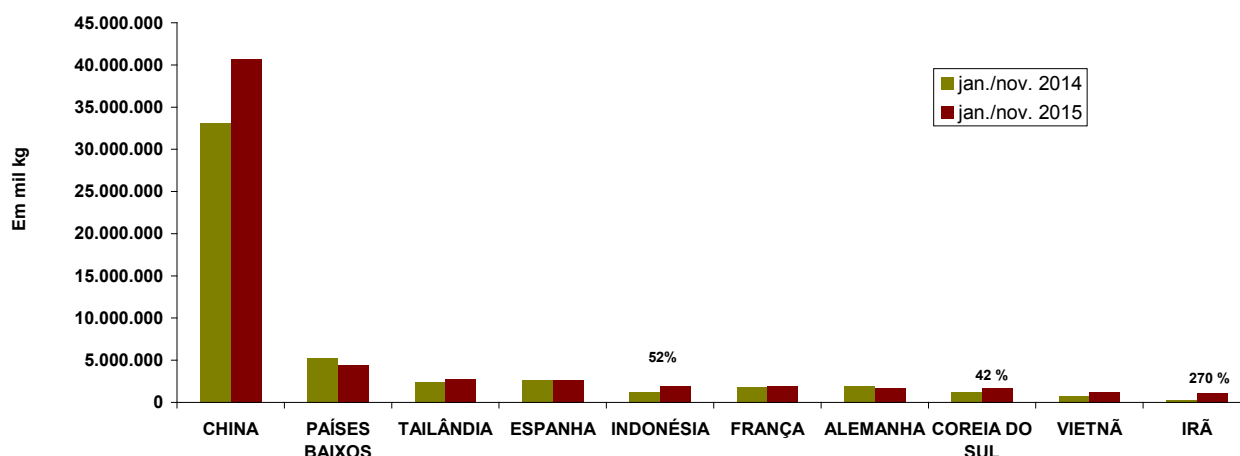
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Dentre os principais países importadores do complexo soja, destaca-se a China que aumentou em 22,99% comparando o período de janeiro a novembro de 2014 e 2015. O Brasil exportou para China, em 2015, 40,7 milhões de toneladas. Importante destacar que,

nesse mesmo período, registrou-se incremento de embarques do complexo soja para o Irã (269,72%), Vietnã (69,53%), Indonésia (51,63%), Coreia do Sul (41,83%), Tailândia (15,05%) e França (6,96%).

Gráfico 101 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

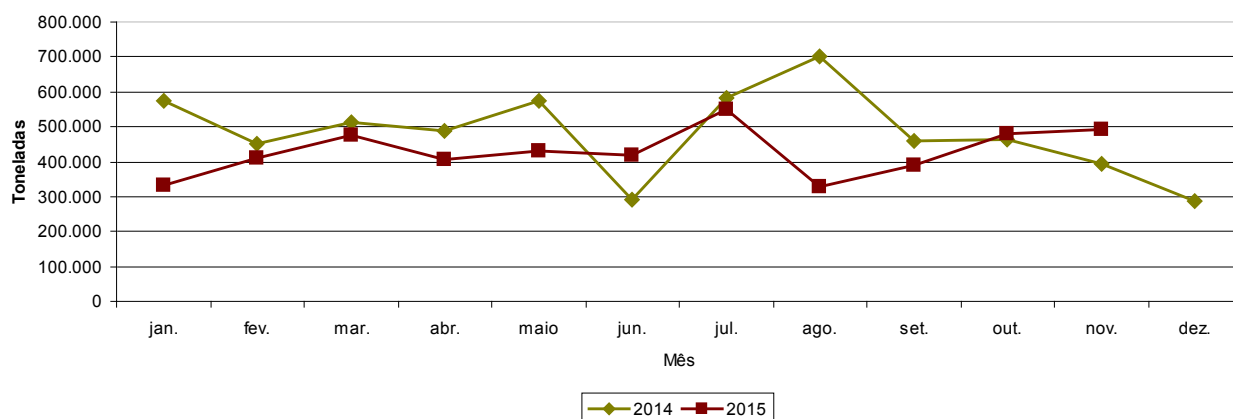


12.7. TRIGO

O Brasil, no período de janeiro a novembro de 2015 importou 4,7 milhões de toneladas de trigo, enquanto que no mesmo período de 2014 o quantitativo era de

5,5 milhões de toneladas, o que reflete em menor desembolso na importação do produto, como se observa nos gráficos abaixo.

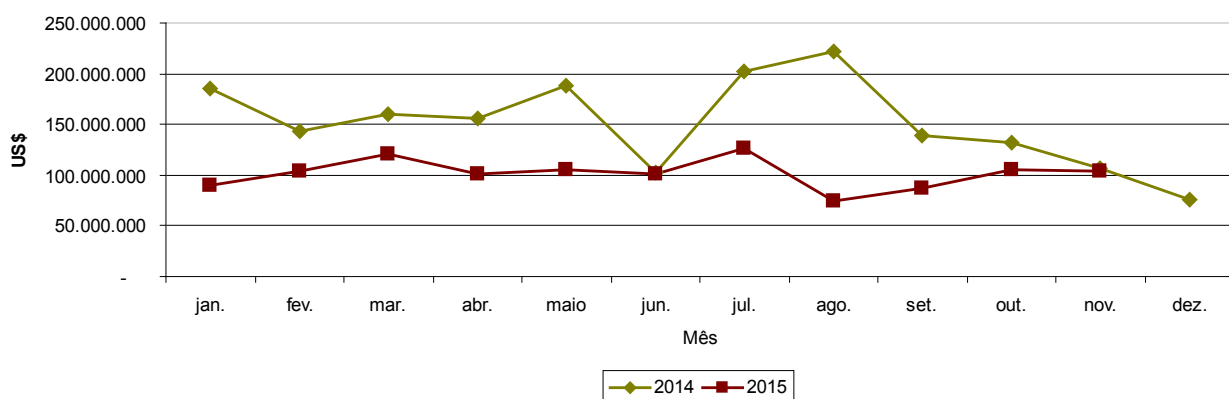
Gráfico 102 – Importações brasileiras de trigo, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 103 – Importações brasileiras de trigo, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

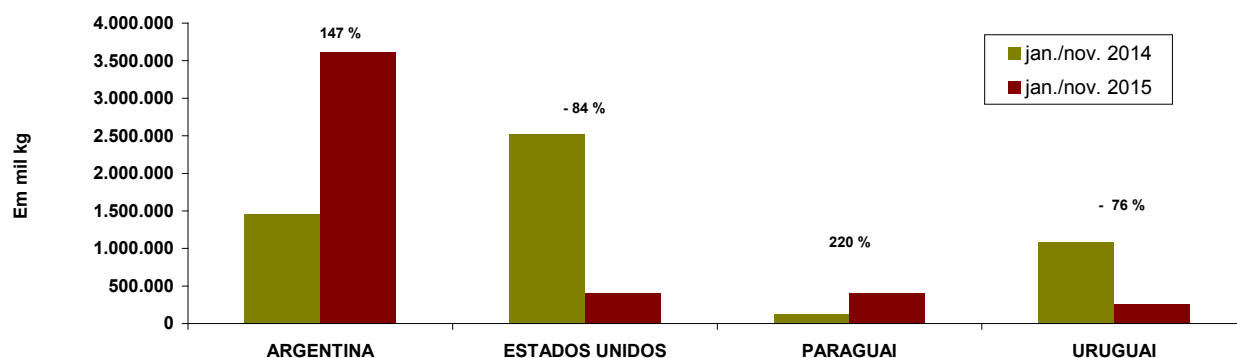
Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.

Pode-se observar que no período entre janeiro e novembro de 2015, a Argentina e o Paraguai forma os

principais fornecedores de trigo para o abastecimento nacional.



Gráfico 104 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a novembro de 2015.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

